

ROMUALDO JOAQUIM MARTINS

**MEMÓRIAS
DE UM
MÉDIUM
(FATOS SEM RETOQUES)**



C.E.U - CENTRO ESPÍRITA UBIRATAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

ROMUALDO JOAQUIM MARTINS

MEMÓRIAS DE UM MÉDIUM

(FATOS SEM RETOQUES)

Prefácio pela Professora Dna. DERNA ROSA

SÃO PAULO - 1964



C.E.U - CENTRO ESPÍRITA UBIRATAN

Atualizado Ortograficamente por:
Ivana Regina Rossi Dias
Dom Luiz G. Bayeux Da Rocha Filho

Diagramado por:
Alexandre Alves

São Paulo
1998

Possa este livro ser um esclarecimento
aos meus irmãos do caminho, estudiosos e
pesquisadores da fenomenologia espírita,
através das revelações nele difundidas.

Possa eu, na minha humildade e no
ocaso da vida, dar esta contribuição.

ROMUALDO JOAQUIM MARTINS
1895 - 1979

Fundador do C.E.U - CENTRO ESPÍRITA UBIRATAN
Fundado em 3 de outubro de 1942

Índice

À GUIZA DE PREFÁCIO	
À LUZ DO SOL	9
SAUDADES DO LEVI	11
LUX ET LUX	12
INTRODUÇÃO EXPLICATIVA SOBRE MÉDIUNS E MEDIUNIDADE	13
O AUTOR COMEÇOU ASSIM.....	16
PRIMEIRA PARTE	
FATOS SEM RETOQUES	19
1 - JOÃOZINHO	20
2 - A CASA “MAL-ASSOMBRADA” DA RUA DA CARIOCA	23
3 - O TERCEIRO ATAQUE	25
4 - O DOM DE PROFECIA	27
5 - FRANCISCA	29
6 - MARIA GRANDE	31
7 - “DUDUCHA”	35
8 - PENA GRANDE	38
9 - TRINTA REMENDOS	41
10 - TIA VELHA	44
11 - ESTRANHO E SINGULAR AVISO	46
12 - A CARTA DE ALFORRIA	49
13 - PROVAÇÃO DE MAFALDA	51
14 - UMA LINGUAGEM ESTRANHA	54
15 - 375-V-17	56
16 - A DÚVIDA	58
17 - AS FLORES DA GRATIDÃO	62
18 - DONA MARGARIDA FONSECA	64
19 - O PERDÃO DAS OFENSAS	67
20 - A PAREDE QUE FALA	69
21 - O CALENDÁRIO	72
22 - O GRÃO DE CAFÉ	74
23 - LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR	76
24- O CASAL DE CIGANOS	79
25 - A CAPA DE SEDA PRETA	81
26 - TRISTE DESPEDIDA	84
SONETO AO LEVI	87

27 - COMUNICAÇÃO DO ESPÍRITO DE PESSOAS VIVAS	88
28 - O NÚMERO DOIS	91
29 - O NOME SANTO DE JESUS	94
30 - O ESPÍRITO DE MEIA MÁSCARA	96
31 - O COLAR DE BANANAS	98
32 - O ACESSO	100
33 - VIRAMUNDO NO TERREIRO	102
34 - A COBRA	105
35 - A DANÇA MISTERIOSA	108
36 - O ÚLTIMO DESEJO	110
37 - A EXUMAÇÃO	112
38 - A CHAVE	114
39 - O NÚMERO SETE	117
40 - PAULINHA	119
SONETO “SEO AVÔ”	122
41 - O SOCORRO ESPIRITUAL	123
42 - COMO SÃO CAPTADAS AS MENSAGENS	125
43 - AS DUAS IRMÃS	127
44 - A ELEIÇÃO	130
45 - A EVOCAÇÃO E A VISITA INESPERADA	132
46 - A RENÚNCIA	134
47 - A PREPARAÇÃO DE NELLY	136
48 - O ENXERTO	139
49 - NÃO É MILAGRE, É CIÊNCIA	141
50 - COMO SE EXPLICA ISSO?	146
51 - A ENTREVISTA	148
52 - O SANATÓRIO JESUS	151
53 - O FLAGELADO	154
 MENSAGENS DE UBIRATAN	 156
 SEGUNDA PARTE	
MENSAGENS ESPIRITUAIS	157
1 - FRATERNIDADE	158
2 - A FESTA DE RECONCILIAÇÃO	160
3 - A PROFECIA DE ACARÉ	162
4 - IMPRESSIONANTE PEDIDO DE UBIRATAN	163
5 - O AMOR	164
6 - A GLÓRIA DO PERDÃO	165

À GUIA DE PREFÁCIO À LUZ DO SOL

*“É certo que os vivos nascem dos mortos e que as
almas dos mortos tornam a nascer.”*

Platão

Dotado de extrema e invulgar sensibilidade, que lhe faculta interpretar muito bem o coração humano, o lhano, o singelo, o evoluído Romualdo Joaquim Martins, há mais de oito lustros, é espírita convicto e professo. Sua prodigiosa força mediúnica tem prodigalizado fatos palpáveis que, à luz do sol, vêm objetivar os ensinamentos dos grandes sábios sobre a imortalidade, a reencarnação e a evolução do espírito, quais os do sumo espiritualista Krishna, que propiciou ao mundo esclarecido elevadas e sapientíssimas lições, os do profundo pensador Rabindranath Tagore, os do insuperado Platão e, enfim, os da inumerável coorte do mundo mais alto dos mestres da filosofia e da dialética.

Romualdo Joaquim Martins, durante quase toda a sua nobilíssima existência, labora, devotadamente, pela espiritualidade; com as suas sinceras narrativas enfeixadas sob o título “MEMÓRIAS DE UM MÉDIUM”, sem a roupagem nababesca da retórica, empunha, modesta e humildemente, seu archote aclarador. Ainda outros fatos poderiam ter sido desenvolvidos em interessantíssimas laudas, não o obstasse a sutil discrição que caracteriza o médium, pois, muitas vezes, ocorrências há, pode demais melindrosas, que não podem ser desfraldadas ostensivamente, ligadas a nomes de pessoas.

Acolhendo a outra fase vibratória, Romualdo escreve versos. Ele também é poeta. Poeta espontâneo porque poeta nascitur non fit. Estes grifos da alma, entretecidos harmonicamente, foram extraídos ab imo pectore, librados na dor, da qual ninguém logra alijar-se, que a legislação implacável deste orbe determina à nossa vida funambulesca e de provações.

SAUDADES DO LEVI



Há sempre em nossa casa uma saudade,
Uma falta de ti, uma tristeza!
Uma lembrança ingrata da verdade
Dessa sinistra e tétrica surpresa!

Éramos quatro... Que felicidade,
Quando todos sentávamos à mesa!
Eram risadas simples, sem maldade,
Era a nossa alegria na pobreza!

Tudo se transformou quando partiste!
A casa outrora alegre, ficou triste,
O mundo, então risonho, em solidão!

Não houve quem te visse e não chorasse,
Vendo estampada em tua meiga face
A dor profunda do teu coração!

Romualdo Joaquim Martins preside um Templo de Orações onde, carinhosamente, arrebanha e agasalha os adeptos da doutrina espírita sob seus ensinamentos puros e preces enternecedoras, que fazem pulsar todas as fibras do coração.

Sob esses favônios, em louvor, escrevi:

LUX ET LUX

Bem-vindas sede vós, ó criaturas,
Que buscais lenitivo às vossas dores
No embalo de orações, sublimes, puras,
Elevadas ao Pai dos sofredores!

Deixai à porta vossas amarguras!
Entraí, esquecendo todos os temores,
Na casa do Índio, abrigo de ternuras!
Confiai nos excelsos protetores!


Recebereis da luz incandescente
De Ubiratan o bálsamo bendito,
Que jorra do seu halo refulgente

Sobre as vossas cabeças, apoiadas
No peito arfante, em coração aflito,
Para que sejam as dores suavizadas.

DERNA ROSA

São Paulo, 31 de janeiro de 1964.

INTRODUÇÃO EXPLICATIVA SOBRE MÉDIUNS E MEDIUNIDADE

 Os médiuns estão sujeitos ao imperativo de sua sensibilidade, sendo, assim, influenciados pelos bons espíritos, nos seus generosos e suaves fluidos de aproximação, ou pelos maus espíritos que, muitas vezes, surgem em bruscas arremetidas. As manifestações diferem muito, umas das outras, subordinadas, como estão, ao desenrolar dos acontecimentos, tendo em vista o objetivo do espírito e a mediunidade do paciente.

O ambiente insuspeito e o desejo de alcançar mérito nas comunicações estão na dependência da seriedade da reunião e do fim a que se propõe. Só assim atrairemos os bons espíritos, os que, na realidade, nos prestam relevantes serviços. Os mais destacados, pela grandeza de sua evolução, em contacto conosco quase permanente, são os espíritos protetores que, no plano maior, servem de intermediários de nossas lamentações e sofrimentos, tolerando sempre os nossos desvios e desregramentos. Os de maior hierarquia mui raramente se comunicam.

Os fatos relevantes, que testemunhei na vida dos espíritos e na nossa, não devem permanecer ignorados ou apenas do conhecimento de uma pequenina parcela de assistentes, ocorridos que foram em lugares diferentes e em diversas épocas. Senti, então, a necessidade de relatar, nas páginas deste livro, sem reto-

ques, os fenômenos de relevo e de êxtase que se apresentaram, em esplendorosa realidade diante de meus olhos, com o testemunho de inúmeras pessoas.

Muito jovem ainda, os meus olhos foram abertos e se fixaram na passarela das figuras imortais, as quais, na sucessão das aparições, permitiam que eu as observasse com rigor. Plasmavam-se no meu cérebro todos os detalhes de observação para que eu não tivesse dúvida alguma sobre a realidade do que via acordado e em perfeito estado de equilíbrio mental. Os habitantes do mundo espiritual, nossos antepassados, apresentam as mesmas características dos vivos, pois, quando os vemos, podemos descrever-lhes as fisionomias, as vestimentas, as expressões, a descrença, a angústia, o pesar ou a alegria de que são portadores, havendo, todavia, os que não se deixam trair pela aparência, não deixando transparecer o seu estado anímico.

Nenhum poder humano poderá impedir a manifestação dos espíritos. A própria autoridade, descrente e combativa, terá de sujeitar-se, querendo ou não, ao imperativo de sua presença! É uma sábia, construtiva, que permanece atuando sobre nós, independentemente da nossa vontade. Os espíritos dependem de uma lei superior, grandiosa em sua manifestação, revelando sua intensidade de conhecimento e perfeição, assim como, seu nível de incompreensão e ignorância, no assentamento de sua base, na escala, é claro, de sua ordem de evolução.

A investigação, provocada pela humanidade e pela ciência, fez repontar esqueletos, revestidos de personalidade, ao palácio do Rei ou à choupana do pobre, aqui ou alhures, não como lúgubres espectros improvisados mas como pessoas semelhantes aos vivos, apresentando todos os seus caracteres, como em película, onde a artista é reconhecida, embora saibamos que não está fisicamente na tela. É uma lei que não faz exceção de raça, cor, crença ou condição social.

Morta a pessoa, apagada a clareira que dava calor ao sangue, seus cinco sentidos desaparecem e o espírito entra no vácuo, às apalpadelas, inquirindo, com olhar pendente de misericórdia, os irmãos do caminho. Aquele que está destinado a dar-lhe assistência espiritual, envolve-o de carinhosas instruções,

admitindo suas perguntas, todas elas quase sempre objetivando o drama vivido com o sofrimento de sua desencarnação. Recordar-se da lágrima pesarosa de sua despedida do mundo onde amou e sofreu!

A verdade é que a lei vigente dos espíritos, divina como é, não podendo ser revogada pelos homens, atinge todos. Os reencarnacionistas em trânsito, desinteressados e negativistas, procuram desfigurá-la não admitindo o retorno de seu espírito, todavia, malogrados em sua pertinaz descrença, após o falecimento são esclarecidos e entram novamente no mundo dos espíritos. Dessa forma, o fenômeno do trespasse, recolocando o seu ser palpitante no seu velho e novo mundo, dará alegremente, ao recém-chegado a compreensão da sobrevivência e a razão porque há de romper o cerco da nova primavera.

O AUTOR COMEÇOU ASSIM...



Ao iniciar a apresentação destes fatos sem retoques, quero preliminarmente, tecer algumas considerações a respeito da minha mediunidade. Não sei, com precisão, quando ela teria começado, apenas sei que a possuo há dezenas de anos!

A princípio, amedrontado como todo médium em desenvolvimento, sentia o coração disparar, vivia inquieto e aturdido. Via, constantemente quer com os olhos abertos ou fechados, quer de dia ou de noite, animais, povoados, cidades, mares e embarcações, como se estivesse sonhando. Procurava despreocupar-me, não dando maior atenção a essas visões, devido ao medo que me infundiu, certa vez, a aparição do espírito de uma pessoa morta, pronunciando o meu nome e mostrando o que eu deveria ver.

No facho de uma luz projetada para lugar ignorado, aparecia um solar, dentro do qual se destacava um quarto iluminado. Na cama, uma senhora branca, magríssima, de quarenta anos presumíveis, coberta com lençóis de linho finíssimo, gemia, abrindo e fechando a boca, como quem sofresse de forte dispnéia! Em cima do criado-mudo, via-se um como d'água com uma colher e vários vidros de remédios abertos. Evidentemente, tratava-se de uma pessoa em sofrimento e alguma razão havia para o espírito me situar como testemunha dentro daquele palácio, cujo endereço eu desconhecia...

Aos poucos, fui me familiarizando com essas aparições, que me despertavam curiosidade e contribuíam, à minha revelia, para desenvolver cada vez mais a mediunidade.

No sítio “Vasconcelos”, em Pirituba, Estado de São Paulo, não havia luz elétrica, sendo a iluminação precária, de lampião ou vela.

Na hora de dormir, deitado em minha cama, com a porta do quarto fechada, apaguei a vela. Surpreso, senti-me como se estivesse deitado ao ar livre, vendo, com os olhos abertos, o céu, as estrelas, a lua, a “charrete”, o burro, enfim, o sítio como realmente era. Não compreendi o que estava acontecendo. Sentei-me na cama e acendi a vela.

Tudo desapareceu e eu me vi no quarto fechado, sem novidades. Acendi um cigarro e comecei a fumar, refletindo sobre o que vira. Apareceu-me o espírito de um homem, que me mostrava em sua mão um cigarro e, denotando uma expressão de nojo, atirava-o fora. Compreendi tratar-se de uma censura. Apaguei o cigarro que fumava e também o atirei fora. A seguir, o espírito me apontou um maço sobre o criado-mudo contendo três cigarros. Disse-lhe que, quando acabasse aquele maço, não mais fumaria. Exibiu-me, então, em sua mão aberta para o ar, os três cigarros e olhou para o céu... Compreendi tratar-se de uma nova censura. Inutilizei-os. Apaguei a luz da vela, procurando descansar.

Voltou-me a lua a iluminar-me o quarto. As paredes sumiram. Levantei-me da cama. Caminhei para a parede com os braços estendidos em sua direção. Como se estivesse diante de um espelho, refletindo a minha própria imagem, eu me via do outro lado, caminhando, também, na mesma posição, em minha direção, a ponto de, ao alcançar a parede, tocando-a com as mãos, estabelecer o contato de minha dupla personalidade.

Em outra ocasião, no mesmo local, no quarto de dormir, com a porta fechada, vi a porteira do sítio, a trezentos metros de distância, iluminada. Prestando melhor atenção, observei um homem de aspecto forte, pular a porteira sorrateiramente, invadindo a propriedade. Aproximando-se vagarosamente e

prudentemente das cercanias da casa, subiu, descalço, numa árvore, procurando devassar todo o telhado. Depois, desceu e, encostando-se junto à parede da sala, procurou olhar para dentro, pelo buraco da fechadura. Tudo o que ele viu no recinto, ou seja, lampião, fruteira, quadro, castiçal, móveis etc., o espírito me mostrou, no quarto, para que tomasse conhecimento. Após a vistoria, o desconhecido voltou ao local onde deixara as botinas, calçando-as e, pelo mesmo caminho por onde entrara, pulou a porteira e desapareceu... Pareceu-me tratar-se de um ladrão vulgar que, não encontrando objeto algum que lhe despertasse a cobiça, desistiu de seu intento. Fiquei, então, olhando o céu, como que inquirindo o infinito numa linda noite de luar!

Na grande guerra, tive também, oportunidade de ver através da vidência, várias escaramuças, batalhas mesmo, em terra e no mar. Oficiais de fardas diferentes em grande atividade, em preparações bélicas na área inimiga. Via os destroços, os feridos, a impiedade! No mar, a cada vez que soçobrava uma embarcação, uma coroa de defunto boiava sobre as ondas!

Em face do progresso de minha mediunidade, era constantemente solicitado para visitar doentes e, logo que me aproximada do leito, meu Guia destacava do corpo do enfermo o órgão doentio, facilitando ao médico o diagnóstico perfeito, o qual se positivava com as pesquisas normais.

E foi assim que, envolvido e sustentado por forças superiores, pude compreender e admirar a realeza e o incessante trabalho do mundo espiritual, o que fortaleceu e instruiu o meu espírito, dando-me a certeza insofismável da sobrevivência da alma e da sabedoria divina.

PRIMEIRA PARTE

FATOS SEM RETOQUES

1 - JOÃOZINHO

Para dar início à série de narrativas que, neste livro, compilarei um fato que, pela sua estranheza, conturbou meus familiares por algum tempo mas, esclarecido, conduziu-os à completa convicção da existência de uma comandante força mediúnica irrefreável.

Minha irmã Julieta viveu parte de sua adolescência de mãos dadas com o espírito de uma criança. Joãozinho era o seu nome. Julieta andava sempre com a mão direita meio suspensa. A família observada, perplexa, a inalterável postura, contudo, atribuía-a a um eventual hábito adquirido pela negligência que caracteriza, em geral, criaturas em fase borboleteante da vida primaveril.

Constantemente admoestada e repreendida para que reagisse contra aquela abstinada posição, minha irmã procurava convencer-nos que o menino Joãozinho, de mãos dadas com ela, mantinha palestras de bons amigos. Este iluminado espírito comunicava-lhe os acontecimentos auspiciosos ou infaustos, enquanto a família ainda os ignorava. As transmissões eram feitas com naturalidade, de modo imprevisível, abruptamente, sem que fosse dado sopesar as conseqüências que pudessem causar certas notícias pois Julieta reproduzia sempre as palavras textuais de Joãozinho, como as deste exemplo inesperado:

- Tio Carlos morreu!

Sem muita demora, chegava a confirmação do repentino e doloroso desfecho.

Em outro surpreendente episódio, ainda sob a luz prodigiosa de Joãozinho, tivemos salvaguardada a honra de meu impoluto progenitor, o saudoso Narciso Joaquim Martins, que exercia, então, a função de contador da empresa Estrada de Ferro Teresópolis, cujo proprietário capitalista era o Sr. José Augusto Vieira. Este não era apenas o proprietário e sim também o amigo de meu pai, lisonjeando-o pela confiança que lhe tributava.

Seus devotados filhos, que foram seus melhores assessores, eram dotados de igual nobre sentimento. Todos os funcionários do escritório central, situado na travessa Ouvidor, no Rio de Janeiro, trabalhavam satisfeitos com seus chefes. Estávamos na remota época em que o vapor “Presidente” encostava à Praça 15 de Novembro, ao lado das barcas que se dirigiam para Niterói, Governador e Paquetá. A agradabilíssima viagem marítima terminava na estação de Piedade. Daí os trilhos da via férrea se prolongavam, através de uma ponte metálica, até o ancoradouro, no mar, para embarque e desembarque de passageiros. De Piedade, a via férrea seguia o seu curso alcançando as estações de Magé, Santo Aleixo, Raiz da Serra e alto Teresópolis, estendendo-se depois até a Várzea.

Meu pai exercia o encargo de conferir o dinheiro e guardá-lo no cofre da empresa, missão tão honrosa quanto de responsabilidade por que as chaves lhe eram inteiramente confiadas.

Certa manhã, ao abrir o cofre rotineiramente, permaneceu estatelado, por algum tempo, diante da ausência do dinheiro, constituído por vultosa quantia. Aflito, porque o cofre não apresentava qualquer indício de violação, comunicou, incontinentemente, o fato à administração. O Sr. Vieira, perturbado, exclamou:

- Narciso, você conferiu o dinheiro e estava com a chave. Como isso aconteceu, sendo o cofre de inteira segurança.

Descontrolado, meu pai afirmou que não descansaria enquanto não descobrisse o ladrão, embora não suspeitasse de ninguém. Sua maior preocupação era de que alguma suspeita pudesse estar recaindo sobre si. A situação era por de-

mais melindrosa. Procurou, em meio à confusão de seu atormentado cérebro, reconstituir todos os movimentos da véspera do roubo, para ver se atinava com um possível lapso. Nada, porém.

Ao vê-lo embaraçado, Joãozinho, o meigo e bondoso espírito, foi ao seu encontro, por intermédio de Julieta, assim se exprimindo:

- Diga a seu pai que, se assumir comigo o compromisso de não causar mal ao delinqüente, eu o ajudarei!


Meu pai, emocionado e agradecido, em face da situação em que se encontrava, concordou.

Foi, então, quando Joãozinho revelou que o ladrão se encontrava hospedado no Hotel da Estação, na cidade mineira de Carangola, e que o dinheiro ainda estava intacto!

Dado o alarme, meu pai viveu momentos de grande emoção e pesar pois o ladrão era um de seus mais estimados colegas. Usara chaves falsas. Meu pai intercedeu pelo companheiro faltoso, explicando ao Sr. Vieira a maneira pela qual lhe fora possível deslindar o roubo e apreender todo o dinheiro. Precisava agora cumprir o prometido ao espírito de Joãozinho.

O Sr. José Augusto Vieira, carinhosamente, atendeu ao solicitado, não processando o funcionário desleal, apenas despedindo-o.

2 - A CASA “MAL-ASSOMBRADA” DA RUA DA CARIOCA

 Certas casas são marcadas freqüentemente por “mal-assombradas” e é comum dizer-se que almas do outro mundo nelas habitam. Há diversas maneiras de se interpretar tais fenômenos, que são estritamente espíritos. Em geral, motivos desconhecidos pelos moradores atraem a essas casas espíritos sofredores suicidas, perversos, brincalhões, obsessores, sequiosos de confusão e delas não se afastam, pois, inferiores que são, não se conformam com a obscuridade e com o desprendimento da vida material. A presença de um médium doutrinador torna-se necessária para dominar e esclarecer esses espíritos, conduzindo-os ao caminho do dever e da retidão.

Em casa assobradada da rua da Carioca, no Rio de Janeiro, residiam meus pais e minha avó, trinta anos antes de ter sido rasgada a Avenida Central pelo famoso engenheiro, Sr. Dr. André Gustavo Paulo de Frontim. Época feliz em que se podia morar na rua da Carioca!

Nessa casa, reuniam-se, aos domingos, alguns parentes, que se distraíam com o conhecido jogo de cartas denominado “bisca”. Logo depois do almoço ajantarado, a parceirada dava início à distração, que se prolongava até às 22 horas. Quem não participava do jogo ficava torcendo ao redor da mesa, criticando os vencidos e aplaudindo os vencedores.

Certo domingo, entretanto, a algazarra proveniente do entusiasmo dos participantes foi contida, bruscamente, diante de passos que se faziam ouvir na parte de cima, onde não havia ninguém. Um dos convivas subiu para observar, nada descobrindo. As passadas continuavam e todos as ouviam. Subiram, novamente, porém, ainda em vão. O jogo havia cessado. Em pleno mutismo, ficaram atentos. Uma empregada de cor acendeu a vela e, para surpresa de todos, resolveu ir sozinha ver o que estava acontecendo.


No meio da escada, a vela recebeu um perceptível sopro, apagando-se. A preta, espavorida, clamou por socorro. Estabeleceu-se grande confusão. Uns subiram para a parte superior e outros acudiam a mulher que, tremendo de medo, não conseguia falar.

Depois de tudo serenado, raciocinando, os presentes admitiram que os enigmáticos movimentos poderiam ter vindo da casa vizinha. Mas, e o sopro da vela, que ralação poderia ter tido com o caso?

O curioso fato foi abandonado. Reiniciou-se o jogo quando uma cadeira, violentamente arremetida lá em cima, foi chocar-se com outros móveis que guarneciam a festiva sala da reunião domingueira, assustando os presentes.

Tais fenômenos se repetiram sucessivamente após aquele atribulado domingo a ser considerada “mal-assombrada”.

3 - O TERCEIRO ATAQUE

 **M**uitos espíritos, que não são invocados, manifestam sua presença dando comunicações por vezes inquietantes como, no caso, aconteceu ao bom e taciturno Almeida.

Aos estudiosos da doutrina compete analisar o impressionante fenômeno que impelia Almeida a tomar frias atitudes, antes de sua partida para o além.

Ao tempo em que meu pai exercia o cargo de Contador na Estrada de Ferro Teresópolis, em 1909, Almeida era um dos assessores componentes da homogênea equipe que trabalhava no já mencionado escritório da Travessa do Ouvidor, no Rio de Janeiro, sob a direção do dinâmico e laborioso Dr. Armando Vieira. Como todos, também ele vivia satisfeito porque o chefe atendia, indistintamente, às necessidades de seus eficientes auxiliares.

O caso singular que vou narrar teve início com um ataque de características desconhecidas que, inopinadamente, acometeu o Almeida, dominando-o diante da perplexidade dos colegas. O choque tornou-o lívido como cera, inerte, sem fala, a fisionomia transfigurada. Com presteza, foi procurado o médico mais próximo. O facultativo chegou após o término da crise. Depois de acurado

exame, não logrou apurar a causa daquele mal súbito, todavia, receitou o que melhor lhe pareceu, retirando-se em seguida.


As atividades rotineiras transcorriam em ritmo normal e o lamentável acontecimento já tinha sido esquecido quando, pela segunda vez, o harmonioso ambiente de trabalho foi perturbado pela repetição do impressionante fenômeno, em idênticas proporções. O enigmático ataque cedia sem medicamentos, após dez ou vinte minutos de duração.

Meu pai, espiritualista, empenhou-se pelo caso com significativo interesse e procurou, com prudentes e discretas perguntas, arrancar de Almeida a revelação dos sintomas que antecipavam o impiedoso mal. Almeida, ante a insistência de meu saudoso progenitor, confiou-lhe que sentia apenas um frio que do pé subia até o joelho, quando perdia a razão. Confidenciou-lhe, ainda, que estava certo de que o terceiro ataque o vitimaria. Meu pai, com fraternal dedicação, tratou de confortá-lo e dissipar-lhe a aparente idéia de perseguição.

O tempo continuava sua marcha e o Almeida, constrangido, passou a vestir-se de preto, não se cansando de pedir desculpas ao chefe e aos colegas pelos transtornos causados. Pouca vida, porém, teve ainda, o pobre Almeida pois o terceiro ataque foi deveras implacável e fatal.

Nos seus bolsos foram encontrados uma carta, em que se despedia da esposa, e a conta da casa funerária onde adquirira, silenciosamente, o caixão que o deveria transportar à última morada.

4 - O DOM DE PROFECIA

 **A**surpreendente mediunidade de Julieta, minha irmã primogênita que, na adolescência, andava de mãos dadas com o bom espírito de Joãozinho, progredia em larga escala.

Na rua Mariz e Barros, perto da Praça da Bandeira, no Rio de Janeiro, no solar de minha avó Dna. Marciana Francisca de Assis Martins, residia minha família, no ano de 1915.

Julieta estava noiva do tenente Rocha Silveira, da Polícia Militar do então Distrito Federal. Invariavelmente, nos dias estabelecidos, o distinto oficial comparecia para a visita costumeira com fidalga elegância em seu soberbo uniforme. Minha irmã exaltava seu altivo porte, o que o lisonjeava e envaidecia. Julieta recebia-o também elegantemente vestida. Os noivos conversavam com enlevo, trocando amáveis juras de amor, próprias dos enamorados.

Sempre que, por motivos superiores, o atencioso tenente não podia comparecer, mandava pelo bagageiro, uma carta à noiva, justificando sua ausência e repetindo as promessas de felicidade. Em casa, todos, unânimes, aguardavam, satisfeitos, a realização do enlace porque o rapaz, em sua privilegiada posição,

muito bem se portava. Nobre em todas as atitudes, não se descurava, em nenhuma oportunidade, para ser útil e gentil.

Entretanto, através de marcante mediunidade, em meio às íntimas confidências, Julieta revelava ao noivo o seu inteiro conhecimento de sua conduta, por outros ignorada e, em doces reprimendas, pedia-lhe que modificasse seu procedimento, o qual não condizia com a sua requintada classe.

Admitindo ter sido espionado, como sói acontecer, por qualquer eventual rivalidade, o perspicaz militar pôs à espreita seus agentes de polícia para seguir os passos de um pretense espião. As minudenciosas investigações fracassaram e Julieta continuava a embaraçar o noivo com a progressiva seqüência de acertadas e assombrosas descobertas sobre as leviandades de sua vida de solteiro. Diante das provas irrefutáveis, o jovem, apesar de sua fértil imaginação, já havia exaurido todos os recursos para forjar negativas.

Na varanda de ladrilhos, rodeada de extensa grade de ferro que constituía o principal ornamento do tradicional casarão, Julieta, de pé, abstraída, com ar sereno, preparava um abacate. Subitamente, atirando o copo para o ar, emitiu um grito lancinante, que sobressaltou as pessoas que estavam em casa. Em soluços convulsivos, relatou aos que a acudiram que havia perdido irremediavelmente seu noivo. O espírito de nossa mão lho havia contado.

De fato, no dia seguinte, o bagageiro do oficial era portador de uma carta, dirigida a meu pai, em que se desobrigava do compromisso assumido com minha irmã.

O dom de profecia, de que ela era dotada, atemorizou-o!

5 - FRANCISCA

O Deputado Lamounier Godofredo, de saudosa memória, era amigo de meu pai. Em nossa residência, à rua Cerqueira Lima nº 113, hoje denominada Marechal Machado Bittencourt, no Riachuelo, Rio de Janeiro, certa vez em que nos visitou, testemunhou uma experiência, feita por meu pai, com uma pretinha chamada Francisca.

A prova consistiu em hipnotizar Francisca, o que se conseguiu através da imposição das mãos de meu progenitor e de sua vontade, expressa por ordens vigorosas, com palavras sonoras e candentes. Ao fim de meia hora, a paciente já estava submissa.

Foi então colocada em cima do encosto de duas cadeiras, em posição horizontal, com a barriga para cima, o pescoço sobre o encosto de uma das cadeiras e os pés sobre o da outra, sem nenhum amparo por baixo.

Nessa incômoda posição, suportou uma pessoa adulta sentada em cima de sua barriga, enquanto lhe foram formuladas várias perguntas, as quais respondeu, com serenidade, decorridos alguns segundos.

Uma das perguntas feitas pelo deputado Lamounier Godofredo foi a seguinte:

- Francisca, quantos quadros existem em minha casa?

A resposta veio sem demora:

- Treze.

- Errastes por um - asseverou o deputado.

- É preciso considerar que há um quadro quebrado no porão

- respondeu Francisca.

As perguntas se sucederam. Despertada, Francisca voltou às suas atividades normais, ignorando o que consigo se passara e sem manifestar qualquer esgotamento. Posteriormente, ao chegar em casa, o deputado constatou, surpreso, a existência de um quadro quebrado, empoeirado, no porão!

6 - MARIA GRANDE

O espaço está cheio de incógnitas que provocam misteriosos acontecimentos sobre nós. Os guias invisíveis que acompanham o homem nem sempre podem evitar fluidos de outras poderosas forças magnéticas que, como ímã, atuam sobre determinados entes e os separam daqueles com quem já acalentavam a esperança de uma união feliz.

Aqui o leitor tem um exemplo persuasivo sucedido com meu desditoso irmão Sebastião, que tudo sacrificou, até a própria vida, por um amor que já a outro havia sido reservado por forças superiores.

Na juventude, Sebastião enamorou-se da senhorita Maria Pereira Guimarães, que, apesar de seus catorze anos, era tão desenvolvida que ficou conhecida por nós como Maria Grande. Pelo seu temperamento alegre e prazenteiro, conquistou subitâneo afeto de todos e passava, constantemente, dias inteiros em nossa casa, à Avenida Suburbana, nos Pilares, no Rio de Janeiro, em 1916.

Os anos decorriam naquele ambiente de entusiasmo e inquebrantável afinidade, enquanto Maria Grande, com satisfação, preparava seu enxoval. Por sua vez, meu irmão, muito estimado no escritório da Estrada de Ferro Teresópolis,

aguardava, com ansiedade, o dia da realização do maior ideal de sua vida, por amava com intensidade inaudita a eleita de seu coração.

Todavia, inopinadamente, a felicidade volveu-lhe as costas. O arcano poder imprevisível subjugou Maria, arrastando-a aos mais impressionantes desatinos. Pulava a janela e corria, sem rumo, pela calçada, em desabalada carreira, rasgando as vestes com desvario. Ao “pega-pega”, era cercada e agarrada, ignorando os transeuntes o que acontecia.

De volta a nossa casa, entontecida, fazia gestos enigmáticos e, em reações violentas, torturava-se, obrigando-nos a dominá-la pela força, para que não se machucasse, batendo-se contra os móveis e paredes.

Dolente e acabrunhado, meu irmão entregou-se com o máximo desvelo ao difícil tratamento de sua noiva. Já à primeira triste e angustiante manifestação, foi consultado o preclaro médico Professor Dr. Miguel Couto, que, após rápido estudo, lavrou o triste, o terrível diagnóstico: demência. Imprescindível era a internação.

Sebastião, não obstante compreendesse a necessidade de seguir à risca tal determinação, não concordou e, obstinadamente, não quis afastar-se de sua amada. Dispôs-se a tudo fazer por Maria. Dia e noite mantinha-a em carinhosa vigilância, trancada com ele num cômodo da casa. Os delírios e fenômenos incomuns sucediam-se, sem trégua. Pelo amor de Maria, Sebastião chegou a perder seu lugar no trabalho, depois de vários meses de licença. Desempregado, fixou-se definitivamente a seu lado.

Maria Grande, em seus ataques, emitia gargalhadas sarcásticas e dizia-se tomada de força desconhecida. Um dia, estacou, estranhamente atenta, diante de antigo guarda-louças, na sala de jantar. Sem qualquer interferência humana, de súbito, o guarda-louças escancarou as suas portas, dele saindo um copo que foi espatifar-se no solo. A admiração dos presentes foi indescritível. Pelo corredor, simultaneamente, rolava, com pequenas pausas, um vidro de brilhantina,

que somente parou na sala em que nos encontrávamos. Sob a influência da vontade desconhecida, Maria explicava como sua coberta era transportada para o canto do cômodo, sem intervenção de ninguém. Predizia, também, a chegada do médico e o que, a seu respeito, iria dizer. Hipnotizava, ainda, algumas pessoas que iam visitá-la.

A luta continuava intensa para meu irmão que, já cansado, débil e magro, adoecia a olhos vistos. Ela, ao mesmo tempo, coberta de equimoses, em precário estado de saúde, combalida, continuava a suportar o se Calvário. Era uma lástima!

Sucediam-se os dias e os meses em meio à desalentadora situação quando, em dado momento, surpreendentemente, Maria Grande, em estado sóbrio, confidenciou a Sebastião, com sensatez, que, se ele conseguisse reagir ao sofrimento da desistência daquela união, dali por diante, ela estaria completamente curada. Meu infeliz irmão, com o estoicismo de homem bom e consciencioso, que ama com pureza, despido de egoísmos, respondeu-lhe que não seria de modo algum obstáculo ao seu bem-estar pois sempre pugnara pela sua felicidade. Maria que, pelas forças incógnitas, havia recebido essa advertência, calmamente, acrescentou:

- Está bem, então estou curada!

Surpreso ante à rápida transformação ocorrida com sua eleita, motivada por essa misteriosa sentença, Sebastião pediu a Maria que se vestisse e sentasse à mesa. Foi a primeira refeição normal depois de longos meses vividos em tormentas. A prova convenceu. Terminando o almoço, entre lágrimas de alegria, a moça pediu que chamasse seu irmão, Sr. Godofredo Pereira Guimarães, empregado de “A Equitativa”, em São Paulo, a quem pediu que lhe adquirisse roupas e calçados. Tudo foi providenciado, sob o raiar de um novo sol para seus familiares.

A progenitora de Maria, que residia em Niterói, deu uma grande festa em regozijo pelo restabelecimento de sua filha. A moça, motivo de júbilo geral, eletrizava os convidados pelo seu fascínio e juventude.

Aos primeiros acordes da orquestra, um rapaz convidou-a para dançar. Com ele bailou a noite inteira. Um mês depois, tornavam-se noivos. Ele, Agente da Estação de Bicas, da Estrada de Ferro Leopoldina, chamava-se Militino. Houve o casamento.

Enquanto Maria exultava de felicidade, completamente sã, Sebastião, meu resignado irmão, muito fraco, profundamente desgostoso pelas notícias que recebia de sua ex-noiva, definhava, em rápida progressão. Nos últimos momentos de seu tormentoso destino, não mais aceitava alimentação e nem água. Movia a boca apenas para balbuciar repetidas vezes o nome da sua amada, a sua Maria Grande querida.

7 - “DUDUCHA”

Duducha cheio de fé e boa vontade, após relutante desânimo em face de impiedosos e renitentes sofrimentos, foi iluminado e dotado de abnegada compreensão, por obra dos bons espíritos, mercê de Deus, na hora extrema, aceitando abdicar de sua vida, justamente na fase em que o sol é mais cálido e brilhante. Do Todo Poderoso recebeu, após reunião pura de orações fervorosas, a graça de poder despedir-se, serenamente, de seus familiares e amigos, que o cumularam de desvelado carinho e de ininterrupta, vigilante e incansável assistência, até o fim de longa provação em tão curta permanência na Terra.

Orlando, na intimidade Duducha, o caçula de meus irmãos, era funcionário da Estrada de Ferro Central do Brasil, onde exercia o cargo de condutor de trens. Estava sujeito à escala de serviço conforme o destino e o percurso dos trens de carreira. Alimentava-se, dessa forma, desregradamente, o que, juntando-se o cansaço dos pernoites, nos quais enfrentava sucessivas e frias madrugadas, o levou a terrível enfermidade: tuberculose ganglionar.

Duducha, que gostava de rir e cantar, muito alegre que era, não se conformou, a princípio, com a transformação brusca que o atirou aos braços de tão cruel escravatura, cujas garras o estreitaram até o fim de sua vida terrena. Sofrimentos torturantes, agudos e contundentes espinhos castigaram-no durante a

triste trajetória desse mal que não perdoa. E apesar de sua disposição em não se deixar vencer pelo importuno bacilo, procurando sempre reagir, foi, contudo, à proporção que o tempo passava, perdendo as forças. A idéia de não mais poder trabalhar inquietava o nosso pobre Duducha.

O terrível mal havia se localizado na região do pescoço. Sobreveio, então, o desânimo, obrigando-o a repousar, desânimo esse denunciado por furtivas lágrimas que lhe corriam pelas faces. Pressentiu cerceada sua bela juventude, folgazã e borboleteante.

Socorrido por nós, seus irmãos, foi internado em abalizado hospital, para tratamento específico. Dois dias depois, desesperado, fugiu, procurando asilo em minha casa. Havia-o impressionado e esmorecido um espetáculo macabro, durante uma noite interminável de vigília, de dolorosas desencarnações de criaturas que lutavam contra a morte vitoriosa.

O drama que assistira havia-lhe esmagado toda a esperança. Chorava amargamente. Procurei renovar-lhe o ânimo, prometendo nova forma de assistência. Reunimo-nos, no dia imediato, e resolvemos alugar modesta casa, composta de sala, quarto e cozinha, nas proximidades de nossas residências, para dar ao nosso irmão oportunidade de tratar-se, sempre com a nossa proteção, revezando-nos todos os dias, junto ao enfermeiro e ao seu médico assistente. Mostrou-se muito grato e satisfeito.

Seus colegas ajudavam-no mediante bolsa mensal arrecadada entre eles, para que fosse distribuída entre os funcionários de sua classe, licenciados por motivo de saúde. Uma comissão visitava os doentes e lhes fazia a entrega de sua cota. Sensibilizou-nos tão fidalga atitude que, indubitavelmente, muito nos ajudou.

Durante a noite, conversávamos sempre, de modo a que o doente não percebesse sua insônia e, com isso, tomava todos os remédios receitados. Seu pescoço crescia assustadoramente, demonstrando a proporção da enfermidade

e era doloroso ouvir-lhe os queixumes. O fastio aumentava e já recusava até mesmo o que pedia. Em meu plantão, assim que se apresentava oportunidade, animava-o, falando-lhe sobre o poder divino e a grandeza do Evangelho. Os espíritos, dizia-lhe eu, estavam constantemente testemunhando sua própria sobrevivência; ele, Duducha, não deveria menosprezar a vida eterna e a manifestação dos amigos.

Seu alarmante estado de saúde agravou-se, de uma hora para outra. O pescoço rebentara e de uma veia aberta corria o sangue, que sobressaltou o doente e a nós entristeceu profundamente. Ainda assim, teve esperança de que a perda do sangue contaminado viesse a salvá-lo.

Não obstante a solícito auxílio da ciência e o devotamento de seu enfermeiro, Duducha perdeu a fala. Todos os irmãos, ao redor da cama, faziam comovente ciclo de preces. Para nossa surpresa, Duducha recobrou a voz e nos disse:

- Jesus me concedeu, por três minutos, a recuperação da fala para que eu pudesse apresentar as minhas despedidas!

Teve o tempo necessário para entregar seu relógio ao dedicado enfermeiro, como lembrança de sua eterna gratidão. A nós todos expressou palavras de carinho e de saudade. Entrementes, curiosos que transitavam pela rua, tentavam ver o que se passava no quarto, onde chorávamos. Mariazinha, minha irmã, transtornada, distraidamente, dirigiu o olhar à janela. Meu irmão, doente, observou-lhe o movimento e assim se manifestou:

- Não importa o que se passa lá fora, aqui está se passando coisa mais importante!

Exatamente depois de três minutos, parou de falar. Iniciamos novas orações. Não nos passou despercebido que ele acompanhava com o olhar, emudecido, as nossas atitudes. Quando chegou minha vez de abraçá-lo, segurou minha mão, aguardando minhas últimas palavras. Com o rosto voltado para mim exaltou o último suspiro.

8 - PENA GRANDE

O médium convicto dedica-se a sua missão com toda a resistência física e espiritual; entretanto, para que a luta seja gloriosa, necessária é a cooperação com a mesma fé, tenacidade e crença de quem mendiga, em desespero justificável, a projeção da falange caridosa no plano astral.

Neste relato, o leitor compreenderá que o médium não conseguiu êxito completo, apesar de dedicar-se a constantes e fervorosas preces e implorações, pelas quais havia logrado alcançar a atenção do Altíssimo em seu árduo trabalho pois o doente entregou-se, no ponto culminante da cura, a irremediável desalento, quando já se completava a operação que o Insondável havia determinado para que, valorosamente, soubesse enfrentar, com estoicismo, o fim de seu destino neste orbe.

Morávamos, minha família e eu, na rua da Fazenda da Bica nº 19, próximo à Estação de Quintino Bocaiúva, quando, de visita a meu concunhado, o jovem e laborioso Joaquim Sameiro, atacado por implacável tuberculose pulmonar, fui surpreendido pelo seu patético desejo de que intercedesse por ele, junto aos espíritos superiores, para que o livrassem da morte que pressentia aproximar-se em face do progresso do terrível mal, que o castigava sem piedade. Vivíamos,

então, na época em que muitas vidas eram ceifadas por falta de recursos científicos e pela carência de medicamentos adequados.

O pedido turbou-me um pouco, contudo, para não desiludi-lo, disse-lhe que, a meu ver, o espírito não poderia refazer órgãos desgastados, porém uma possibilidade compensadora poderia haver pela energia que lhe restava dos outros órgãos em perfeito funcionamento para resistir à luta contra a morte. Minha opinião, entretanto, não deveria prevalecer. O espírito mais evoluído, lá do Alto, por vontade de Deus, interferiria, dando instruções e conselhos com mais profundidade, de forma positiva e decisiva.

Joaquim ouvia-me atentamente, suportando a torturante dispnéia e o mal-estar da angústia deprimente, os olhos fixos nos meus, com a esperança de receber uma palavra mediúnica, confortadora. No quarto modesto, amplo, sempre de janelas abertas para que o ar se renove, ajoelhamo-nos místicamente, procurando merecer a misericórdia que implorávamos. Às vinte e uma horas, permanecendo em silêncio e na penumbra, vasculhando o céu, na penetração profunda da nossa fervorosa prece, entramos, com a graça de Deus, enfim, no mundo superior do Gênio.

Surpreendentemente, senti-me sacudido com tamanha veemência que a cadeira, em que estava sentado, chegou a elevar-se a meio metro de altura, caindo ao solo e provocando um forte ruído. O doente sobressaltou-se e recobrou o ânimo pelo que vira e, sorrindo, deixou transparecer invulgar contentamento. De minha parte, inteiramente tonto, senti como se a casa tivesse se deslocado. Nessa evolução sobrenatural, apresentou-se a minha frente o espírito de um índio forte articulando movimentos de ginástica em sentido circular, em que se viam seus vigorosos músculos. Estava enfeitado com uma longa e brilhante pena, que lhe cingia a cabeça e pendia pelas costas até as pernas. Não cheguei a conhecer-lhe o nome e, diante disso, decidi cognominá-lo de Pena Grande.

Joaquim absorvia perplexo, em religioso silêncio, cheio de esperança, a exposição que lhe fazia dos fatos que se desenrolavam ante meus olhos. Comecei

por lhe contar que Pena Grande abria a bica de um tanque e nele atirava numerosas rãs vivas. Em seguida, passava a mão pela mesa da cabeceira, puxando o pano, subentendendo eliminar os remédios ali apoiados. Em seqüência, sacrificou a primeira rã que, depois de preparada, na minha sobrenatural visão, o doente absorveu. Assim aconteceu com a segunda, com a terceira e com muitas outras. Indicava o índio, com tal atitude, que todos os dias deveria ser acrescentada uma rã à tal operação até que chegasse grave e significativa crise, que marcaria o ponto culminante do tratamento. Daí, então, não mais deveria ser aumentado o número de rãs. Entre os dedos, o índio segurava o batráquio.

Em prosseguimento, a sua tarefa, punha a mão na boca do doente e a retirava cheia de catarro e de matéria.

Assim que tudo voltou à normalidade, ao enfermo expliquei o que simbolizava, pela minha interpretação, o tratamento indicado. Disse-lhe, ainda, que Pena Grande assegurou que a rã tem a propriedade curativa e nos orientou a respeito da fórmula de sua absorção para que, gradativamente, o organismo em declínio, pelo bacilo, pudesse reavivar-se com o combate progressivo e sistemático do elemento regenerador.

O jovem Joaquim, sabendo que a tísica era incurável, contagiosa e funesta, aceitou o conselho do amigo espiritual, começando por experimentar uma, duas e mais rãs, todavia, quando sentiu-se que a crise prevista se aproximava, retrocedeu amedrontado. Voltou ao médico. A ciência, como sempre, combatia e audaz como bravo soldado no cumprimento do seu dever, continuou esforçando-se no tratamento até o fim, sem, contudo, conseguir curar o desditoso enfermo.

E eu fiquei lamentando que a incredulidade de Joaquim sobrepujasse a divina revelação do Caboclo da Pena Grande.

9 - TRINTA REMENDOS

Não obstante os profundos e constantes estudos, repetidos exames e o esforço de quantos, voluntária e abnegadamente, se entregam à complexa análise dos fenômenos psicopáticos, muitas criaturas obsedadas são internadas em hospícios, em estado inquietante para os familiares, o que constitui, freqüentemente, verdadeiro problema clínico e social. É, pois, necessário considerar que tais fenômenos são, muitas vezes, resolvidos pelo Espiritismo, com esplendoroso êxito, como aconteceu no caso presente.

Por intermédio de pessoa interessada, conheci uma senhora que procurou socorro espiritual para seu filho Antônio, que estava internado no Hospício Nacional de Alienados, na cidade do Rio de Janeiro. Descreveu-me todos os sintomas e atitudes que precederam a alucinação, até o momento em que o doente se tornou agressivo. Disse-me, também, que havia sido impossível tentar assisti-lo em casa, pelo pavor que havia incutido a todos os que o circundavam. Por isso, considerado louco pelo seu médico assistente, foi internado.

No decurso da narrativa, fui informado, pela Entidade, de que se tratava de tenaz perseguição de espíritos, que não lhe davam tréguas; todavia, poderia ser libertado mediante árduo trabalho doutrinário, metódico e continuado, a ser efetuado fora da casa hospitalar. A esperançosa mãe providenciou a retirada

de seu filho do hospital, ainda que contrariando alguns membros da família, para confiá-lo ao trabalho que decidi concretizar atendendo sua solicitação.

Antônio, português de nascimento, jovem de 32 anos, viúvo, aparentemente sadio, tinha uma complexão robusta. Falava constantemente, acusando a presença de pessoas mortas em seu redor. Assim que o vi, não demonstrei qualquer receio, apesar de seu físico e de suas ameaças.

De início, impus minha autoridade, obrigando-o a sentar-se. Obedeceu, incontinente. Em delírio espiritual, disse-me, então, que, ao seu lado, estavam o Barão do Rio Branco e outras personalidades, mencionando, claramente, seus nomes. Sua mãe explicou-me que repetia sempre a mesma estultícia, pois pronunciava nomes de pessoas que nunca havia conhecido. Quando proferi a primeira oração implorando a misericórdia do Altíssimo Senhor, levantando-se exaltado, declarou ele que a minha sorte era não ter medo, senão me agarraria. Depois, sentando-se novamente, acrescentou:

- Pode dar o seu passe.

A história seria longa demais se quisesse contar todas as peripécias que se sucederam. A verdade é que, ao cabo de oito longos meses de trabalho, ele mesmo me procurava, atravessando sozinho as ruas, indiferente ao trânsito, para buscar socorro espiritual, sem jamais conseguir entrar em minha casa porque caía, junto à porta aos gritos. Logo que eu aparecia, sentia-se fortalecido e me contava o que os espíritos lhe faziam. Era de cortar o coração.

Mais um mês e o trabalho, coroado de êxito, terminou. Estava curado. Seus familiares descreiam; entretanto, ele mesmo pode mostrar seu equilíbrio, cassando a procuração outorgada ao seu cunhado para administrar seus bens. Logo depois, estava dirigindo a sua casa comercial de tecidos e armarinhos, conhecida por “Trinta Remendos”, na cidade fluminense de Nova Iguaçu.

Anos depois, fui procurado pela noiva de Antônio que, por ser sua cunhada, melhor conhecia seu passado. Queria meus conselhos diante do receio de

que a doença voltasse. Estava realmente amedrontada. Confirmei-lhe que a enfermidade não passara de tenaz perseguição espiritual, graças a Deus, dominada, e a qual qualquer um de nós está sujeito. Convenci-a a casar-se, sem receio algum, pois que o fato de seu cunhado a procurar para um entendimento de noivado, uma vez enamorado, demonstrava sua perfeita estabilidade mental.

Casaram-se. Vieram os filhos. Antônio, todas as noites, rezava confiante e feliz em benefício de seus amigos e inimigos, sob a constante e injustificável vigilância de sua mulher, que esperava o fim das orações para poder dormir tranqüilamente.

E assim, completamente restabelecido, Antônio reintegrou-se na sociedade, recuperando, com o correr do tempo, a alegria de viver interrompida pela enfermidade.

10 - TIA VELHA



Minha tia e sua filha Marieta residiam no Largo da Concórdia, situado no bairro do Brás, em São Paulo, onde possuíam algumas propriedades. Sozinhas, viviam de seus rendimentos, os quais se multiplicavam em face de uma economia intensa que chegava às raízes da avareza.

Fui pedir-lhes, certa vez, uma irrisória quantia emprestada, a juros, com vencimento determinado, sendo atendido. Agradecido, voltei para o Rio de Janeiro, onde residia. Atravessava uma fase de dificuldades, porém, procurava, por todos os meios, dominá-la.

Por ocasião do vencimento de minha dívida, ocorreu o falecimento de minha tia em consequência de um espasmo cardíaco, tendo sua filha, velhinha, também, tomado rumo ignorado, o que me impossibilitou de saldar o compromisso.

Estava, então, trabalhando no cartório do Dr. Luiz Murat, ao tempo do escrivão Dr. Armando Maia, na rua dos Inválidos, como organizador do arquivo dos processos, que mantinha em ordem cronológica a fim de facilitar as buscas.

Um dia, na hora do almoço, em minha residência à rua Barão de São Félix, próxima à Estação de D. Pedro II, descansava numa cadeira de balanço, aguardando pela refeição, quando, subitamente, senti uma dor profunda no coração e comecei a gemer, preocupando os meus familiares, os quais, me amparando, ajudaram-me a subir as escadas que davam acesso ao sobrado, acomodando-me na cama do quarto de dormir.

A dor continuava forte e eu já sentia o corpo largado, sem forças com o rosto desfigurado, esperando o médico a qualquer momento.

Minha família não sabia a que atribuir aquele descontrole repentino e cada qual sugeria uma providência. Deram-me álcool, éter, vinagre para cheirar, nada adiantava.

Em pensamento, pedia proteção aos meus guias espirituais quando fui surpreendido pela presença do espírito de minha tia, conhecida na intimidade por Tia Velha, o qual procurava esconder-se da minha visão enquanto que os guias o obrigavam a aparecer-me. Então, compreendi a razão da angústia de que estava sendo vítima, notando a preocupação do espírito com a dívida não saldada; procurei doutriná-lo e, em seguida, vencido o impacto espiritual, desci, para o almoço, a todos surpreendendo com a minha narrativa, ao mesmo tempo que olhavam com uma certa desconfiança embaraçosa.

11 - ESTRANHO E SINGULAR AVISO



Meus tios Joppert e Arminda arrendaram por um ano o sítio denominado “Vasconcelos”, distante mais ou menos uma légua da estação de Pirituba, subúrbio de São Paulo, servido pela Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. A seu convite, fomos fazer-lhes companhia por algum tempo, eu, minha senhora e nossos dois filhos menores, Noemi e Levi.

Meus tios se entretinham, com satisfação, na criação de galinhas e porcos e no desenvolvimento das plantações. Nessa ocasião, meu irmão Ernani morava com eles e retribuía, com sua ajuda, o carinhoso tratamento que recebia dos velhos.

Num domingo, eu, meu irmão e as duas crianças saímos a passeio de charrete. Fomos visitar um alambique próximo e tomar caldo de cana. Na volta, encontramos, no caminho, um transeunte desconhecido, o qual, de modo discreto, nos avisou que eu estava sendo “manjado” na estrada e pediu segredo. Ficamos muito preocupados.

Os dias se passaram normalmente mas as noites de vigília nos afligiam bastante porque ouvimos assobios, de ritmo variado, oriundos de diversas direções. Não compreendendo o seu significado, trancamo-nos dentro de casa, à espera de qualquer acontecimento.

Sempre que necessário, meu irmão e eu íamos prevenidos a São Paulo, voltando o mais cedo possível, em vista da situação. No sítio, havia um colono chamado José Mota. Homem rude, forte, analfabeto, trabalhador, em seu casebre desenvolvia, com a ajuda da mulher, a atividade de roceiro. Interrogado sobre os assobios, como homem experimentado, disse nada saber a respeito, todavia, notava que algo de grave e de anormal estava acontecendo, pois, ocasionalmente, vira quatro homens de preto, saltando de um automóvel, que estacionara à distância, armados com espingarda de cano curto.

A nossa preocupação aumentou e a revelação aconselhava cautela, entretanto, não podíamos ficar parados.

Um dia, voltando da cidade, mais ou menos às 18 horas, tomei o trem com destino a Pirituba. Caminhava apressadamente pela estrada, em companhia de outros passageiros, quando me vi diante de uma taberna, onde a estrada de rodagem seguia por um lado ao passo que, do outro, um atalho partia. O atalho, que terminava no sítio, encurtava a distância, porém era mais perigoso. Indeciso, caminhei pela estrada de rodagem quando uma força desconhecida me arrebatou fazendo-me parar! Ouvi um tiro. Voltei atrás. Prosegui pelo atalho. Ouvi dois tiros. Não pude continuar: a força desconhecida me impedia.

Aflito e temeroso, voltei à estação. Por telefone, pedi auxílio ao Dr. Carvalho Franco, delegado de polícia, ameaçado, como me sentia, de uma cilada na estrada. Recebi instruções no sentido de aguardar a chegada de dois policiais. No mesmo lugar, quando os agentes decidiram prosseguir pela estrada de rodagem, ouvimos um tiro, como se fosse um aviso. Quisemos melhor verificar, retornando. Entramos pelo atalho: dois tiros ecoaram. Resolveram os agentes pedir reforço, pelo que voltamos à estação.

Já eram quase 23 horas quando chegou pequeno destacamento da polícia militar: um sargento, um cabo e quatro soldados. Formado o esquadrão, com sentinela à frente e os dois agentes ao meu lado, prosseguimos. Todas as pessoas que eram encontradas na estrada, a pé ou de carro, eram revistas e interrogadas. Chegamos ao sítio sem outros contratemplos e aí servimos um lanche aos re-

cém-chegados. Aos assobios que ouvimos não demos maior importância. A opinião geral era de que apenas eu estava amedrontado! Entrando em meu quarto, exausto e oprimido, pensei em aproveitar a segurança do momento para repousar. Contudo, no intuito de me certificar, olhei para o Alto e exclamei:

- Senhor, será que posso adormecer?

Nessa hora, fui surpreendido com a aparição do espírito de um menino, vestido como colegial, que, contando as pedras de um rosário, respondeu:

- Ainda não, Romualdo.

Apesar do frio reinante e do cansaço que sentia, permaneci acordado e vigilante em face desse providencial aviso.

Repentinamente, ouvimos palmas veementes na porta de entrada, onde havia um patamar de cinco degraus. Carioca, um dos agentes, foi sorrateiramente ver quem estava batendo e, quando, com cautela, abriu um lado da porta, um tiro ecoou! Felizmente, não atingiu ninguém. Os soldados responderam ao fogo quando pressentiram um homem pular do patamar para o solo, sem descer os degraus. Estava comprovada a veracidade do estranho e singular aviso que eu recebera na estrada, assim como, foi oportuna a mensagem espiritual trazida pelo menino.

Houve alguns minutos de silêncio e, em seguida, ouviram-se gemidos e mais gemidos nas proximidades da casa.

- Não procurem sair - disse minha tia - pois isso é uma cilada!

A vigilância foi constante até o dia amanhecer, quando a polícia nos avisou que não podia permanecer no local, aconselhando-nos a que nos retirássemos. Em face da gravidade da situação e do conselho recebido, resolvemos abandonar o sítio Vasconcelos e o Estado de São Paulo, rumando para o Rio de Janeiro, onde, tempos depois, soubemos, pela leitura dos jornais, que o colono José Mota tinha sido assassinado, ao meio dia, quando depenava uma galinha!

12 - A CARTA DE ALFORRIA

Sempre em contato com a sociedade, lá vem o dia em que conhecemos mais alguém, como foi o caso deste casal e seus três filhos.

O chefe, depois de saber de minha atividade espiritual, tornou-se meu amigo e, muitas vezes, me acompanhava em visita aos enfermos. Em certas ocasiões, quando palestrávamos com o doente, sentia um empurrão violento, que desequilibrava a cadeira em que se achava sentado, atemorizando-o. Não encontrando razão para isso, começou a freqüentar as sessões espíritas e se admirava porque o fenômeno não se reproduzia. Iniciado no conhecimento primário do espiritismo, continuamente me fazia perguntas, procurando uma explicação para o fato. Tornou-se, então, mais interessado e nos visitávamos reciprocamente, ligados, cada vez mais, pelo vínculo espiritual.

Visitando-o, certa vez, encontrei uma sua irmã, que viera do Interior. Estava chorando! Visivelmente transtornada, dizia palavras desconexas. Comecei a interrogá-la.

De súbito, ela passou a pedir perdão ao irmão, o qual não sabia do que havia de perdoá-la quando eu o adverti de que falava com outra pessoa, um espírito, que, incorporado, pedia perdão.

Perguntou-lhe o nome e, ouvindo a resposta, empalideceu!

Compreendi que algo de grave e de anormal estava se passando pela resposta dada ao espírito:

- Como homem, nunca te perdoaria; como alma, vai-te!

Notei que o ambiente mudara e meu amigo ficara preocupado, todavia, transmiti-lhe uma mensagem de Ubiratan, o qual lhe mandara entregar uma carta, que via em mãos do espírito; era nada mais nada menos, uma carta de alforria.

Como não pudesse compreender o significado da carta, pedi esclarecimento. Solicitado, o espírito respondeu que, dentro da carta havia uma aliança. E só. Sem comentários, despedimo-nos. Um mês depois, o amigo me procurava, com insistência, para relatar o seu segredo. A senhora que eu conhecera em sua casa não era sua mulher e sim a mãe de seus três filhos! A esposa não lhe fora fiel: leviana e adúltera, abandonara-o no sertão mineiro, após inúmeras humilhações. A carta de alforria, que o bondoso espírito lhe mostrara, trazida na algibeira: era a certidão de óbito da esposa malsinada.

Queria, então, revelar-me o sucedido e manifestar seu grande desejo de legalizar a situação de seus filhos e de sua verdadeira mulher.

13 - PROVAÇÃO DE MAFALDA

Na missão sacrossanta que lhes é determinada, os médiuns, principais timoneiros na difusão e na prática da doutrina espírita, devem entregar-se, com grande dedicação e incansável desprendimento, à caridade. Há várias maneiras de se fazer o bem e, sem dúvida alguma, uma delas é saber confortar os doentes. A fé é a bússola que conduz ao caminho iluminado da compreensão e dá coragem e paciência para que se consiga receber com humildade e resignação as surpresas da vida. Por intermédio de fervorosas preces e assistência contínua têm-se obtido êxito em determinados casos. Mafalda é o objeto desta narrativa.

A convite de meu prezado confrade Sr. Caetano Mero, visitei, no bairro do Tatuapé, em São Paulo, uma jovem chamada Mafalda. Acometida de moléstia insidiosa, estava prostrada no leito de dor, num cômodo humilde, onde se abrigavam mais cinco pessoas: pai, mãe e três filhos.

Sua família lutava com grande dificuldade para manter-se em vista de seu progenitor, homem simples e afetuoso, obter poucos recursos em sua humilde profissão. Com o agravamento do terrível mal, tornou-se necessária uma intervenção cirúrgica. Para efetuar-la seu pai viu-se constrangido a aceitar uma subscrição feita espontaneamente pelos seus companheiros de trabalho. Todavia, a

quantia apurada foi apenas suficiente para pagar a operação e o primeiro curativo, depois do que a enferma foi abandonada e transportada para sua casa.

Mafalda, com os seus dezesseis anos de idade, parecia sofrer resignada a sua desdita, pelo menos, procurava não aumentar o sofrimento dos seus. Colaborava nos próprios curativos, limpando-se a cada vez que sentia mal-estar, provocado pelo progresso da incurável moléstia. Seu pai, intimamente revoltado, caminhava pelo quarto em passos vagarosos observando o rápido aniquilamento de sua jovem filha. Sua mão, bastante marcada pelo abatimento causado pelos dias e noites de angústia, desesperada pelo malogro dos medicamentos e de suas preces, parecia uma autômata a andar pela casa nas pontas dos pés. As irmãs, ainda pequeninas, cochilavam nos cantos do quarto, com a tristeza estampada em seus inocentes rostinhos. Mafalda estava com seus dias contados.

O Sr. Caetano Mero, morador nas proximidades, já vinha atendendo com sublime solicitude, às necessidades da paciente. Orava por ela e tudo fazia para preparar-lhe o espírito sobre o desencanto desta vida. Mais velho e experiente, dava banho em Mafalda numa bacia, lavando-lhe a ferida com desinfetantes, procurando fazer, da melhor maneira possível, os curativos. Enquanto isso, sua mãe refazia a cama e mudava o lençol. Mafalda, depois de trocada e posta novamente na cama, sentia-se aliviada.

O Pai de Mafalda admirava-se de ver a filha aquietar-se em nossa companhia, pois, a seu lado, cada um de nós, em voluntário revezamento, ficava de plantão durante quatro horas consecutivas. Conosco, também participava desse trabalho caritativo o amigo comum Sr. Salustiano Fernandes Rodrigues. Ao ouvido da enferma sussurrávamos ensinamentos evangélicos e respondíamos a todas as suas perguntas. Dessa forma, aplicávamos nossa força mediúnica como lenitivo ao seu irreparável estado. A família, até então subnutrida e desamparada, sentiu-se mais confiante com a nossa protetora atuação e assim pode repousar despreocupada mormente quanto à parte financeira que passou a ficar por nossa conta.

Na noite do meu plantão, aproximadamente às vinte horas, Mafalda, assustada, disse-me estar vendo sua mãe sem cabeça. Perguntou-me o significado dessa visão. Respondi-lhe que sua mãe estava esgotada, cansada de tanto sofrer e, por conseguinte, não tinha mais cabeça para raciocinar. Disse-lhe mais que os espíritos, em sua sabedoria, estavam confortando-a, mostrando-lhe essa visão, que lhe despertou a curiosidade, obrigando-a a refletir e conhecer o seu significado. Assim, ele estavam conversando com ela sem proferir palavra. Mafalda, resignada em sua provação e entusiasmada pelo que vira e ouvira, chamou sua mãe e disse:

- Nunca me ensinastes estas coisas, eles sim, mamãe, são meus verdadeiros irmãos! - e contou-lhe a visão.

E com meiguice e ternura, acariciava-me emocionada. Infelizmente, a terrível moléstia progrediu muito, malgrado o nosso desvelo e, três meses depois, Mafalda falecia.

14 - UMA LINGUAGEM ESTRANHA



Vale a pena ser narrado o que o acaso me proporcionou, como lição de esclarecimento espiritual, na sessão que assisti, eventualmente, há 25 anos passados, num Centro Espírita para mim até então desconhecido, situado à rua Gomes Cardim, no bairro do Brás, em São Paulo.

Dirigia-me para casa, às 20 horas, quando parei à porta desse Centro. Encontrando-a aberta e não tendo qualquer compromisso naquela noite, senti um desejo impulsivo de assistir à sessão, prestes a iniciar-se. Acomodei-me na última fila de cadeiras. O recinto devia comportar umas quarenta cadeiras, mais ou menos, já ocupadas. não encontrei pessoa alguma conhecida.

O trabalho foi iniciado sob a direção de uma senhora de nacionalidade espanhola, de meia idade, baixa, não muito gorda, compenetrada de sua missão. Após a prece de abertura, feita por ela mesma, vi entrar, pela porta da rua que dava acesso à sala, o espírito de um homem velho, magro, alto, branco, vestido com esmero e trazendo ao pescoço um cachecol de seda, o qual me cumprimentou, acenando com a cabeça.

Logo tomou o “aparelho” da senhora espanhola e começou a falar em português, estendendo-se em seu discurso doutrinário, afirmando, entre outras

coisas, que, “apesar de velho, sua fibra ainda era a mesma...”, demorando-se na tribuna cerca de 30 minutos. Todos, indistintamente, estavam atentos à palestra do espírito, o qual falava com convicção, externando o seu ponto de vista evangélico de uma maneira esclarecedora e persuasiva, enquanto a médium, gesticulando e levantando o braço constantemente, parecia obedecer aos enérgicos fluidos de entusiasmo do orador espiritual. Terminada a comunicação, o espírito do velho retirou-se.

A seguir, veio outro espírito, que não tive a satisfação de identificar. Tomou o “aparelho” da mesma senhora e iniciou uma pregação em linguagem estranha e incompreensível. Durante 40 minutos ininterruptos ouvimos atentamente sem compreender uma só palavra do que dizia quando comecei a raciocinar de que valeria toda aquela gente ouvir sem entender a comunicação misteriosa e demorada daquele tribuno.

Talvez como resposta à vibração, a minha vidência foi ampliada. Então, consegui ver o que se passava no recinto. Em lugar das pessoas presentes, encontrava-se uma numerosa falange de índios pretos, todos ostentando seus enfeites de penas muito bonitas. O cacique também ornamentado com seus colares e penachos, ardoroso, forte e combativo, pregava, em seu empolgante linguajar, aos componentes de sua tribo.

Terminada a sessão, compreendi que o espírito se aproveitara da nossa reunião para promover aos seus o mesmo benefício que, momentos antes, houveramos recebido de seu antecessor. Estava explicada a razão de minha incompreensão.

15 - 375-V-17



Em casa de um amigo, na Praia da Lapa, no Rio de Janeiro, houve uma reunião espírita de salão, para que eu pudesse fazer uma demonstração simbólica de fatos ocorridos.

A simbologia é um sistema de exprimir secretamente e de modo inteligente a mensagem do espírito. Quanto maior for a capacidade do candidato, mais simples se torna a decifração do símbolo. O espírito deixa a critério do interessado revelar ou não, como verdade, o que foi irradiado, assim como, não revela fatos contrários à moral ou impertinentes, que deixem em situação embaraçosa o consulente. Após algumas reuniões, ouvindo-se uma, duas, três vezes a simbologia dos outros, torna-se mais fácil a compreensão.

Para dar uma idéia, vamos descrever a simbologia de alguém: “uma aliança de ouro, de peso comum, cortada pelo meio e recomposta pela solda, deixando vestígio”. Outra simbologia: “a senhorita x aparece com duas alianças, uma em cada mão, uma pesando mais do que a outra”.

No primeiro caso, temos um casamento financeiramente equilibrado; todavia, depois de algum tempo, os cônjuges desentendem-se havendo uma sepa-

ração, mais tarde corrigida com a pacificação dos espíritos. Entretanto, deixou vestígio porque chegou ao conhecimento de terceiros. No segundo caso, a senhorita x tem dois candidatos, um em situação financeira invejável, outro remediado. Todavia, está pesando as qualidades de ambos a fim de se decidir.

Assim decorria a reunião, estando todos interessados uns pelos outros, auxiliando-se mutuamente na decifração dos símbolos difundidos.

Ao se aproximar a hora de encerrar a sessão, o dono da casa pediu um símbolo bem difícil para “queimar as pestanas...”

375 - V - 17 - foi a resposta.

O tempo passava e nem o consulente e nenhum dos presentes conseguia saber seu significado. Os palpites fervilhavam e era grande a ansiedade.

Alheio ao que se estava passando, entrou na sala o filho do dono da casa, aspirante de marinha.

- Hugo - disse seu pai - estou “quebrando a cabeça” para interpretar um símbolo difícil que eu mesmo solicitei: 375 - V - 17.

- Papai, já sei o que é, está na minha gaveta.

E exhibe aos presentes sua certidão de idade, extraída da folha nº 375, verso, quando tinha apenas 17 anos de idade...

16 - A DÚVIDA



Dentre os que faziam parte da mesa abençoada eu era o mais humilde e o que menos sabia.

Dirigia, é verdade, os trabalhos realizados às quartas-feiras na residência do Sr. e Sra. Sylvio Cotrim, à rua Lavradino nº 550, na Água Branca, São Paulo, por especial deferência de seus componentes.

O objetivo das sessões era estudar o gravíssimo estado de saúde da menina Emerenciana, filha de uma empregada doméstica do casal. A criança não deglutia, tinha as pernas e os braços arcados, era muda e surda. Alimentava-se enfiando, com os dedos, a comida pela boca e seu semblante tristonho causava pena. Seus médicos foram unânimes em declarar que a menina não poderia sobreviver por muito tempo em face de suas gravíssimas anomalias.

Tomavam parte na mesa dos trabalhos espirituais as seguintes pessoas: Dr. Eduardo Pontes, médico e General de Exército; Dr. Tiète Diniz, um estudioso do Evangelho; General Pedro de Pinho, espiritualista de grande mérito; Dna. Chiquinha Cotrim, a pedido de quem foi convocada a reunião; e o Sr. Salustiano Fernandez Rodrigues, espírita convicto e amigo da família.

O Dr. Tiètre, versado no idioma de Jesus, durante a parte doutrinária, falava sobre o texto evangélico, explicando a razão de ser de certas passagens bíblicas, que provocavam controvérsias entre os estudiosos. Por exemplo:

“É MAIS FÁCIL PASSAR UM CAMELO PELO FUNDO DE UMA AGULHA DO QUE UM RICO ENTRAR NO REINO DE DEUS”.

- Camelo - esclarecia - era uma linha grossa.

E então compreendíamos o que ele, com riqueza de detalhes, nos ensinava, e assim por diante.

No curso das sessões, o espírito do índio UBIRATAN, através de irradiações simbólicas, antecipava o conhecimento de fatos, alheios ao objetivo mas que, realmente, se tornavam em realidade, quer fossem esses fatos de caráter íntimo, público, político ou social.

Assim sendo, tendo muita confiança no valor e na projeção desse eminente amigo espiritual, eu testemunhava o acerto de suas previsões e exaltava a sua personalidade, como um espírito de grande elevação e de indiscutível mérito quando o Dr. Tiètre, interrompendo-me, procurou convencer aos presentes que o índio Ubiratan, conquanto fosse amigo de seu médium, tendo com ele grande afinidade, não tinha a grandeza espiritual que eu proclamava. Era um índio...

Propus, então, ao meu prezado companheiro que cada um de nós fizesse uma prece ao Mestre e Senhor nosso, para que esse ponto delicado fosse esclarecido. Todos concordaram.

As reuniões prosseguiram. Certa vez, ao aproximar-se a hora da sessão, notei que os espíritos suspendiam, a dois metros acima do nível do chão, a cadeira reservada para o Dr. Tiètre; estava amarrada por uma corda, que pendia do alto.

Ao divulgar a visão, compreendemos que ele não compareceria naquela quarta-feira.

Realmente, assim aconteceu bem como nas reuniões seguintes. A menina Emerenciana permanecia em seu estado mórbido e inconsciente.

Mais tarde, recebemos notícias, por intermédio da família do Dr. Tiètre, que ele regressara doente de uma viagem, de seu interesse, que fizera ao Interior e que logo voltaria às sessões. Efetivamente, voltou, numa quarta-feira, para dar testemunho do que com ele se passara durante sua ausência.

Em sua cama, brincava com o filho caçula quando foi surpreendido pela presença do espírito do índio Ubiratan, o qual mantinha os olhos fixados nos seus.

Ubiratan perguntou-lhe:

- Amigo, por que duvidas de mim?

Respondeu-lhe o Dr. Tiètre que não duvidava dele, apenas sustentava sua opinião de que ele, Ubiratan, era um grande amigo de seu médium, com quem tinha grande afinidade, não possuindo a grandeza espiritual proclamada...

Então, Ubiratan chamou a atenção do Dr. Tiètre para si, permitindo-lhe que o visse durante muito tempo, enquanto se transfigurava. Deixou somente que seu rosto indígena não se modificasse e mudou de roupa várias vezes, mostrando-se em trajes de civil, diplomata, militar, de luvas e cartola etc. Em seguida, perguntou-lhe:

- Compreendeu, amigo?

- Sim, compreendi - respondeu o Dr. Tiètre. Essas diversas roupagens representam as reencarnações pelas quais o amigo passou, evoluindo bastante o seu espírito. Todavia, se identifica, perante nós, por intermédio da mais humilde, a de um índio. Muito obrigado.

- Então não se descuide de seu fígado, que precisa ser medicado - disse Ubiratan, apontando para o órgão avariado.

Todos os presentes se comoveram.

Com o passar do tempo, Emerenciana morreu voltando seu espírito à erraticidade, libertado da cadeia transitória deste mundo.

O Dr. Tiète, avisado pelo amigo Ubiratan, cuidou de seu fígado tendo recebido carinhosa assistência de sua nobilíssima esposa.

Entretanto, a despeito de todo o tratamento observado, faleceu.

Partiu para a eternidade, sofrido pela angústia da passagem e, em seu último momento, recordando a dúvida esclarecida, via, no rosto de Ubiratan, estampada a alegria da sobrevivência.

17 - AS FLORES DA GRATIDÃO



Manoel Ponciano foi um dos meus melhores amigos. Fazia questão de acompanhar-me, depois das sessões realizadas na Casa de Ubiratan, até a porta de minha residência, onde permanecia, por longo tempo, comentando o desenrolar dos trabalhos espirituais, procurando conhecer os detalhes e a sua significação.

Era um grande admirador da simbologia do Índio. Certa vez, em dificuldades para resolver um problema, pediu orientação ao Guia, o qual lhe forneceu instruções necessárias para solucioná-lo. Radiante, em face do êxito alcançado, compenetrado da força da corrente espiritual que abraçara, assumiu consigo mesmo, como prova de gratidão, o compromisso de oferecer, aos sábados, flores para ornamentar a mesa da caridade.

Constituía sempre um grande prazer ver o Maneco, como o tratavam na intimidade, subir as escadas do Centro, risonho, com uma braçada de flores, o que despertava curiosidade dos assistentes das sessões de sábado. Era sempre um dos primeiros a chegar. Toda sua atenção ficava concentrada no desenrolar dos trabalhos espirituais. Fazia suas orações, principalmente em benefício do filho, que sofria do coração.

Os anos se passaram. Infelizmente, moléstia insidiosa atacou o nosso querido Maneco e, apesar das preces e do tratamento que lhe foi carinhosamente dispensado pelos médicos e sua família, veio a falecer.

Ponciano era muito comunicativo e estava sempre disposto a amenizar a angústia dos outros, encorajando-os na resignação e na humildade, o que lhe granjeou um grande círculo de amizades. Foi por demais sentida a sua passagem e muito lembrada a sua pessoa com saudade!

Depois de algum tempo de meditação e preces em intenção de seu espírito, vi Manoel Ponciano caminhando numa avenida deserta, em minha direção, amparado por dois outros espíritos, que o seguravam pelos braços, dando-me a compreensão de que ele ainda estava fraco e precisava de ajuda! Aproximando-se cada vez mais, denotando surpresa e contentamento por ver-me, afirmou, de modo sensacional, que não havia moléstias e sim forças positivas e negativas!

- Ponciano querido, - disse-lhe - você, que tinha o mesmo grau de compreensão que nós outros, aqui na Terra, assistindo nossas sessões, explica-nos melhor, pois sua afirmativa é de interesse relevante para a humanidade. Se você foi vítima de enfermidade cruel, como afirma não haver doenças?

- Não há, Romualdo, há forças... - respondeu.

E forçado pelos dois espíritos que o amparavam, virou de costas, caminhando em sentido contrário, pela mesma estrada. Ao longe, com a cabeça voltada para trás, ainda gritava:

- Eu voltarei, Romualdo, eu voltarei...

E eu, saudoso do meu grande amigo, parecia vê-lo ainda, subindo as escadas do Centro, carregando as flores da gratidão...

18 - DONA MARGARIDA FONSECA



Dona Margarida Fonseca nasceu no valoroso Portugal. Lá no rincão de sua terra, afastada do bulício da cidade, trabalhava com afinco, desde o romper da autora até ao anoitecer, num esforço grandioso para manter seus filhos.

A terra do Infante D. Henrique tem sido berço de famosos artistas, quer na ourivesaria sagrada e profana como na estatuária, na pintura e na escultura em mármore ou madeira, produzindo arcas, bufetes, cadeiras, estalas etc.

Dona Margarida, embora atravessando uma fase difícil de sua vida, conseguiu juntar poucos recursos a fim de encaminhar seus dois filhos à cidade lendária do Porto, onde trabalhariam graciosamente em troca do aprendizado do ofício de ourives, a exemplo do que faziam as famílias do Minho, Trás-os-Montes, Alto Douro, Beira Alta, Ribatejo e outras.

Sentindo antecipadamente o sacrifício da separação, entretanto, animada pelo firme propósito de assegurar o futuro de seus filhos, Dona Margarida concluiu o enxoval dos dois garotos, Antônio e Joaquim, e, com lágrimas nos olhos, viu-os partir.

Os anos se passaram e a família de Dona Margarida mudou-se para o Brasil. Os filhos casaram-se e prosperaram. A arte da ourivesaria, aprendida à custa do sacrifício e trabalho de sua progenitora, proporcionou-lhes fortuna e bem-estar.

Dona Margarida Fonseca , já velhinha, não quis incomodar ninguém e preferiu alugar um quarto e morar só, contendo-se apenas com a visita de seus filhos. Nas suas enxaquecas, procurava sempre o remédio preferido, os granulados da homeopatia.

Um dia, repentina e inesperadamente, Dona Margarida morreu. Expirou como um passarinho.

Por ocasião da visita feita pelo seu filho Antônio, à rua Sampaio Moreira n.º 88, onde eu residia, o espírito de Dona Margarida surpreendeu-nos, aparecendo tal qual ela era em vida, com simplicidade. Vestida de blusa branca e saia preta, envolvendo o busto com mantilha de cor, aconselhou o filho quanto aos percalços de seu ofício e segurança de sua loja, recomendando-me todavia que não o assustasse.


Realmente, tempos depois, tentaram assaltar a joalheria de Antônio Rodrigues da Fonseca, tendo sido pressentidos e preso um dos ladrões, os quais não conseguiram seu intento em face dos cuidados tomados pelo interessado, graças aos oportunos conselhos do espírito de sua mãe.

O espírito de Dona Margarida Fonseca apareceu-me outras vezes. Operosa e trabalhadora, encorajava a nossa obra de caridade, que se desenvolvia no Centro Ubiratan, mostrando-nos as peças de fazenda, que eram por ela psiquicamente desdobradas, numa demonstração de ajuda aos pobres, no setor da costura. Não se descuidava dos seus, transmitindo-lhes sempre uma palavra de estímulo e de esclarecimento.

Quando adoeceu o filho Joaquim, permaneceu ao seu lado, na expectativa de ser útil, tendo sido, por ele, pressentida durante todo o tempo da enfermida-

de. Efetivamente, era grave o estado do doente porquanto o cirurgião, descuidou-se com o bisturi, cortando-lhe uma veia... Todavia, é de se presumir que a assistência espiritual de sua mãe o ajudou bastante, em face de sua rápida recuperação. E até hoje, o espírito de Dona Margarida Fonseca continua irradiando...

19 - O PERDÃO DAS OFENSAS

 **O** evangelista Mateus, no cap. V, versículos 44 a 46, diz:

“Amái vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, a fim de que sejais filhos do vosso Pai que está nos Céus, que faz com que o sol tanto se levante para os bons como para os maus, que faz chover sobre justos e injustos”.

Mateus assim nos admoesta que devamos estender a caridade até aos perversos, pois é agradável a Deus.

Esquecer as ofensas e perdoar aos delinqüentes é demonstrar altruísmo e boa índole, o que desarma e desencoraja o desalmado, o qual, envenenado pela vingança, deseja armar o seu espírito doentio para novo atentado criminoso.

É o embrião da virtude, ligada à lei da fraternidade pregada pelo Cristo, tão difícil quão impossível de ser praticada, neste mundo, onde a necessidade absoluta de sobrevivência impõe a matança como meio de subsistência da própria vida. No fundo do mar vemos a baleia devorar as sardinhas, no ar o gavião bloquear os pássaros, na superfície as plantas a se absorverem umas às outras! A lei é geral. Enfim...

O caso de que vamos tratar tem sua analogia com os conceitos acima expendidos.

A Casa Fonseca, situada no bairro do Brás, em São Paulo, em certa ocasião, foi visitada pelos ladrões. A constante cautela de seu proprietário, Sr. Antônio Rodrigues da Fonseca, já prevenido pelo espírito da senhora sua mãe, o ajudou bastante pois estava sempre alerta.

Ouvindo passos no forro de seu quarto, ficou atento. Pressentindo o ladrão, disparou para cima um tiro de revólver, o qual assustou o gatuno, que, descoberto, começou a correr de um telhado para outro das casas vizinhas, em desespero de causa. Prevenida a polícia, por telefone, o quarteirão foi cercado e, dessa forma, impedida a fuga do larápio, que afinal, foi preso em flagrante. Se haviam outros comparsas nunca se soube pois não foram vistos e nem denunciados.

Como reagisse à prisão, o gatuno apanhou da polícia. Levaram-no à presença dos donos da casa. Ao vê-lo, a senhora proprietária exclamou:

- Coitado! Tão mocinho! Deixem-no ir embora!

No meio de tantos acusadores e do flagrante que atestava seu delito, estava sem defesa, quando ouviu as palavras carinhosas da vítima, perdoadando-o, o que lhe causou um forte impacto emocional. Realmente, aquelas palavras de alívio, suaves e boas, calaram fundo na alma do ladrão. Sem dúvida alguma, essa era a caridade a que se referia o evangelista.

A polícia levou-o cumprindo seu dever. Os anos se passaram e ninguém mais se lembrou dele.

Participante de uma sessão de preces, no Rio de Janeiro, qual não foi a surpresa da senhora do proprietário da Casa Fonseca, quando, procurando identificar o espírito que lhe falava, ouviu emocionada estas palavras do médium:

- Coitado! Tão mocinho! Deixem-no ir embora!

Evidentemente, o espírito do ladrão guardou avaramente aquelas palavras consoladoras que, para ele, significavam o perdão das ofensas!

20 - A PAREDE QUE FALA



No segundo andar do prédio n.º 114 da rua da Quitanda, na Capital do Estado de São Paulo, onde, em sua sede social, o Centro Espírita Ubiratan realizava sessões, certo dia apareceu o Contador do Centro, Sr. Américo Carilli, acompanhado de uma senhora, que trazia o filho de três anos chamado José Valério Filho afim de pedir uma orientação espiritual.

Procediam da estação de Francisco Maximiano, ramal de Guatapará, nas proximidades de Ribeirão Preto, onde o pai do menino, Sr. José Valério, trabalhava como auxiliar, na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro.

Relatou a mãe do garoto que, um dia, quando ele brincava em frente de sua casa, repentinamente caíra ao solo, chorando, sem poder levantar-se. Correndo em seu auxílio, ajudou-o a erguer-se porém constatou que seu filho não mais podia andar. A conselho do agente da estação, munuiu-se de passe da Companhia e rumou para Ribeirão Preto, em busca de recursos médicos.

Atendida pelos facultativos da Mogiana, depois de relatar-lhes o ocorrido, aguardou o resultado do exame, feito em conjunto, pois os médicos, desde logo, consideraram grave o estado do paciente, dizendo parecer-lhes tratar-se de paralisia infantil. Como não estivessem certos desse diagnóstico, aconselharam

que o menino fosse levado para Campinas, onde encontraria recursos para mais amplos exames.

Em Campinas, os médicos da Mogiana, em conferência, resolveram encaminhar José Valério Filho para São Paulo, recomendando-o a dois colegas especialistas, aos quais a direção da Mogiana escreveu uma carta de apresentação.

Atenciosamente recebidos no consultório, a criança foi examinada por um dos facultativos indicados. Posteriormente, também o outro a examinou, declarando ambos sofrer o menino realmente de paralisia infantil. Sua progenitora, aflita, com o filhinho no colo, voltou, resignada, para casa onde se achava hospedada, confiante na misericórdia divina.

Apesar dos sintomas graves de paralisia no menino, lembrava sua mãe que seu filho mencionava palavras que estariam escritas na parede!

- Mamãe, a parede fala!
- O que ela diz, meu filho?
- Eu sou um espírito que prejudico você, para perturbar seu pai e sua mãe
- respondeu o garoto.

Como é óbvio, a criança não sabia ler nem coisa alguma havia na parede.

Estaria meu filho sofrendo das faculdades mentais? - raciocinava a mulher. Estarei delirando? - pensava.

Alguns meses se passaram até que, aconselhada por um seu vizinho, o Sr. Américo Carilli, que tivera conhecimento do caso, resolveu vir com seu filho ao Centro, onde buscava, naquele momento, auxílio espiritual. Depois de ouvir atentamente o que fora relatado, aconselhei-a que assistisse à sessão que estava prestes a iniciar-se.

Acomodando o menino Valério, com almofada, na mesa dos trabalhos, para que sua mãe pudesse descansar, recomendei aos presentes que fizessem preces

unicamente em favor do enfermo de modo que eu pudesse observar precisamente o que ocorria no plano espiritual. Terminada a sessão, pedi aos visitantes que continuassem a freqüentar as reuniões a fim de prosseguir nas observações.

Após algumas sessões, executando o mesmo trabalho espiritual, vi o corpo do menino seguro por muitas mãos! A imposição dessas mãos me deu a certeza de que José Valério Filho estava sendo vítima de tremenda atuação espiritual de forças negativas.

Iniciamos então a luta. Escudados na lei do amor, pregada pelo Cristo, começamos a falar aos espíritos, com convicção, procurando dissuadi-los da tarefa inglória e infeliz a que estavam apegados. O tempo foi passando. Tudo continuava na mesma: o menino deitado em cima da mesa e as sessões prosseguindo normalmente.

Por fim, a assistência vibrou, com grande emoção, quando o menino, trêmulo e cambaleante, levantou-se procurando mover-se em direção a sua progenitora, porém, ainda sem forças para andar!

Estava vencida a primeira etapa! Sua mãe chorava e sorria ao mesmo tempo!

Na seqüência dos trabalhos espirituais, Valério continuou sentado em cima da mesa, numa das cabeceiras, devido a sua fraqueza, e na outra acomodada numa cadeira, ficava sua mãe.

E eis que, na última sessão realizada em seu benefício, em meio a concentração geral e atendendo aos nossos vibrantes apelos, o menino, assustado, levantou-se e caminhou em direção de sua mãe e, posteriormente, em direção a sua casa! Arrebatada a assistência pelo delírio da fé, diante do que viam, cerca de duzentas pessoas, todas profundamente agradecidas, entoaram cânticos de louvor ao Mestre! José Valério Filho estava curado!

21 - O CALENDÁRIO

Feliz é aquele que, pela coragem e pela fé, adquire sábios conhecimentos sobre a imortalidade da alma, pois, nessa situação, pode laborar, com sabedoria e convicção, por si e em prol dos que necessitam ser iluminados pelos benéficos raios esclarecedores da doutrina espírita.

José Cará, vem batalhando, durante muitos anos, com desprendida dedicação e inquebrantável constância, na Casa de Ubiratan, nosso templo de caridade, quer em sua parte doutrinária, quer na parte assistencial.

Sua mãe, Dona Ernesta Bergamini Cará, sofria periodicamente de crises cardíacas, pondo em sobressalto a carinhosa família, que sempre a socorria com a máxima presteza e solicitude. Dona Ernesta reagia todas as vezes, naquela fase ainda não aguda, pela rapidez das providências, apesar das complicações características da renitente esclerose.

Em 1946, uma crise forte abalou seu organismo, com sintomas alarmantes. O médico mostrou-se reservado. A família revezou-se em vigília para que a enferma tivesse completa assistência.

Por esse motivo, em reunião espiritual, procuramos invocar nosso guia protetor, o qual atendeu ao nosso chamado. No decorrer de sua irradiação, Ubiratan mostrava, pelo calendário, o tempo transcorrendo em vertiginosa evolução, com a queda das folhas que marcam cada dia do mês. Por fim, o calendário também saía da parede.

Não me foi difícil interpretar a revelação de Ubiratan. Nela não havia novidade funesta. A senhora Ernesta não iria morrer naquele ano. José, satisfeito, felicíssimo, confiou na sinceridade da arcana mensagem e esperou pelo fim do ano.

No ano seguinte, infelizmente, nova crise, de maiores proporções, aconteceu Dona Ernesta..

Exatamente no mês de junho, José implorava a segunda ajuda bendita ao bondoso índio Ubiratan. Mais uma vez fomos esclarecidos. Comuniquei a José o que se desenrolava ante meus olhos: via o tempo correndo, no calendário, como acontecera por ocasião da primeira revelação, porém, havia uma pausa ao chegar uma folhinha preta, depois de passadas duas vermelhas seguidas.


Compreendi claramente o significado do símbolo: seu fim dar-se-ia após o dia de Finados.

José Cará, torturado, esperou a passagem dos meses, com grande angústia no coração, pois, como espírita convicto, via aproximar-se o infausto momento que iria roubar a presença física de sua querida progenitora do convívio feliz da harmoniosa família.

Realmente, no dia três de novembro desse ano, dia de Finados, Dona Ernesta agonizou para chegar ao porto de Deus à primeira badalada do dia quatro.

22 - O GRÃO DE CAFÉ



 **O** Sr. Eduardo Pontes, General de Exército, viajava comigo e sua senhora, em trem diurno da Estrada de Ferro Central do Brasil, com destino ao Rio de Janeiro.

Ao nosso lado sentou-se um desconhecido.

Começamos a falar sobre a simbologia espiritual, assunto que o Dr. Pontes muito admirava. Procuramos atrair a presença do espírito, a fim de saber alguma coisa durante a viagem. Calados e atentos, o General e sua senhora aguardavam curiosos a revelação.

Um cofre aberto e nele colocada uma caixinha com etiqueta - foi o primeiro símbolo.

O General, sorrindo, disse que já sabia seu significado.

Um novo boné, bordado a ouro, e um militar fazendo continência - foi o segundo símbolo.

Também o Dr. Pontes sabia o que significava: seria a sua promoção, cujo processo já estava em andamento.

E assim por diante...

A essa altura, o passageiro desconhecido pediu-nos licença e manifestou sua incompreensão, alegando que, por mais que prestasse atenção, não conseguia compreender o “jogo” e, se lhe permitissem, gostaria de entrar “no brinquedo”!

Explicamos-lhe que se tratava de comunicação espírita simbólica, sempre um fato já ocorrido ou em vias de realização. Bastava pedir e calar-se.

O interessante era o indivíduo constatar a realidade e, como consequência, crer na presença do espírito pois o médium não pode adivinhar a vida alheia.

- No seu caso, por exemplo, vejo um envelope, bordado a ouro, com um grão de café em cima - disse-lhe.

- Que será isso? - perguntou.

- O senhor é que deve saber - respondi.

O homem não atinava com a coisa, achando muito difícil a simbologia.

O General procurou ajudá-lo a interpretar o símbolo, perguntando se tinha algum envelope no bolso.

- Não senhor, tenho uma carta.

- De quem?

- De um colega seu - respondeu.

O desconhecido exultou de satisfação quando compreendeu que o envelope, bordado a ouro, era a carta de um General e o grão de café, que estava em cima, representava o destinatário, Instituto Brasileiro de Café.

Outras pessoas, curiosas, que viajavam no trem, vendo o nosso entusiasmo, quiseram também tomar conhecimento do assunto mas foram contidas pelo General, que passou a despistar...

23 - LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR



Visitando, de surpresa, o amigo Manoel, ferroviário residente na Vila Mendes, no fim da rua Gomes Cardim, no bairro do Brás, acabei sendo eu o surpreendido pois, ao receber-me, disse-me ele que minha visita tinha sido providencial porque sua esposa, médium desenvolvida, fora buscar um moço, que estava descontrolado mentalmente, afim de socorrê-lo, pois o mesmo não podia sair do quarto, onde se encontrava em freqüente delírio.

Voltando muito tarde, a senhora desse meu amigo declarou que não teve possibilidade de entender-se com o enfermo, nem penetrar em seu quarto, porquanto, agressivo, não admitia interferências espirituais nem humanas. Voltara da Penha, onde residia o doente, desiludida. O marido me havia pedido para esperar pois pretendia fazer um trabalho espiritual com a minha colaboração.

Explicou-me, então, que Paulo, a vítima, estudava o Evangelho e seus irmãos eram pastores da Igreja Evangélica. O moço, sem saber porque, certo daí, ficou prisioneiro entre quatro paredes de seu quarto, apesar de achar-se aberta a porta, hostilizando quem pretendesse entrar, fazendo, no próprio local, as suas necessidades, atraindo a curiosidade de vizinhos e mantendo a família sofrida pela situação desalentadora em que encontrava.

Conhecido o caso, sugeri ao Manoel realizar a sessão na própria casa do paciente, dizendo-lhe que não importava a hora que lá chegássemos, uma vez que os interessados não dormiam e estavam sobressaltados.

Quando nos pusemos a caminho, tive uma visão: na porta de uma casa, ajoelhado, um índio pedia graças de mãos súplices! Dirigindo-me ao meu amigo, depois de lhe haver contado o que vira, disse-lhe:

- Vamos ter êxito! Eu entrarei no quarto para falar ao prisioneiro e você reúna seus conhecidos seus conhecidos crentes em volta da mesa santa dos trabalhos para que seja aberta a sessão na hora oportuna. A descrença dos circunstantes era geral em face das tentativas infrutíferas feitas anteriormente. Apesar do adiantado da hora, muitas pessoas mantinham-se nas proximidades da casa, aumentando mais sua curiosidade à chegada de alguém.

Entrando de surpresa no quarto e dirigindo-me a ele, Paulo, fui logo dizendo que o conhecia por informações sabendo tratar-se de moço moderado em suas atitudes e interessado em conhecer as leis divinas; que conhecia outro Paulo, o convertido na estrada de Damasco, o qual, indiferente às ameaças e castigos, agira, em nome de Jesus, com grande autoridade, porém, eu desconhecia o espírito que o impelia, a ela Paulo, de sair do quarto onde se encontrava prisioneiro.

- Paulo, em nome de Jesus, o Nazareno, eu o convido a sair deste quarto! - disse-lhe, concluindo minhas palavras de incentivo.

Acedendo, com brandura, deu-me o braço e nos encaminhamos para a mesa dos trabalhos espirituais, onde os membros, agora profundamente emocionados, agradeciam a Deus em vibrações patéticas! O silêncio e a ansiedade dominavam os corações.

- Paulo - disse-lhe - em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, dou-lhe a palavra.

Levantando-se estático, muito pálido, olhar agudo e penetrante, como uma pessoa que entra em convalescença depois de uma moléstia grave, ele deixou

que todos vissemos o seu corpo movimentar-se: olhos, nariz, pestanas, braços, pernas, cabeça, como movido por uma corrente elétrica. Comovido até as entranhas, proferiu estas palavras, entrecortadas de soluços:

- Louvado seja Nosso Senhor!

Encerrada a sessão, com manifesta alegria dos presentes, Paulo acompanhou-nos até o largo da Penha, onde tomamos a condução de regresso ao lar, enquanto sua família lavava o quarto e dava novo encanto a sua casa.

24- O CASAL DE CIGANOS

O caso que vou narrar tem sua originalidade no fato de certos espíritos se ocuparem em desvendar, de maneira exclusiva, o passado e o presente dos consulentes.

Foi o que aconteceu comigo, certa ocasião.

Estava sentado numa cadeira de balanço, logo após a refeição, quando vi, pela primeira vez, aquele simpático casal de ciganos. Ao vê-los sentados no chão, alegremente, como dois companheiros que se entendiam muito bem, ele, calçado, ela, descalça, ambos de meia-idade, fiquei atento. Ela estava vestida de saias rodadas, tecido claro, jaqueta preta com enfeites dourados, ornamentada com brincos de argolas de ouro. Ele, de calças escuras, camisa e blusão modelo especial, com um fio de barbante em volta do pescoço, à guisa de colar, de onde pendia uma santinha de ouro.

Pareciam mais duas pessoas vivas no seu entretenimento do que dois espíritos. Divertiam-se, jogando cartas e buzos. E entre os jogos e risos de satisfação, eles me revelavam fatos ocorridos no passado e no presente com os eventuais consulentes. Sem qualquer premeditação, logo que alguém de mim se aproximava, começava o trabalho espontâneo dos dois espíritos. Esse trabalho con-

sistia em olhar primeiro para a pessoa presente e depois jogar as cartas no chão, em círculo, tendo o cuidado de colocar, no centro, o rei. Entrementes, a mulher jogava os buzos na área das cartas, da mesma forma que se jogam os dados. Depois de tranqüilamente observadas as cartas e os buzos, falavam entre si, como que ajustando a conclusão a que tinham chegado. Ficavam alegres quando o interessado confirmava o acerto de suas afirmativas. Eu, que não conseguia descobrir a significação das palavras trocadas pelos dois espíritos, era, a seguir, informado por um deles, como intérprete, do que desejavam transmitir.

A mensagem era irradiada de modo interessante, como se reproduzisse no meu cérebro, palavra por palavra, sem que eu as ouvisse realmente.

A revelação nada teria de extraordinária se não fosse sempre confirmada como realidade. Dizia, por exemplo, o espírito:

- O Senhor é casado duas vezes, tem dois filhos, tendo um deles sofrido um acidente, ficando recuperado. Do segundo matrimônio não tem filhos.

- É verdade - confirmava o consulente - e assim por diante.

Observando que esse trabalho mediúnico revelava somente o passado já conhecido e, na prática, servia apenas para aguçar a curiosidade e distrair os circundantes, sem que se pudesse tirar proveito maior, fui aos poucos desistindo dessa espécie de transmissão espírita, que me absorvia todo o tempo devido à multiplicação dos interessados, até que o próprio casal de ciganos, conhecendo a minha intenção, deu por concluída a sua tarefa de irradiar, por meios sobrenaturais, o passado dos outros...

25 - A CAPA DE SEDA PRETA

Na erraticidade, o espírito guardou a falta de cumprimento da palavra empenhada por parte da autoridade terrena. Demonstrando o seu ódio e o desejo de vindita, perseguiu o seu descendente, sobrecarregando-o com a densidade de seus fluidos negativos e impertinentes, coerentes com o seu passado criminoso, errante e desordenado.

A vítima, moço ainda, casado, pai de duas crianças, advogado católico e cheio de vitalidade, procurando socorro espiritual, viera a minha presença acompanhado de um amigo, que o trouxera com dificuldade, alegando que toda a sua família era contrária ao espiritismo e não queria cooperar.

O paciente, entregue ao seu carrasco espiritual, sentia intensamente o medo que o inimigo lhe proporcionava, ameaçando destruir seu corpo e sua vida! Enfadado, não conseguia evitar as arremetidas fluidicas de seu perseguidor, sendo forçado a praticar atos alheios a sua vontade e, diante da incompreensão e do desamparo dos seus, sentia-se cada vez mais desanimado e tristonho, avançando, a passos largos, no caminho da obsessão.

Procurando colaborar, comecei por observar o rapaz, que se mantinha apático e indiferente, não respondendo as minha perguntas. Atrás dele, eu via a

figura austera de um homem forte, branco, semelhante a um gladiador romano, o qual, sobremaneira irritado, exibia uma capa de seda preta.

O moço não voltou a minha presença em virtude da intransigência de sua família. Empenhei-me em falar com a pessoa mais idosa de sua casa a fim de contar-lhe o que tinha visto e pedir eventuais esclarecimentos que tivessem relação com a aparição do espírito do italiano e da referida capa. Consegui o meu intento.

- Meu falecido marido era marechal de Itália - disse-me a senhora sua avó - e o Governo comissionou-o para prender uma quadrilha de malfeitores, que raptava pessoas de ambos os sexos e as mantinha em seu esconderijo até receber o resgate estipulado e, quando libertadas, essas pessoas apareciam com imperfeições físicas representadas pela falta de uma orelha, um dedo, uma unha etc.

- A polícia do Império não conseguia prender nenhum dos facínoras e, à medida que o tempo passava, a temível quadrilha ganhava fama e cometia as maiores atrocidades. Os jornais publicavam os crimes, com destaque, reclamando providências enérgicas do Governo.

- Meu marido tinha o hábito de passear a cavalo, aos domingos. Certa vez, um homem o surpreendeu no caminho. Bloqueando a estrada por onde passava, dirigiu-lhe a palavra.

- Marechal, se o senhor encontrasse Fulano (justamente o nome do chefe da quadrilha, que era ele), que faria?

- Se estivesse com os meus soldados, prende-lo-ia - respondeu o Marechal. Sozinho, nada faria. Como tenho carta branca de sua Majestade, caso ele se entregasse, em recompensa, eu lhe garantiria a vida. Essa seria a sua grande oportunidade.

- O bandido, fitando o Marechal, disse:

- Palavra de Marechal de Itália?

- Sim - respondeu o militar.

- Então, identificando-se, entregou-se com os seus prisioneiros.

- Pela rapidez com que deu solução satisfatória ao mandato real, meu marido foi premiado pelo Governo de sua Majestade, ganhando uma capa de seda preta forrada de liras - dinheiro italiano.

- Nessa ocasião, o Marechal relatou ao Rei o compromisso que assumira com o bandido. Sua Majestade, discordando, mandou executar o criminoso em face dos crimes hediondos por ele praticados!

26 - TRISTE DESPEDIDA

Meu filho Levi trabalhava no Transporte 1001 Cruzeiros como encarregado responsável da expedição dos caminhões de carga, que trafegavam entre São Paulo e Rio de Janeiro. Era muito estimado pelos companheiros de serviço, aos quais serviu muitas vezes, em caráter particular, granjeando-lhes a estima. Fazia-se respeitar pelo acerto de suas resoluções, normalmente quando havia desentendimento entre os motoristas, devido a interesses em choque. O Sr. Mário, diretor gerente, prestigiava-o sempre, dando-lhe assim maior autoridade.

Possuía um coração de ouro. Era certa ocasião, pediu a sua mãe permissão para que um dos modestos trabalhadores da Empresa fizesse suas refeições conosco, graciosamente, em virtude de estar atravessando uma fase difícil de sua vida, com doenças em pessoas queridas e pesados encargos de família. O trabalhador, surpreso e agradecido, ante a singular oferta, sentiu-se envergonhado e preferiu que lhe abastecessem a marmita para comer no caminhão, muitas vezes estacionado a nossa porta.

Levi fizera grandes esforços a fim de vencer na vida. Frequentara, pela manhã, o Tiro de Guerra até tornar-se reservista; estudava, à noite, na escola técnica de comércio, onde recebeu o diploma de guarda-livros e trabalhava diariamente na Empresa acima citada, custeando suas próprias despesas. Era um filho querido.

O espírita convicto, aquele que, realmente, crê na vida eterna, não pode deixar-se abater pelo sofrimento proveniente da provação que deve suportar, com estoicismo e resignação, pelos erros cometidos neste orbe e que são pagos em curtas ou longas reencarnações, segundo as leis superiores. O médium, assistido pelos seus guias espirituais, pode permanecer insensível diante do quadro da dor.

Foi precisamente o que aconteceu comigo. Levi, após o jantar, saíra, como de costume, desta vez com destino a Empresa, onde precisava concluir serviços interrompidos à tarde. E desta vez, saíra para nunca mais voltar... Sua mãe, em discreta vigília, esperara-o impaciente e taciturna. Às quatro horas da madrugada, porém, não podendo mais conter seu nervosismo, pois o filho jamais havia chegado depois da meia-noite, sem o habitual e antecipado aviso, despertou-me desesperada.

Sabendo que meu filho não havia regressado ao lar, saí a sua procura, também aflito. Depois de refletir onde poderia encontrá-lo, ocorreu-me a idéia de dirigir-me diretamente à Empresa em que trabalhava. Às primeiras perguntas, formuladas aos seus companheiros, notei que tinha acontecido algo de grave, pelas denunciadoras e severas expressões em suas faces. Transtornado, pedi-lhes que me dissessem alguma coisa pois meu filho não dormira em casa.

Diante de minha insistência, entregaram-me o exemplar de um jornal, pronunciando estas significativas palavras:

- É melhor que o senhor leia!

Soube, então, através de doloroso noticiário, ilustrado com a fotografia de meu filho, de seu suicídio, o que me causou tremendo impacto. Fui ao necrotério à procura do corpo, localizando-o sobre a laje fria. Pobre Levi! Ao vê-lo não pude conter as lágrimas.

Não obstante a minha grande perturbação, procurei, naquele momento de infortúnio, descobrir a melhor maneira de relatar a minha esposa o doloroso acontecimento. Não encontrei outro meio senão o de contar-lhe friamente o

sucedido em face das providências urgentes que precisava tomar e do pouco tempo disponível. Como é óbvio, o choque foi profundo; entretanto, espiritualista convicto, tive de dar o exemplo, amparando minha esposa e minha filha, resignadamente, com palavras consoladoras.

Com o corpo em casa, enquanto esperávamos a hora extrema da definitiva separação, fixávamos, desolados, o olhar na marcante expressão de seu lívido rosto, no qual transparecia a indefinível extensão do impiedoso sofrimento que o aniquilou.

Havia deixado no cofre da Empresa duas cartas de despedida, porém, a verdadeira despedida foi concretizada mais tarde, na casa de meu compadre Edilberto Ferreira dos Santos Reis, à rua Bhering n.º 180, para onde nos transferimos por alguns dias, aceitando delicado convite, no intuito de suavizar nossa pungente amargura.

Antes do almoço, sentado na cama, com a porta do quarto aberta, refletia sobre a infausta ocorrência, quando vi, diante de mim, um soberbo índio, com o semblante contristado, de mãos dadas com meu filho. Levi se apresentava com seu corpo perispiritico como era em vida, porém, sem cabeça, o que simbolizava que ele, efetivamente, tinha perdido a cabeça. O índio parou à porta do quarto, deixando que meu filho entrasse só. Vislumbrei, então, que as vestes do recém-chegado se confundiam com as minhas. Compreendi que nos abraçávamos espiritualmente. Disse-lhe eu, contudo:

- Nós não sabemos a razão do teu gesto. Deus o sabe, entretanto. Como pai, neste mundo, não o aprovei. Um abraço, meu filho! - acrescentei.

Ainda o vi sair pela porta em que o índio o esperava e dirigir-se a sua mãe, que estava sentada, no corredor, junto à sala de jantar. Avisada por mim do que estava acontecendo, não percebeu, ainda assim, a triste despedida de seu filho amado mas o envolveu em lágrimas de mãe incontrolável.

Partiram. Esse louvável e inquietante adeus do querido Levi nos deixou emocionados.

SONETO AO LEVI

Que história infeliz podia haver
Com tal moça contigo, irreverente,
Deixar o mundo sem ninguém saber,
Matar-se a sua vista, ingenuamente?

Que desventura poderia ser,
Maior do que a desgraça surpreendente,
Do que a saudade e a dor de te perder
Vendo o teu corpo inanimado e quente?

Quem sabe se o pesar que tu sentiste,
Ao vê-la desprezível como viste,
Irônica, maldosa, indiferente,

Entregue ao seu destino, ao torpe vício,
Foi maior do que a dor do sacrifício,
Muito maior que a depressão da gente?

27 - COMUNICAÇÃO DO ESPÍRITO DE PESSOAS VIVAS



Dentre os inumeráveis e extraordinários fenômenos do Espiritismo, podemos destacar o relevante estudo sobre a comunicação do espírito de pessoas vivas.

É notório, no campo de ação da doutrina, que nosso espírito se desprende parcialmente da matéria enquanto permanecemos adormecidos. Fica sobre ela voejando como as borboletas adejam em torno de uma flor. Conseqüentemente, é fácil compreender que, uma vez separado da matéria, o espírito esteja sujeito à atração de forças magnéticas, desconhecidas, e transportado ao lugar de eventuais evocações. Assim como acontece com o espírito de desencarnados, o espírito de pessoas vivas nem sempre responde a perguntas, agindo conforme permissão e desígnios superiores.

Quanto a possíveis interferências mistificadoras de espíritos gaiatos e inferiores, deve-se adotar a mesma prudência e critério usados nas comunicações de espíritos desencarnados; não podemos crer, portanto, na primeira resposta ou sinal de presença, quando, principalmente, tivermos dúvida na identificação do espírito. Ainda que não haja limite de distância para a obtenção de contato de espíritos de pessoas vivas com o médium das evocações, segundo afirmam abalizados e profundos estudiosos, alguns espíritos, que, pela pouca evolução ainda

se prendem à matéria por cordões magnéticos, quando evocados de longa distância, estão sujeitos ao risco de não mais retornarem ao seu corpo. Este perigo deve exortar os médiuns a raciocinada precaução para que não incorram em provocar, involuntariamente e inconscientemente, acontecimentos funestos.

A este complexo e transcendental tema, liga-se um curioso fato acontecido em Quitaúna, no Estado de São Paulo.

Convidado pelo amigo Sr. General Pedro de Pinho, fui, em companhia de outras pessoas, à casa de um humilde sitiante para estudar o fenômeno que se passava com sua esposa, a qual dizia receber espíritos de pessoas vivas. Tratava-se de um casal de bons costumes, cuja única preocupação era o trabalho do campo, que lhes dava os meios para sua modesta subsistência. Não tinham conhecimento da doutrina, por conseguinte, também nenhum interesse por ela.

A nossa primeira pergunta, a simplória mulher descreveu o que lhe acontecia. Sentia-se envolvida por força estranha que a subjugava, não lhe permitindo continuar sua tarefa, obrigando-a, assim, a atrasar o serviço caseiro. Ficava inconsciente, sem noção do tempo, sempre falando. O marido levava-a em seus braços para dentro de casa e, impassível, acostumado àquela situação, esperava até o fim do transe. Era tudo.

Para não prejudicar o ritmo dos afazeres do casal, escolhemos um domingo para a realização de uma reunião espiritual. Após as orações, provocamos o assunto e ficamos à espera do resultado. De súbito, a mulher foi envolvida e começou a falar. O recém-chegado, contudo, não despertou interesse por não ter sido identificado. Veio outro e, ao anunciar-se, foi imediatamente reconhecido pelo General Pedro de Pinho como espírito de uma pessoa viva, sua conhecida, e para melhor certificar-se de sua identidade, perguntou-lhe a filiação. Então, dirigindo-se ao espírito, o General disse:

- Você cometeu uma grave injustiça que precisa ser reparada.

Dispensou um de seus antigos servidores, fiel empregado, para atender ao pedido de pessoa muito influente, de quem você necessitava. Esse ex-emprega-

do nunca mais pode trabalhar. Ficou desequilibrado, por desgosto. Faça justiça, reabilitando o podre homem! Faça essa caridade!

O espírito afirmou que o fato era verdadeiro e prometeu reintegrar o espoliado. No encerramento da comunicação, ficou acertado um encontro, dias depois, no palacete do manifestado, onde a própria pessoa viva confirmaria a resolução do seu espírito, dando, assim, uma prova de sua real manifestação. Deu-se o encontro no dia aprazado. Falaram sobre diversos assuntos menos sobre o que havia sido combinado. Enfim, a experiência foi negativa!

No decurso da reunião seguinte, na casa do sitiante, eu não consegui divisar nenhum dos espíritos então anunciados. Depois do fato relatado, tive provas magníficas da presença do espírito de pessoas vivas, que, a minha revelia por não serem invocadas, apareciam espontaneamente num suceder de apresentações.

Em certa reunião, vi surpreendentemente, o espírito de uma pessoa viva, minha conhecida, como a querer dar-me prova convincente da existência do misterioso fenômeno. Duvidoso, intimamente exclamei:

- Meu Deus! Será que fulano morreu?

Não, não havia morrido mas ocorreu poucos dias depois daquela visão! Outros espíritos de pessoas vivas, conhecidas, também apareceram. Também morreram!

Não mais anunciei, como vinha fazendo, nenhuma outra visão de espírito de pessoas vivas, temendo que cada aviso representasse uma sentença de morte! Mas esse temor logo desapareceu, graças a Deus, e assim, continuei a ver espíritos de pessoas vivas que continuam vivendo até o dia de hoje!

28 - O NÚMERO DOIS

Martim Prandini era um dos diretores mais queridos da Casa de Ubiratan. Médiun notável, inconsciente, tinha a facilidade de incorporar, seguidamente, vários espíritos de sua corrente protetora, destacando-se, dentre eles, o espírito de Pai Floriano.

Prandini apreciava demais a simbologia de Ubiratan. Todavia, em conversa com amigos, à guisa de desabafo, dizia que os símbolos do Índio davam certo com os outros, nunca com ele. Entretanto, o tempo encarregou-se de provar-lhe o contrário...

No dia 17 de maio de 1948, seu filho Ézio foi vítima de um acidente de trânsito, ao dirigir-se para o trabalho. Levado incontinentemente para o hospital, sofreu uma intervenção cirúrgica no pé, a qual foi coroada de êxito, informando o médico não ter havido qualquer fratura. Contudo, Ubiratan solicitado por Prandini, afirmou haver uma fratura no osso, tornando-se necessário o engessamento. Confiando unicamente na informação do Guia, Martim Prandini exigiu novas radiografias, uma das quais, tirada de ângulo diferente, acusou a existência de fratura do osso Perônio da perna esquerda, o que motivou a necessidade de ser engessada a perna acidentada. E daí por diante, os símbolos de

Ubiratan começaram a preocupar o amigo Prandini, em face de, em pouco tempo, se tornarem em realidade.

Em certa ocasião, diante de uma assistência aproximada de duzentas pessoas, o Índio mostrou-me dois números, o n.º 1 e o n.º 2, dizendo:

- As desencarnações necessárias se processarão independentemente da nossa vontade e as sessões deverão continuar normalmente.

Em seguida, eu vi meu filho Levi sentado à cabeceira da mesa, tendo nas mãos três folhas de papel; do outro lado da mesa, também à cabeceira, encontrava-se sentado, o jovem Êzio, filho de Martim Prandini, escrevendo a máquina. Ambos vivos, com saúde, não estavam presentes à sessão e nenhum de nós sabia a razão de semelhante aparição. Fizemos muitas preces.

Em casa, conversando com meu filho, indaguei de seus problemas, dizendo-lhe o que tinha acontecido lá no Centro. Propus-lhe comparecer à sessão seguinte e sentar-se à cabeceira da mesa. Idêntica providência tomou o Sr. Prandini junto ao seu filho. No dia apazado, lá estavam os dois rapazes. Nada normal ocorreu.

Pois bem, pouco depois daquela visão, Levi suicidou-se, deixando uma carta para o Sr. Mário, gerente do Transporte 1001 Cruzeiros, na qual agradecia as gentilezas e o tratamento que lhe fora dispensado, e outra para os pais, declarando a sua mãe o seu desencanto pela vida e dizendo adeus! No dia seguinte, impávido e amargurado, eu, que lhe dera o supremo adeus de despedida, voltei ao Centro, como ordenara o Guia, para continuar o trabalho espiritual, arrastando comigo a mágoa de perder meu filho aos 23 anos de idade.

Sentado à minha porta, todas as noites, o amigo Prandini, impressionado com a realidade chocante dos acontecimentos, perguntava-me preocupado, sobre o seu filho Êzio que, na simbologia, ocupava a outra cabeceira, escrevendo a máquina... Agora, compreendíamos que Levi tinha sido o n.º 1... E nós dois,

compungidos, vasculhávamos o Céu, querendo penetrar o seu mistério. Tudo em vão!

Os meses se passaram e as sessões continuaram. Havia um quadro a óleo, pendurado na parede do Centro, que representava o espírito de Pai Floriano, o qual, quando incorporado em seu médium, fazia blague, dizendo piadas, contando histórias jocosas pois esse era o seu feitio de manifestar-se! Estávamos sempre ansiosos pela sua chegada...

Uma noite, Pai Floriano aparece-me na visão. Retira o seu quadro da parede e o vira de costas; estica o braço direito e me dá um jornal.

Olhando para o outro lado com expressiva tristeza, aponta-me o seu médium e ordena que lhe transmita essa visão. Realmente, depois desse dia, nunca mais vimos o espírito de Pai Floriano. Nunca mais trabalhou!

Trinta dias depois, Martim Prandini sente-se mal no cinema, é socorrido e levado para casa, onde, examinado pelo médico, constatou-se tratar-se de fortes cólicas de fígado, sendo, então, transferido para o hospital do Brás.

No Centro, onde orávamos, o espírito afirmava que uma sepultura já se abria no espaço de Deus e que não haveria forças capazes de sustar a partida.

Reunimo-nos em torno de nosso grande amigo, convocando professores da medicina oficial, banco de sangue, fazendo orações permanentes e envidando os maiores esforços para ampará-lo mas, afinal, depois de 17 dias de sofrimento, Martim Prandini despediu-se de sua família e de mim com um beijo em nossas faces, dizendo:

- Eu sei que sou o número dois...

29 - O NOME SANTO DE JESUS

O tormento dos que sofrem pelas investidas dos espíritos sofredores não desaparece logo, isto é, nem sempre é abatido por uma só vergastada do benefício látego doutrinário.

Os açoites devem ser repetidos na mesma proporção com que, em certas enfermidades, são insistentemente procurados os meios clínicos, pois uma simples trégua, representada por ligeira melhora, não deve iludir ninguém; o mal, a qualquer momento, pode recrudescer, atirando o doente a funesto termo e seus familiares a prantos amargos.

José Widobaldo Ribeiro foi um dos alvos dessas arremetidas de espíritos infelizes e perversos, que o manietaram, impedindo-o de trabalhar desde muito jovem.

Widobaldo, magro, de tez morena e cabelos negros, era dócil e humilde. Agradava pela simpatia e pelo fidalgo modo de tratar o próximo. Via-se estampado em sua face o insano esforço desenvolvido para combater a perseguição dos sarcásticos espíritos que o perturbavam. Seu mal-estar era contínuo. O vulto tristonho, terno mas apático, denunciava nele indiferença pelas emoções.

Carregava em silêncio o fardo da espinhosa cruz: os espíritos tolhiam-lhe a fala impedindo que fossem ouvidos os queixumes de sua brutal infelicidade.

Sempre que se esforçava para falar, ficava de boca aberta, sem poder, contudo, expressar-se. Levantando o braço direito, dava a impressão de chamar por socorro. As lágrimas corriam-lhe pela face. Não andava sozinho pelas ruas. Era levado à Casa de Ubiratan, de mãos dadas, pelas suas bondosas irmãs.

José tinha um coração de ouro. Na mesa das sessões, enquanto os espíritos protetores conseguiam libertá-lo, por alguns instantes, do jugo de seus obsessores, aproveitava o momento para pedir proteção para a sua família, esquecendo-se completamente de si próprio.

A assistência, em sublime e comovente solidariedade, orava por ele. José falava com voz audível, durante os trabalhos, usando palavras claras. Às vezes, comunicava o que lhe segredava o inimigo, outras vezes, acompanhava a nossa prece. Parava, entretanto, quando lhe pedíamos que pronunciasse o nome santo de Jesus. Então, o fervor das vibrações aumentava pelo nosso desejo ardente de vencer a obstinação dos espíritos sofredores. De vez em quando, conseguíamos triunfar e José soltava a língua e, em altos brados, invocava o nome santo de Jesus. Exultantes, manifestávamos nosso agradecimento ao Todo Poderoso.

Entretanto, com o passar dos anos, sua família sentiu-se cansada e deprimida, vendo-o completamente combalido e dominado pela falange inimiga. José Widobaldo Ribeiro foi internado num sanatório, onde, embora recebendo tratamento espiritual específico, veio a falecer.

30 - O ESPÍRITO DE MEIA MÁSCARA



A pós o trabalho edificante de evangelização, tivemos a satisfação surpreendente de conhecer Carolina.

Estávamos em plena sessão kardecista, quando me aparece um séquito de índios sadios e fortes, que seguravam vergalhões formando um quadrilátero.

Vinham-se aproximando, sustentando nos pilares uma armadura de cabana, cujo chão estava forrado de tapeta grosso. Ornamentavam a choupana itinerante uma rede especial e uma escada de corda.

Parado o cortejo, levantava-se da improvisada cama uma senhora branca, alta, vestida com elegância, porte altivo, corpulenta, aparentando uns 45 anos de idade, com meia máscara de cor preta e desce pela escada de corda, que um dos servidores providenciara. Sua figura simpática contrastava com a meia máscara usada, porém, o acompanhamento dos espíritos vigorosos e disciplinados constituía uma honraria, a que, por certo, tinha direito.

Compreendendo a nossa curiosidade, a recém-chegada apresentou-se:
- Eu sou Carolina.

Retirou, por um instante, a meia máscara e a recolocou em seguida. Era uma satisfação que o espírito nos dava.

Dirigindo-se ao Sr. Viriato Villaça Pinto, um dos nossos companheiros, transmitiu-lhe uma mensagem simbólica, sistema de exprimir fatos secretamente. Mostrando-lhe uma passagem ferroviária de ida e volta, cortou o bilhete pelo meio, ficou com a parte da volta e deu-lhe a parte de ida. Ouviu as saudações que lhe foram dirigidas e os agradecimentos na sua rede, despedindo-se.

O Sr. Viriato, que não tinha a menor idéia de viajar, ficou intrigado com a aludida mensagem, mormente em face de o espírito de Carolina ter ficado com a parte do bilhete relativa à volta!

Posteriormente, obrigado a viajar para o Rio de Janeiro, a serviço, munuiu-se de passagem de ida e volta. No dia da volta, perdeu o trem, por motivos independentes de sua vontade, sendo constrangido a viajar no dia seguinte, pelo que necessitou comprar nova passagem, chegando a São Paulo sem novidade.

Lembrando-se da mensagem de Carolina, o Sr. Viriato sentiu-se aliviado. Realmente, o seu medo era bem outro...

31 - O COLAR DE BANANAS

Aproveitando uma folga na semana, compareci a um leilão da Caixa Econômica Federal, em São Paulo, onde, entre outros objetos, arrematei um relógio e dois rádios. Verifiquei, posteriormente, que os referidos rádios não estavam funcionando bem, havendo neles qualquer defeito que eu, leigo, não conseguia remover.

Foi nesta ocasião que conheci o Sr. Arnaldo Ribeiro. Era um moço de aparência robusta, pai de cinco filhos, casado com Dona Carmem Guedes Ribeiro, uma das então diretoras do Centro Espírita Ubiratan. Dona Carmem, conhecedora da compra que eu fizera e da dificuldade que estava encontrando para regularizar os aparelhos em apreço, sugeriu a seu marido que fosse a minha casa tentar conserta-los. O Sr. Arnaldo não era técnico e sim um simples curioso, todavia, desejava colaborar.

Recebendo a sua visita, em minha residência, à Rua João Boemer n.º 55, no bairro do Brás, agradecido pela gentileza do distinto casal, coloquei os rádios a sua disposição. Examinando-os, o Sr. Arnaldo começou o seu trabalho verificando as válvulas, os condensadores etc.

Enquanto trabalhava, a minha vidência se abriu e eu notei que o índio Ubiratan, descascando várias bananas e passando pelo meio delas um fio de linha branca, formava um colar que, com todo o cuidado, colocava, como adorno, no pescoço do recém-chegado. Na visão, este estava de pé, sendo que o colar lhe assentava muito bem, contudo, quando o Sr. Arnaldo se abaixava o peso das bananas fazia com que a linha as cortasse e, dessa forma, o colar se desfazia...

Compreendi o símbolo de Ubiratan e nada falei porque o seu significado era bastante desagradável. Terminando o seu trabalho, o meu prezado visitante experimentou os aparelhos, com completo êxito, e despediu-se amavelmente.

Foi quando contei a minha mulher o que tinha visto, afirmando-lhe, entristecido, que a vida daquele homem estava por um fio. Assim entendia devido a desfazer-se o colar de bananas, colocado em ponto vital, como é o pescoço, ao menor movimento.

Infelizmente, minha previsão foi acertada. De súbito, o Sr. Arnaldo adoeceu e, levado às pressas, para uma Casa de Saúde, a despeito de todo o tratamento recebido, faleceu.

32 - O ABCESSO



Os fatos que acontecem conosco não devem ser relegados ao esquecimento, mormente aqueles que nos parecem sobrenaturais ou estranhos, pois, nessas ocasiões, é que, muitas vezes, obtemos provas magníficas da sobrevivência da alma, capazes de servirem para estudos e testes do verdadeiro espiritismo. Não há quem possa negar, de boa fé, a fenomenologia, a qual, a meu ver, deve ser observada à luz da razão, sem sobressaltos nem fanatismo, examinadas as aparições no seu realismo e dentro de sua oportunidade.

Na rua João Boemer n.º 55, no bairro do Brás, onde residi durante alguns anos, certa vez, preso ao leito, devido à infecção provocada por injeção mal aplicada, estava apreensivo em virtude de ser diabético e de haver formado no local da aplicação um abscesso, que assustava pelo mal-estar progressivo e pelo estado febril permanente. Eu estava tomando um remédio homeopático, aconselhado pelo médico da família, porém, depois da visita que o mesmo me fez e do exame efetuado, declarou que precisaria cortar o abscesso, o que faria alguns dias após, em minha própria casa.

À noite, em meu leito, invoquei os amigos espirituais:
- Onde estão? - perguntei.

Imediatamente, meu falecido irmão Ernani apareceu. Vestia-se com simplicidade, como outrora. Sentou-se a meu lado. Indaguei se estava no fim, isto é, se havia chegado a minha hora. Em caso afirmativo, que me ajudasse na passagem e guardasse o meu desligamento. Pela fisionomia, ele não deixava transparecer o que lhe ia pelo pensamento. Ouvia-me, sem dizer palavra. Levantou-se e saiu. Fiquei imaginando o que significaria o seu silêncio.

Em poucos instantes, voltou em companhia do espírito de um cavalheiro de meia idade, que trazia uma maleta. Sem dúvida alguma, era um médico, o qual me examinou com um de seus aparelhos, idênticos aos usados pelos vivos. Meu irmão Ernani estava sentado, a um canto do quarto, com a maior naturalidade. O médico espiritual agia como se estivesse tirando meu travesseiro e eu obedeci. Depois de examinar-me os olhos e de abrir o meu peito, empurrou para o fundo um órgão, que não pude divisar mas observei que meu peito logo voltou à normalidade. Recolhendo, em seguida, na maleta, o aparelho utilizado, que suponho ser o estetoscópio, retirou-se em companhia de meu irmão, a quem mostrou a letra V.


Quando meu mano regressou, compreendi que sua saída se dera por simples cortesia para com o médico espiritual que atendera ao seu chamado. Sentou-se a meu lado novamente. Crivei-o de perguntas, porém, ele, olhando-me, disse:

- Tenho que ir. - e levantou-se.
- Como? Não podes ficar comigo, apenas conversando? - perguntei.

Não obtive resposta.

A verdade é que, no quinto dia após essa visita, desapareceu, como por encanto, o tal abscesso. A febre sumiu e, graças a Deus, não foi preciso funcionar o bisturi do meu amigo Dr. Francisco Martello!

33 - VIRAMUNDO NO TERREIRO

 Conheci o espírito de Viramundo no Centro Espírita Amor a Deus, à rua Adriano n.º 162, próximo à Estação de Todos Os Santos, subúrbio do Rio de Janeiro. A tenda estava repleta e o terreiro de sexta-feira entregue ao seu dirigente.

Quando chegamos, eu e meu sobrinho Newton, o trabalho já havia começado. Os médiuns, vestidos com avental branco, andavam de um lado para o outro, em passadas constantes, acendiam charutos cuja fumaça sopravam para frente e para os lados dos assistentes. A seguir, faziam a saudação conhecida:

- Saravá!

Os cânticos denominados “pontos de chamada dos espíritos”, eram entoados em coro, sucessivamente, animados por palmas ou ruídos em sintonia.

Dona Palmira, que recebe o chefe do Centro, Pai Xangô, estava presente e, depois de incorporada, começou a chamar os assistentes para descarga fluídica, colocando a mão de cada um no ombro dos médiuns da corrente, os quais estavam sentados em volta da mesa, recebendo impactos violentos à aproximação dos presentes.

- Vamos experimentar a mediunidade dos trabalhadores da Tenda! - disse eu a meu sobrinho. Vou pedir, de um modo velado a presença de um dos seus caboclos, aqui a meu lado para uma ligeira saudação.

Meu sobrinho me informou que os médiuns não saíam do terreiro e, assim, não podiam me atender.

De repente, uma silhueta, no meio do terreiro, foi-se transformando num forte guerreiro e mais alto do que o nível das pessoas presentes, vi um homem espiando para mim, sorridente, como notando a minha presença!

Era um caboclo moreno, corpulento, cheio de vida, espadaúdo, que, levantando a mão, me fazia sinal de espera! Soube, mais tarde, ser ele o Viramundo, o chefe do terreiro no dia de minha visita, o chefe espiritual das sextas-feiras.

Contrariando a afirmativa de meu sobrinho, um médium de cor, fumando o seu charuto, aproximou-se justamente para meu lado e aí, soprando a fumaça do charuto, fez a saudação:

- Saravá!

Correspondendo, agradei.


Quando se aproximava o termo dos trabalhos fui convidado, por um dos médiuns, para falar, o que me causou surpresa e embaraço.

Posto no terreiro pelo espírito, que me anunciou como um trabalhador da seara, fui descrevendo o que vira a respeito de Viramundo. Anunciei que, durante a prática, tinha observado que um espírito de padre, em pé, na porta lateral do terreiro, me informava haver amarrado, no astral, os pés de um médium, no momento incorporado pelo caboclo Ventania, alegando que, fora da sessão, o subjugaria, fazendo com que abandonasse a prática espiritual, procedendo de tal modo que os próprios companheiros o afastariam.

Recomendei, na ocasião, ser o médium merecedor de vigilante caridade, em face da ameaça. Continuei, anunciando a presença do espírito de uma moça, de 22 anos presumíveis, clara, loira, magra e descalça, a qual trabalhou durante todo o tempo sem que ninguém notasse a sua presença. Sendo conhecidos os espíritos citados a vidência causou sensação.

Transmiti a saudação dos confrades de São Paulo e do Centro Espírita Ubiratan a todos os presentes e, sob o olhar vigilante e alegre de Viramundo, deixei a tenda.

34 - A COBRA

 O homem voltará a este orbe para passar pelo alambique da justiça divina, carregando novos fardos até a completa purificação de seu espírito. É mister saber, portanto, que todo indivíduo deve laborar, com muito critério, para lograr combater os impulsos inferiores.

Com o benefício azorrague deste sábio ensinamento, foi exortado o simplório Mendes pela sua própria genitora, sensata e evoluída, que já havia passado para o além.

Benedito Mendes de Mendonça era um sujeito simples, funcionário modesto da Estrada de Ferro Central do Brasil. Sempre ganhou pouco, em face de sua categoria, e vivia nas cercanias da Estação Roosevelt. Insatisfeito com o pouco ordenado, nada lhe sobrava depois de pagos o quarto, a lavadeira e a pensão.

- Não é possível! - dizia ele! Espero com ansiedade pelo fim de cada mês; as contas são sempre as mesmas mas o meu ordenado diminui em razão dos sucessivos descontos! Será meu destino viver sempre na miséria, esperando, inutilmente, por melhores dias?

Com tal pensamento, atirava-se, esperançoso, ao deprimente jogo do “bicho”. Cercava os bichos preferidos por todos os lados, porém, à noite, acabrunhado e desiludido, voltava para a pensão em vista do repetido fracasso.

Todas as vezes que se encontrava comigo, perguntava-me, preocupado, o que teria cometido em pretéritas encarnações, para que, nesta, por falta de recursos, além de outros imprevistos, sofresse a amargura de permanecer solitário em seu quarto de dormir. Eu procurava consolá-lo, afirmando-lhe que nem sempre seria assim, que não perdesse a esperança.

Depois de ouvir-me atentamente, retirava-se para o quarto, falava sozinho e interrogava os espíritos:

- Será que nenhum espírito me ouve? Não percebe que estou desesperado? Tenho direito a férias, como prêmio de um ano de trabalho, sem contudo, poder aproveitá-las ao menos para ver os meus parentes em Cunha, por causa da minha triste condição! Desejaria levar um presente para a minha irmã e outro ao bom cura do lugar, por que não me ajudam? Será que cometi tantos pecados assim?

Certa feita, entre queixumes e cansado de tagarelar, adormeceu. Adormeceu e... sonhou. Sonhou que uma cobra enorme se remexia, enrolada em uma estaca de madeira. Teve medo mas um cavalheiro armado entregou-lhe uma espingarda e disse:

- Atira!

O Mendes atirou, matando a cobra. Acordou!

Satisfeito, pressentiu representar esse sonho um bom “palpite” e, assim, saiu para jogar na cobra, certo de que teria êxito. Com ansiedade perturbadora, esperou a hora do resultado. Afinal, a cobra repontou, na pedra, por dois lados. Havia ganho. Agradeceu aos espíritos.

Entrou em férias. Comprou os almejados presentes e lá se foi p Mendes para Cunha, de roupa nova, cheio de embrulhos. Os que souberam do singular acontecimento, compartilharam de sua alegria.

Na volta do passeio, que representou a concretização de um de seus maiores sonhos, enquanto recebia os abraços de seus companheiros, na estação, procurou um pequeno saldo que havia guardado no bolso para fazer uma “fezinha”... não mais o encontrou... Haviam-lhe “batido” a carteira...

Inconformado com a sua desdita, freqüentou novas sessões e entrou em preces fervorosas, invocando novamente a intercessão do Alto.

No quarto, onde se encontrava com seu constante desânimo, durante a longa vigília daquela noite, foi o Mendes surpreendido com a aparição do espírito esclarecido de sua mãe.

Apresentava-se com a simplicidade de outrora, agora, cercada de um facho luminoso, e viera para confortar seu filho. Este obcecado pela idéia de ganhar novamente, exclamou:

- Minha mãe, dê-me o número da sorte grande a fim de que eu possa mudar o ritmo de minha vida!

O espírito da senhora sua mãe, contristado pela inferioridade do pedido, respondeu com palavras sábias, que ensinam a renunciar corajosamente:

- Não, meu filho! Você não sabe o que pede! Você não sabe conduzir-se!

E desapareceu...

E, assim, inconsolável, Benedito Mendes de Mendonça começou a refletir sobre o que vira, solicitando, então, perdão ao espírito de sua mãe pelo pedido insensato que fizera.

35 - A DANÇA MISTERIOSA



A Srta. Isabel Barral, sofria de mal desconhecido. Em qualquer lugar em que se encontrasse, não conseguia permanecer parada. Saltitava continuamente movida por uma força estranha, que lhe impulsionava o corpo da cabeça aos pés. Era realmente constrangedor o seu estado. Impossível suportar por muito tempo tal situação pois seus nervos acabariam por desgastar-se completamente e seu físico, anêmico e destituído de energia, acabaria inerte, provocando um estado pré-agônico.

O fenômeno era de tal ordem misterioso que não admitia a interferência de terceiros; qualquer pessoa, desejosa de auxiliar a doente, que procurasse contê-la, segurando-a sentia logo um impacto mais violento, dançando ambos. Era uma verdadeira dança misteriosa!

Levada a minha residência por uma amiga, a fim de ser observada espiritualmente, relatou-me o seu sofrimento, dizendo que o tratamento médico a que estava sendo submetida, até o momento, não lograra êxito. Enquanto falava, constatei a veracidade da informação pois não parava de saltitar. Minha esposa abraçou-a no intuito de contê-la, sentindo, então, ser empurrada de modo violento.

Em face dos sintomas possivelmente espíritos que apresentava, achei prudente encaminhar a enferma para o Centro Espírita Ubiratan.

Por ocasião da sessão preparatória realizada com a finalidade exclusiva de assistir a Srta. Barral, tive a oportunidade de ser instruído de como deveria agir para obter o sucesso desejado. Explicou o espírito dirigente dos trabalhos que a doente estava sendo vítima de uma falange inimiga, a qual, aproveitando-se de invulgar sensibilidade mediúnica na altura dos rins, concentrava nesse local poderosa carga fluídica, continuamente alimentada, obrigando a paciente a deslocar-se constantemente para refazer-se como se fosse uma válvula de escape de um “tic” nervoso.

Disse o espírito que era necessário evitar o assédio dos fluidos maléficos sistemáticos, colocando a interessada dentro de um círculo de médiuns, estabelecendo uma corrente de preces pela qual os espíritos benfeitores impediriam a continuidade de alimentação da carga fluídica, possibilitando, pelo tempo, o expurgo dos fluidos acumulados no corpo da moça.

No fim de algumas semanas, pondo em prática as instruções recebidas, tivemos a satisfação de ver coroado de êxito o trabalho realizado, com a queda da jovem ao chão, em plena sessão, naturalmente exausta e deprimida, quando o Guia determinou que lhe dessem uma xícara de café quente, pois, libertada da obstinada perseguição, estava agora no princípio de sua recuperação.

Refeita e feliz, Isabel Barral ainda continuou freqüentando as sessões da Casa de Ubiratan, tendo, até, tomado parte, por algum tempo, no corpo administrativo do seu Departamento de Assistência Social, tomando, depois, destino ignorado.

36 - O ÚLTIMO DESEJO



A feiçoado à Casa de Ubiratan, Carmine de Palma era um de seus mais assíduos freqüentadores. Aguardava com ansiedade o dia da sessão. Apreciava muito a parte doutrinária e o que aprendia procurava reproduzir em casa, no intuito de interessar os filhos, os quais, apenas para satisfazê-lo, compareciam uma vez ou outra aos trabalhos espirituais. Sua filha Dona Zulmira Pellegrino já fazia parte de nossa mesa de trabalhos, onde se desenvolveu mediunicamente.

Carmine era um homem simples, trabalhador, bom chefe de família, amigo do lar. Não se descuidava da parte espiritual, buscando na prece conforto para os seus males.

Adoecendo repentinamente, Carmine pressentiu estar próximo o seu fim. Em plena agonia, falando pausadamente, transmitiu aos seus familiares o seu último desejo: não queria morrer sem ouvir a prece proferida por mim, em quem tinha muita fé e depositava confiança.

Para satisfazer a vontade de seu progenitor, um de seus filhos saiu a minha procura, não me encontrando em casa. Desesperado, envidou esforços no sentido de me localizar, conseguindo-o às últimas horas da tarde. partimos em direção à rua Maestro Cardim nº 508, onde residia o bondoso amigo.

Chegamos tarde. Carmine de Palma já entregara a alma ao Criador! Em meu coração levava o anelo de poder corresponder à fé de quem cria firmemente no meu Guia espiritual, interessado, como estava o enfermo, em guardar, avaramente, a palavra inspiradora do espírito!

Dona Luísa, a viúva e seus filhos velavam o corpo. Estavam abatidos, chorosos. Outras pessoas, amigas da família, procuravam dominar o desespero reinante, consolando os aflitos.

Não me foi possível fugir à emoção dos presentes. Chorei também. Encaminhei minha oração, pedindo ao mestre e Senhor que o espírito de Carmine de Palma pudesse testemunhar e sentir, como era seu desejo na agonia, a palavra consoladora do índio Ubiratan. Entrecortada de emoção e sentimento a oração chegou ao fim.

Dona Zulmira foi tomada por um espírito que eliminou sua emoção e pesar, mantendo-a em equilíbrio. Falou com serenidade e amor sobre a vida eterna, a todos ensinando a humildade e a resignação. Após o transe, retirou-se o espírito, voltando Dona Zulmira a chorar copiosamente...

Acompanhei Carmine de Palma até sua última morada. Regressei ao meu lar, triste e pesaroso, não só por ter perdido um grande amigo como, em particular, por não ter podido atender ao seu último desejo!

37 - A EXUMAÇÃO

Esta narrativa apresenta nova lição do variegado e interminável curso dos apaixonantes fenômenos espíritas. Em ambientes de pura religiosidade ou de recolhimento, os fluidos, emanados da mediunidade de qualquer criatura piamente concentrada, podem atrair entidades do Além e, com freqüência, tornam-se materializados aos olhos do vidente, que poderiam ser divulgados e bem conhecidos, pelos adeptos ou não da doutrina, em seus singulares aspectos.

Dão-se casos em que essas entidades, não obstante serem interpeladas, não respondem porque não desejam identificar-se, como podemos deduzir da intrincada mudez do frade que, em peculiares e místicas atitudes, assistiu ao trabalho completo da exumação dos restos mortais de meu filho Levi.

Quando terminara o tempo de permanência dos despojos de meu filho no Cemitério da Quarta Parada, visitei, em companhia de alguns amigos, a Necrópole, a fim de assistir à exumação marcada para a quatorze horas. Minha família não me acompanhou para não reconstituir o drama do passado em suas minudências impressionantes. Fui só com os amigos.

A tarde ensolarada, mesclada de tristeza, não me impressionara. Imunizado pelos espíritos, com sangue frio, aguardava o momento da abertura da sepultura, sem emoção, pois ali comparecera para também observar atentamente o problema do Ser.

Enquanto acompanhava, compenetrado, o trabalho dos homens, notei a presença de um espírito, do lado oposto ao que me encontrava, indiferente aos circunstâncias, prestando atenção ao buraco que se abria na sepultura, de cabeça baixa, concentrado, quem sabe, em atitude de pesar. Tratava-se de um frade, homem branco, alto e corpulento.

Durante todo o período de trabalho, o espírito permanecia respeitoso e parecia observar bem o desenrolar dos acontecimentos. A presença surpreendente do frade, que continuava a minha frente, como se fora uma pessoa viva, aguçava mais e mais a minha curiosidade. Minha obstinada investigação intuitiva não logrou esclarecer o mistério daquela emocionante presença.


Assim terminou a exumação. Haviam sido encontrados apenas o crânio perfurado por bala, os dois pegadores do colarinho, as botinas e os ossos, os quais, colocados em caixa adequada, foram transportados para um jazigo, gentilmente oferecido por um amigo. Enquanto colocávamos a urna em seu novo lugar, o frade, ainda presente, ouvia a prece em que eu pedia aos moradores do campo santo que bem recebessem o Levi pois não era um intruso e sim um convidado de seus afins. Olhei para o frade e o interroguei. Não obtive resposta. Insisti, convidando-o para que comparecesse ao Centro Espírita Ubiratan. Desapareceu.

Já estávamos de regresso, buscando o caminho do portão quando vi, também, o espírito de um rapaz deitado sobre o mármore de uma sepultura. Manifestada a visão aos que me acompanhavam, destacou-se, de súbito, o Sr. Aníbal Gonçalves, dizendo-me:

- Esse é meu filho que, depois de receber a nossa bênção, ao deitar-se, morreu dormindo.

No portão de saída, separamo-nos. Cada um tomou o seu destino. Lá fora, os cálidos e belos raios do sol contrastantes com o nosso estado d'alma, desagrilhoavam-nos, pouco a pouco, da opressão que nos havia deixado o deprimidamente ato da exumação.

38 - A CHAVE

 O senso de responsabilidade, surpreendeu Dona Amélia com a morte inesperada de seu marido. Viúva, com cinco filhos menores, sem herança, com escassez de recursos, aflita e atribulada, não sabia como resolver sua situação. Geralmente, nessas ocasiões, a intranquilidade, o desespero e a nova condição dificultam o raciocínio e a ponderação da pessoa que tem o dever de solucionar o desequilíbrio doméstico provocado pela urgência e reclamo da sua subsistência e dos seus.

Nesse estado de espírito, lá por meados de maio de 1940, Dona Amélia mandou uma sua sobrinha pedir um conselho ao índio Ubiratan, dizendo que seu irmão, a cargo de quem havia ficado o pagamento dos aluguéis de sua casa, após a morte de seu marido, acometido de moléstia gravíssima, falecera também. Estava sem meios para continuar a efetuar o referido pagamento e completamente exaurida. Pedia a Nosso Senhor o auxílio Divino, por intermédio de Ubiratan. Sua preocupação máxima era encontrar um local menos oneroso para morar com os filhos, como lhe aconselhara uma sua irmã.

Foi precisamente nessa ocasião que o espírito de Ubiratan mandou dizer-lhe que permanecesse na casa onde estava morando. Insatisfeita com a resposta, em face dos compromissos existentes, ajudada por seus parentes, pagou o aluguel do aludido mês de maio. Começou, então, a estudar seu problema, porém, acabou voltando à consulta ao Guia Espiritual. A resposta foi a mesma: Continue na casa onde está morando.

Contrariada e descrente, sentindo que não poderia ser de outra maneira, procurou alugar um quarto, em casa de família conhecida, para morar com seus filhos... Entretanto, durante a noite do dia 5 de junho, um automóvel parou à sua porta. Era a proprietária do imóvel. Dona Amélia, ao recebê-la, preocupada como estava com o novo aluguel, a vencer-se, disse:

- Foi bom a senhora ter vindo porque amanhã mesmo vamos nos mudar!
- Por quê? Perguntou a inesperada visitante.
- Meu irmão, que pagava meu aluguel, faleceu.

Consternada, a dona da casa adiantou-se:

- Não, não mude. Fique aqui mesmo até o próximo mês de dezembro, até você conseguir equilibrar-se.

As palavras de sua benfeitora, como era de se esperar causaram-lhe imensa satisfação.

No dia seguinte, rumou para a casa de sua irmã, que já a aguardava para providenciar a mudança combinada e relatou-lhe a magnífica surpresa que recebera, comentando a predição de Ubiratan, então realizada. Pobres criaturas!... Não podiam alcançar a profundidade do conselho recebido, do qual quase desceram...

Quando chegou o fim do ano, Dona Amélia voltou à consulta:

- Ubiratan, envergonhada e agradecida, venho pedir-lhe novas instruções.
- Continue na casa - foi a resposta.

E assim, vencido o mês seguinte após o prazo que lhe fora concedido, o cobrador não apareceu. Dona Amélia telefonou à proprietária do imóvel, inquirindo-a carinhosamente.

- Fique mais uns tempos, sem pagar, até melhorar sua situação - disse a benfeitora!

Parecia incrível o que estava acontecendo (pensou a beneficiada).

- Senhora, como hei de agradecer-lhe? Perguntou.

- Continue criando seus filhos - respondeu.

Novamente na presença de Ubiratan para testemunhar-lhe o resultado de sua orientação, a consulente foi avisada de que, quando chegasse o tempo de mudar-se, entraria na posse de uma chave...

Chave de sua casa, que teria um hall de entrada, um corredor, estaria ainda com cal pelo chão, inacabada.

Dona Amélia ficou radiante, pensando no sonho imediato da casa própria! Espalhou pelos seus a grande novidade!


A sua benfeitora e proprietária do imóvel, onde continuava morando, persistia no desejo ardente de fazer o bem, esquecendo o passar do tempo e não cobrando os aluguéis... e esse tempo durou sete longos anos!

Dona Amélia empregou-se, seus filhos cresceram, estudaram e começaram a trabalhar. Foi quando comunicou à nobre e generosa senhoria que, agora, já se encontrava em condições de pagar os aluguéis, notícia essa que a caritativa senhora recebeu com grande alegria e desvanecimento.

Todavia, mais sete anos ficou a família residindo naquela casa, pagando ainda um aluguel irrisório, congelado, graças à formação sublime, magnânima e espiritual dessa dama duas vezes rica!

Afinal, depois de tantos anos, chegou o tempo predito por Ubiratan. chegou o tempo de mudar-se. Foi encontrado à venda um apartamento em prédio recém construído, com hall de entrada, um corredor e manchas de cal pelo chão... As condições foram estudadas. Houve acordo e facilidades e o negócio foi concluído com a entrega da chave à Dona Amélia!

39 - O NÚMERO SETE

 **M**inha irmã Amélia viajou do Rio de Janeiro, onde reside, para a capital paulistana, a fim de visitar seu filho Almir, na época ali radicado.

Crete no Evangelho de Cristo, que manuseia constantemente, é, sem favor protestante de coração, membro da igreja e uma das mais operosas.

Além disso, está sempre disposta em converteres seu semelhante, preocupada com a salvação das almas, mormente dos parentes, que, segundo o refrão da igreja, devem fazer profissão de fé pública cristã e batizar-se sob a égide de um pastor para livrar-se da condenação eterna.

Toda vez que comigo se encontra, conversamos a respeito, pois o evangelho é um só apenas diferindo a interpretação de um para outro dos estudiosos.

Valendo-se da reforma que estava sendo feita na igreja evangélica de Vila Mariana e do renome de seu pastor, convidou-me para ouvir uma de suas pregações.

No domingo aprazado, fomos com outras pessoas conhecidas, visitar as obras e assistir ao culto.

Enquanto aguardávamos a hora do início dos trabalhos, sentados ao banco da sala onde falaria o pastor, chamei a atenção de minha irmã, dizendo-lhe o que estava observando espiritualmente. No púlpito, eu via um ancião de 70 anos ou mais, presumidamente, vestido como sacerdote, abrir um livro grande, semelhante à Bíblia, onde, em cada página inicial do respectivo relato, se destacava a primeira letra maiúscula e dourada.

Marcando, com uma fita, um trecho do referido livro, mostrava-me destacadamente o número sete.

Todos os que estavam conosco no banco ouviram a narrativa, interessando-se por saber o seu significado.

Então, o pastor ocupou o seu lugar e começou a falar. O precursor de Jesus, João Batista, foi o ponto doutrinário escolhido, para aquela noite. Desenvolveu-o muito bem, com facilidade de expressão, sem dúvida, intuído pelo espírito que colocara a fita no livro.

Na grandeza de seu apostolado, exaltando a personalidade de Cristo, profundamente emocionado, conclamou os assistentes, que ainda não se tinham convertido, a aproveitar aquela grandiosa oportunidade para dar seu testemunho!

A igreja, dominada pelo entusiasmo do orador e de sua crença, em suspense, anseia e palpita, vasculhando o ambiente, como que querendo contar as adesões.

O reverendo, dominado pela emoção, registra o número de pessoas convertidas na assistência.

Estavam de pé sete pessoas!

40 - PAULINHA

No dia 16 de junho de 1957 nasceu a minha primeira neta. Seus pais batizaram-na com o nome de Paulina. Cercada de todos os cuidados, ela era a alegria do nosso lar, como um verdadeiro anjo que Deus houvesse mandado para encantamento da nossa vida. Paulinha crescia sob a carinhosa vigília da família, onde nascera como um ramo de esperança.

Depois do primeiro ano, começou a mostrar-se muito inteligente, pelo que atraía a nossa curiosidade. Era submetida, periodicamente, a controle médico a fim de desenvolver-se normalmente. Não havia dúvida de que estava com bom peso e seu aspecto era de boa saúde.

Por ocasião de seu segundo aniversário, festejado na Confeitaria Fasano, Paulinha foi alvo de todas as atenções. Vestidinha com capricho e mostrando dentinhos brancos a sorrir, envaidecia a sua mãe, alegando o espírito de todos nós. Depois do cântico protocolar, sob o entusiasmo geral, a menina apagou as duas velinhas acesas em sua honra!

Daí por diante, Paulinha começou a revelar-se de uma vivacidade extraordinária pois gostava de enfeitar-se com as jóias de sua progenitora, exibindo-as com grande satisfação, assim como, era de seu agrado arrumar as gavetas da

camiseira com a roupa recém chegada da lavadeira. Falava em seu telefone de brinquedo, após imitar a ligação, reproduzindo trechos de nossa conversa com terceiros e, em seguida, despedia-se. Antecipava a avó o programa de televisão como se já conhecesse a rotina de trabalho de cada canal. Para não ser contrariada, advertia sempre que choraria se não a satisfizessem! Era de pasmar a sua inteligência!

Infelizmente, como tudo acontece neste mundo, Paulinha, uma noite, acordou indisposta e, atendida pelos pais, depois de tossir ligeiramente, vomitou catarro, parecendo estar resfriada.

Levada ao facultativo, foi medicada. Entretanto, na semana seguinte, em dado momento, a menina pendeu involuntariamente a cabeça para um lado, mostrando-se incapaz de fazê-la voltar à posição normal; todavia, conversava, falando correntemente.

Levada, às pressas, desta vez a um especialista, foi novamente examinada, tendo sido exigida uma série de exames clínicos. No dia seguinte, foi internada no Pronto Socorro Infantil de Higienópolis e atendida por novo especialista, o qual, depois de estudar todos os exames solicitados com urgência, constatou a necessidade premente de transferi-la para o hospital da Real Benemerita Sociedade Beneficência Portuguesa, onde deveria ser submetida à gravíssima intervenção cirúrgica na cabeça, onde tinha sido localizado o mal.

Paulinha, a despeito de sua tenra idade, precoce como era, comoveu os presentes quando, aos gritos, protestou contra o corte de seus lindos cabelos, dizendo que não queria ficar careca... Parecia-nos, ainda, ouvir o choro da menina quando, soluçando, pedia a mãe que chamasse a polícia para retirá-la das mãos dos médicos que a levavam para a mesa de operação.

Operada, afinal, voltou para o quarto com a cabecinha toda enrolada com gaze branca, dormindo sono artificial. Os médicos nada disseram, adivinhando o vulcão das nossas apreensões!

No canto do quarto, sentindo na carne o sofrimento dos meus, consolava-os, curvando a cabeça, já envelhecida, à deliberação do meu Senhor. Fervoroso na prece, disciplinado na luta, resignado na dor, vasculhava o Céu na ânsia de encontrar a luz abençoada.

No estado de cansaço e de prostração em que me encontrava, não me sentia capaz de captar, com fidelidade, a palavra dos espíritos amigos; eis porque acredito ter tido algumas visões incompreensíveis. O meu estado d'alma não admitia tantas visões contraditórias. Era a esperança na luta contra o destino. Era a fé desesperada contra a realidade.

Então, meus olhos se abriram: vi, a dois metros de distância do leito da menina, uma grande cruz de madeira improvisada, com duas aparas, onde os pés de um homem branco, moreno, encontravam firmeza para manter o corpo ereto, com os braços abertos encostados na cruz, como

um crucificado. Não era o Cristo! não sei quem era! Desceu da cruz, passou a mão direita em volta da cabeça de Paulinha, por cima das gazes, como que a acariciando, envolvendo-a no fluido da gran cruz. Outro espírito, aos pés da cama, enrolava, com ternura e aconchego, o corpo da menina em toalhas brancas, levando-o consigo.

Comecei a refletir no que vira, quando, repentinamente, a enfermeira da menina chama o médico, às pressas. Ainda lhe aplicaram uma injeção porém a Ciência fora derrotada.

O coração de Paulinha não batia mais!

“Vá brincar com seu avô”,
diziam os pais a Paulinha. Tinha três anos
incompletos e, então, a menina me chamava: “Seo Avô”.
Faleceu a 18 de abril de 1960,
na Beneficência Portuguesa.
À Paulinha toda nossa saudade!

SONETO

“SEU AVÔ”




Dentro da profundidade do meu peito
Se esconde a mágoa de perder-te assim...
Sem esperança em volta do seu leito,
Ouvindo o médico predizer seu fim!

Sem que pudesses mais olhar prá mim,
Com teu rostinho alegre e satisfeito,
Com teu dentinho branco de marfim
Escondido nos lábios contrafeitos!

De quinta-feira santa até segunda,
Que espera melancólica e tristonha,
Que agonia tenaz, que dor profunda!

Paulininha morreu! Eis a verdade!
A Ciência de luto se envergonha
E uma lágrima rola de saudade!

41 - O SOCORRO ESPIRITUAL

 **N**o verão de 1959, na residência do meu particular amigo, Sr. Dionysio Alcazar, conheci, em seu leito de dor, a Sra. Dona Joana Fagundes Varela, com 99 anos de idade.

Estava assistida com desvelo pelos seus familiares.

Informaram-me, na ocasião, que Dona Joana já se encontrava em estado de inconsciência havia quinze dias, aproximadamente, com vários órgãos paralisados. Em se tratando de um corpo de tão avançada longevidade, era concebível a impossibilidade de reações físicas estimuladoras.

O aspecto da Sra. Joana era sereno, tranqüilo como uma luz que se apaga, suavemente, por falta de combustível. O espírito sobrevivia à matéria pela vontade férrea de lutar pela continuidade da vida que se extinguiu.

A temperatura do corpo estava abaixo do normal e a precária alimentação, repelida pela debilidade geral, denunciava o breve aniquilamento. Sobreveio, portanto, o inevitável estado de coma.

Em benefício da enferma fizemos um ciclo de orações ao Criador.

Logo à primeira prece, vi o espírito de um homem estendido ao seu lado, na cama, na mesma posição. Abraçava-a, apertando-a cada vez mais.

Perguntei por que estava atuando daquela forma, ao que me respondeu:

- Quando o corpo está doente, o médico é chamado; quando um espírito enfraquece, outro o socorre!

Pedi, em seguida, que me desse uma prova enquanto a vida da doente existia. Repentinamente, a Sra. Fagundes Varela levantou o braço direito e o abandonou sobre a região do coração.

Animado pelo bom propósito do espírito, depois de agradecer-lhe a generosidade, ainda perguntei se seria possível receber resposta, por intermédio da própria Dona Joana, apesar de seu estado quase letárgico, a um simples pergunta.

- Sim - respondeu.

Todos os presentes, dos quais se podia exigir conhecimento profundo das experiências, curiosos e atentos, entendiam a manifestação convincente que iria ratificar o esplendor do gigantesco campo espiritual.

A pergunta foi feita:

- Que está sentindo, Dona Joana?

Em voz pausada e grave, perfeitamente audível, respondeu:

- Graças a Deus, nada!

O falecimento de Dona Joana, nesse dia de dezembro de 1959, apresentou, em rápida demonstração, uma grandiosa prova dos inumeráveis exemplos dos efeitos da vibração espiritual.

42 - COMO SÃO CAPTADAS AS MENSAGENS

É preciso esclarecer aqueles que desaconselham a comunicação direta com as almas dos mortos, alegando que tal tentativa é ilícita, que a espontaneidade das manifestações espirituais surpreende até os próprios médiuns que ignoram sua condição de sensitivos, contrários que estão à doutrina, expondo-se, em meio adverso, ao exame dos doutos e à curiosidade pública.

Hão de convir, por conseguinte, que os próprios espíritos abrem o precedente, entrando em contato conosco, desprezando as teorias negativas e provando o desejo de advertir seu semelhante, alertando-o quanto à sua sobrevivência e personalidade.

Convidado para ver um menino, filho de um corretor de fundos público, residente em São Paulo, não o encontrei em casa e, então, fiquei conversando com sua família. De súbito, deparei com a presença de um espírito de homem, de seus 60 anos presumíveis, que sofrera, em vida, amputação de uma perna pois estava sentado numa cadeira de balanço, com sua perna de pau apoiada na mesa da sala de estar.

Perguntei quem era. Mostrou-me o banheiro transbordando e um filete de água avermelhada correndo por debaixo da porta.

Seu filho, que estava presente, profundamente emocionado, disse tratar-se do espírito de seu pai. Contou-me sua história.

Seu progenitor, encontrando-se gravemente enfermo, foi aconselhado, pelo médico, a consentir na amputação de uma perna a fim de garantir sua sobrevivência. Na impossibilidade de permanecer vivo, se não fosse amputada a aludida perna, o doente ficou lívido e inconformado, entrou no banheiro, tentando suicidar-se, para o que cortou os pulsos e abriu o chuveiro. Quando a água transbordou, salpicada de sangue, despertou a atenção de familiares.

Chamaram-no. Não atendendo, foi a porta arrombada e o enfermo socorrido, aliás, pelo médico vizinho, que ainda residia na mesma casa.

Como vemos, não se trata de anjo mau ou anjo bom mas de um homem, como nós outros, que se identificava, diante de sua família, reproduzindo, depois de tantos anos, seu desespero naquela ocasião e, sobretudo, sua prodigiosa memória espiritual.

As mensagens, que ora transcrevemos, foram recebidas em diferentes ocasiões e de improviso. Quando nosso espírito está em equilíbrio, em qualquer lugar onde estejamos atentos, pacífica e silenciosamente, aguardando a mensagem, poderá vir ou deixar de vir a comunicação esperada. A transmissão é feita de espírito para espírito, captando o sensitivo palavra por palavra, frase por frase, período por período. O silêncio é obrigatório para que o fenômeno de iluminação do intelecto ou da mente seja perfeito e a mensagem captada com perfeição.

Para que o leitor possa melhor compreender a interferência humana no controle da irradiação dos espíritos, daremos um exemplo com a mensagem transmitida pelo Código Morse que é utilizado normalmente nas transmissões dos telegramas; os telegrafistas estão em seus respectivos postos, em cidades diferentes; precisam de silêncio para que a audição seja perfeita. Outro telegrafista, especializado, está com a mão no fio, que é o veículo da transmissão, sentindo de maneira sutil, a polaridade do manipulador transmissor e, conseqüentemente, captando e escrevendo o teor da mensagem.

Dessa forma, a irradiação dos espíritos é também captada pela especialização da mediunidade, no caso, de percepção.

43 - AS DUAS IRMÃS

Tínhamos acabado de jantar na maior intimidade. Encontrava-me no apartamento de meu amigo particular, Sr. Arthur Carlini, que comemorava seu natalício, cuja data, confesso, ignorava.

Estávamos conversando sobre a situação política do País, procurando compreender as notícias desconstruídas publicadas pelos jornais, quando chegara, as irmãs Donas Virgínia e Iracema, amigas da Sra. Maria do Carmo, nora do Sr. Carlini, que tinham vindo cumprimentá-lo. Logo em seguida, chegou o casal Juan March, residente no mesmo prédio, amigos do aniversariante, de longa data.

A conversa generalizou-se. Falava-se, ainda, em política, quando o marido de Dona Maria do Carmo, por sinal, também Arthur Carlini, projetou, na parede da sala de jantar, fotografias de sua excursão pela Europa e por outros recantos do País, atraindo todas as atenções.

Depois, as luzes foram acesas e voltou-se a conversar, comentando-se aspectos da viagem mencionada, quando despertei a atenção dos presentes, relatando o que a vidência me apresentava. Via o espírito de uma senhora gorda, mulata, com as pernas inchadas, pano na cabeça, sorridente, na cozinha de uma

casa, lidando com pães, em cima de um fogão, tendo, ao lado, no chão, sentadas em um pano, duas meninas.

Era, o espírito, conhecido das Sras. Iracema e Virgínia. Fazendo sinal de espera, a mulata desapareceu, por um instante, voltando, em seguida, acompanhada do espírito de um homem. O recém-chegado aparentava 45 anos de idade, tinha os cabelos penteados para trás, era moreno-claro, mais magro do que gordo. Trazia a fisionomia carregada quando começou a irradiar.

Dona Iracema logo o reconheceu. Emocionou-se.

- É meu pai! Há vinte anos que ele morreu!

Prosseguindo na irradiação, via-o trepado no banheiro, consertando um chuveiro, usando botinas especiais.

Suas filhas confirmaram a realidade dos fatos, dizendo que a visão das botinas era extraordinária pois seu saudoso pai sofrera de eczema nos pés, motivo pelo qual usava as botas adaptadas.

Em seguida, vi um trem em desabalada carreira e o espírito desse homem levantar-se de sua poltrona, dirigir-se para a porta do vagão, abri-la, procurando firmar-se com a mão direita no alto da porta quando perdeu o equilíbrio.

As moças romperam em choro, profundamente sensibilizadas e, então, uma delas disse:

- Foi assim que meu pai morreu!

Contou que seu progenitor viajava de trem e sentindo-se mal dirigiu-se à porta do vagão a fim de respirar melhor quando se deu o acidente.

Finalizando sua irradiação, o espírito da mulata ainda mostra um terreiro festivo, na roça, e uma senhora idosa tocando sanfona para a alegria das pessoas presentes.

Por sua vez, o espírito do homem, despedindo-se depositava um punhado de rosas aos pés de suas filhas.

Dona Iracema, admirada, continuou a comentar os casos revelados. Começou a falar de sua outra irmã, Dona Geralda, residente em Olímpia, dizendo que era médium.

Nessa ocasião, anunciei que a protetora dessa irmã era uma freira, de hábito branco, a qual me dizia achar-se sua protegida doente, tendo necessidade de extrair um rim.

Sensação na sala. O Sr. Juan March afirma que, apesar de freqüentar sessões espíritas, pela primeira vez está sentindo vários fluidos e um nervosismo estranho.

Arthur Carlini Jr. também sente crises periódicas de impactos espirituais.

Dona Virgínia recorda o chuveiro improvisado que o seu pai arranjou e a festa realizada na roça, com bandeirinhas de papel e toque de sanfona, fatos esses já anunciados pelo espírito da mulata.

Dona Iracema, perplexa e radiante, fala aos presentes do seu encantamento, dizendo que, efetivamente, sua irmã Geralda vira a freira vestida de branco, quando era pequena, e que se encontrava, agora, doente do rim, estando apenas aguardando que o cirurgião marque o dia da operação! Disse mais que, desde a morte de seu pai, ansiava por uma oportunidade para falar-lhe em sonho pois ele ficara zangado com ela por coisa insignificante. E aquele encontro inesperado e feliz trazia consigo um novo marco, a hora do entendimento e da saudade!

Quando os espíritos se retiraram, deixando-nos a sós, congratulamo-nos com o aniversariante pela noite feliz e pelas horas inesquecíveis.

44 - A ELEIÇÃO

A pós o processamento das eleições para Presidente e Vice-Presidente da República, quando ainda em curso as apurações, fui surpreendido, no meio da sessão espírita que, então, realizava no Centro Espírita Ubiratan, pela aparição de um índio, o qual, dirigindo-se à mesa dos trabalhos, nela depositou uma urna de madeira.

Homens e mulheres votavam colocando na referida urna dois envelopes, um grande e outro pequeno, ambos de cor branca e fechados. Depois da votação, levando consigo a urna, o espírito do índio elevou-se para o campo sideral, onde, em distância imprevisível, se mantinha com dificuldade, como se, no mar, precisasse nadar de pé para sobreviver, e entregou a urna à entidade espiritual que o aguardava.

Essa entidade se assemelhava a um homem de aspecto sereno, velho, de barba feita, de setenta anos aproximadamente, vestido e agasalhado com uma capa preta enfeitada de algodão. Mantinha-se ereto e firme em seu território espacial. Examinando a urna, verificou que, em seu interior, ainda haviam muitas cédulas. Ajeitou-a dentro de uma pequena bacia e, por intermédio do índio, encaminhou-a a outro destinatário, também muito distante da Terra.

Chegando ao novo destino, o índio entregou a bacia e a urna ao varão que o esperava. A nova entidade começou a abrir os envelopes. Nos grandes aparecia o nome do preferido e nos menores uma moeda de ouro. As moedas e a bacia ali ficaram e a urna foi devolvida ao primeiro destinatário espiritual. Novamente examinada, verificou-se encontrarem-se ainda, em seu interior, muitas cédulas. Era preciso aguardar-se a marcha das apurações.

Havia também um sino, semelhante ao das igrejas, preso a uma corda.

A entidade, estendendo o braço e segurando a corda, aprestava-se para dar uma badalada.

Olhando para o seu relógio de pulso apenas aguardava a hora aprazada.

- Quando o sino bater - disse a entidade - haverá sofrimento na Terra, os cavalos estarão cobertos de crepe e puxarão uma carreta e um costume de homem, paletó e calça, subirá ao cosmo!

E vi que, de fato, o paletó e a calça subiram até o espaço sideral onde se encontrava a urna!

45 - A EVOCAÇÃO E A VISITA INESPERADA



Nenhum testemunho da interferência dos espíritos na vida é mais eloqüente do que o proporcionado pelo espírito que, identificando-se como nosso conhecido, se manifesta espontaneamente, demonstrando as primícias do seu talento na observação dos fatos que revela.

Num banquete de orações, em mesa festiva e de homenagem, tivemos um dos mais belos exemplos dessa explicação.

Em sua residência, no Edifício Turmalina, à rua Castro Alves, em São Paulo, visitei, no dia 19 de fevereiro de 1961, meu estimado amigo Sr. Arthur Carlini. Soube que, nessa data, sua esposa, Dona Luísa, se viva fosse, completaria mais um ano de existência, motivo porque sua família desejara prestar-lhe uma homenagem, a qual me associei de coração.

Sentados em volta da mesa da sala de jantar, tomei a palavra e comecei por dizer-lhe, dirigindo-me ao espírito de Dona Luísa, da saudade que a data significava para todos nós, que lhe queríamos tanto. Naquele momento, iríamos oferecer ao Grande Mestre e Senhor as nossas preces em benefício de seu espírito, que desejávamos estivesse satisfeito e feliz, assistindo, se possível, a nossa reunião.

Recordei como Dona Luísa, alegre e radiante, esperava a visita de suas amigas, ornamentando, com simplicidade encantadora, seu palacete; com requintes de fidalguia, na mais sorridente hospitalidade, servia vinhos finos e apetitosas iguarias. Vali-me, também, do ensejo para exaltar a virtude que a caracterizava: os benefícios prestados aos pobres, sem nunca mostrar a mão que estendia até eles.

Dirigindo-me ao espírito, disse:

- Pois bem, depois de falar das festas anteriores, das orações da família, que a todos comoveu, queremos, Dona Luísa, se Deus permitir, apertar-lhe a mão espiritual, desejando que compartilhe conosco desta festa significativa da lembrança de nossa saudade e dos votos de felicidade que, sinceramente, lhe desejamos.

Vibrando de emoção, pude captar, por intermédio do guia espiritual que dirigia o trabalho, sua resposta:

- Comovidamente, agradeço!

Entrementes, fomos surpreendidos com a grata visita de inesperado conviva ao jubiloso banquete espiritual em homenagem à Dona Luísa.

Identificou-se: tratava-se de Celestino Correia da Silva, sogro do filho do Sr. Arthur Carlini.

Sentou-se à cabeceira da mesa e, circunspecto e fidalgamente, exclamou:

- Que presente do Céu!

46 - A RENÚNCIA

É muito interessante conhecer o significado das mensagens que os espíritos costumam transmitir em reuniões realizadas, muitas vezes, com objetivos diferentes.

Foi o que aconteceu um dia em plena sessão espírita da Casa de Ubiratan.

Não cogitávamos absolutamente de política e sim de orações em favor dos oprimidos e de nós mesmos, tendo em vista o perigo constante de assaltos e crimes perversos, sem defesa, a que a geração de nossos dias, amedrontada e inquieta, está sujeita, quando um espírito, surpreendendo-nos, revelou os acontecimentos que estavam prestes a sobrevir.

Vimos um jornal queimado no ar, em lugar muito alto, impelido pelo vento. Na Terra, em local amplo, a tropa estava formada, com uniforme de gala, armada, mostrando os generais seus medalhões luzidios. Havia civis na passarela, ostentando, com garbo, suas condecorações. Uma verdadeira parada militar em que o clarim comandava o movimento da tropa, dominando os sentidos!

Depois, várias personalidades, de cartola e lenço na mão, discursavam com sentimento. Pessoas do povo moviam os lábios, falando em praça pública, agitadas, dando a entender algo de anormal.

Terminada a solenidade, à proporção que escoava o tempo, vimos caírem a cartola, a casaca, o blusão bordado do militar e o paletó das pessoas envolvidas.

Não sabíamos a que atribuir tal quadro. Todavia, descrevemo-lo publicamente, aguardando o desenrolar dos acontecimentos.

Conhecida a renúncia do Sr. Presidente da República, compreendemos perfeitamente o significado da simbologia apresentada pelo espírito. Evidentemente, o jornal queimado no ar era o mutismo de sua Excia. que, viajando, bem alto, de avião, provocara a curiosidade geral do povo pelas suas declarações. Em Brasília, a tropa, em uniforme de gala, havia desfilado em homenagem a Caxias, pois era o Dia do Soldado. Estiveram presentes oficiais superiores, Generais e Corpo Diplomático ostentando suas respectivas condecorações. No meio da solenidade, conhecida a renúncia, agitou-se o Congresso, tomado de surpresa; deputados e senadores, atrapalhados com a crise, lamentaram a resolução de sua Excia. e, cheios de patriotismo, discursaram com sentimento e altruísmo. Finalmente, com a queda do Governo, caíram seus ministros civis e militares!

47 - A PREPARAÇÃO DE NELLY

Conheci Nelly em seu leito de dor, quando seu corpo febril já se ressentia da falta de força física para suportar as conseqüências de uma enfermidade malsinada. Estava esgotada, não havia mais remédio capaz de aliviá-la. Encontrava-se reduzida a um terço do seu peso. Cansada de sofrer e de lutar contra a moléstia insidiosa, que lhe roubava, aos poucos, a vitalidade, compreendendo ser grave o seu mal, perdia a esperança e prognosticava o seu fim!

Dava pena vê-la, envergonhada pelo definhamento, guardando a compostura e a serenidade na minha presença, um desconhecido, o que refletia a honradez e a glória do berço de sus pais! De seus lábios ouvi palavras de encantamento, de heroísmo mesmo. Asfixiada pela dispnéia e pelo mal-estar constante que envolvia todo o corpo, ela ainda se preocupava com as regras de polidez, procurando envolver-me com palavras carinhosas de fé e de esperança!

Pobre Nelly! Alice, sua pajem, não era uma criada, era uma verdadeira amiga: compreendiam-se mutuamente. A outra, sua fiel servidora de tantos anos, andava com os olhos rasos d'água, arrastando-se de um cômodo para outro, orando pela sua recuperação. Dona Virgínia, sua mãe, resignada e paciente, escondia as lágrimas para que a filha não as visse, mostrando-se possuidora de um espírito superior, que sabia controlar-se, atendendo com solicitude as

recomendações do médico assistente, ao mesmo tempo que me dava conhecimento do retrospecto da enfermidade.

Nelly fora vítima de um descontrole da tiróide, quando tinha 31 anos de idade. O médico recomendou-lhe uma intervenção cirúrgica, depois da devida preparação, que consistia em receituário à base de iodo. Advindo, por duas vezes, um colapso, a pretendida operação foi adiada, constatando-se uma infiltração nos pulmões como conseqüência do ocorrido.

Dáí por diante, Nelly foi definhando até chegar ao estado em que se encontrava, embora submetida sempre a tratamento especializado. Tendo tido ciência, por intermédio do médico assistente, meu particular amigo Dr. Francisco Martello, de que era gravíssimo o estado de saúde da enferma, a qual, no seu entender, poderia sobreviver mais uns dois ou três dias, procurei amparar Nelly e confortar os presentes, dizendo-lhe:

- Meus amigos, a misericórdia do Pai não tem limites. Peçamos a Jesus, que é santo, é meigo e é bom! Tem o privilégio de curar e a chave do mistério no Divino coração. A graça do Pai em seu espírito. Jamais desenganou alguém.

Enquanto falava, começou a plasmar-se diante de mim a figura de um homem, que, descrita, foi logo reconhecida pelos presentes! Tratava-se do espírito do saudoso Benedito de Pádua leite, progenitor da enferma, que me viera dizer não poder ajudar sua filha, a despeito de sua boa vontade, por falta de forças...

- Estamos pedindo forças a Jesus - respondi ao amigo espiritual.

No mesmo instante em que lhe dava essa resposta, aparecia outro espírito, agora o de um médico. Consegui vê-lo perfeitamente. Era um homem alto, magro, de meia-idade, compenetrado de sua responsabilidade, cuja fisionomia deixava transparecer austeridade. Acompanhava-o outro espírito, o de uma senhora morena, gorda, jovial, caracterizada pela sua vestimenta como enfermeira.

O médico espiritual levantou Nelly em seus braços, mostrando-me as carnes já consumidas, o corpo como um punhado de ossos e, recolocando-a na


cama, afirmou que iria operá-la! O espírito do pai da doente acompanhava, com desvelo e alegria, o desenrolar dos acontecimentos, afirmando que o nobre e generoso cirurgião poderia salvar sua filha. Dona Virgínia, emocionada, ouvindo Nelly dizer que sentia a interferência dos espíritos em seu corpo e que, realmente, mexiam em seus pulmões, no ventre e na garganta, aguardava, impaciente e com justo júbilo, o resultado da operação. Procurava encorajar sua filha, aumentando-lhe a fé e a esperança no piedoso trabalho do médico operador, o qual, a mercê de Deus, continuava assistindo-a amenizando as dores e os inconvenientes polivalentes da enfermidade.

Os dias foram correndo. No limiar da graça, Nelly já se afeiçoara aos protetores, interrogando-os diretamente. Quando o espírito era anunciado, ela já o identificava, como no caso de Dona Mariana, sua prima, que aparecia sentada numa cadeira de rodas e de Dona Adélia, sua tia, que solicitava ao cirurgião esforços para curar sua sobrinha. A enferma chegou até a confessar a sua mãe que estava sendo acariciada por alguém e que via, nos pés de sua cama, um homem ajoelhado!

O que mais surpreendeu aos presentes foi Nelly sentir o movimento das mãos do cirurgião no interior de seu corpo, assim como, as picadas das injeções que a enfermeira lhe aplicava de vez em quando. Pediu para subtrair-lhe o catarro, que provocava a tosse e a dispnéia, sendo atendida! Vomitou uma quantidade impressionante de catarro. Pediu para desembaraçar-lhe o intestino, que estava preso, sendo também atendida. Era impressionante. A febre desapareceu. Nelly voltou a dormir, a sentar-se na cama, a alimentar-se melhor! A enfermeira espiritual continuava o seu lado, aplicando-lhe injeções e confortando-a. O médico foi embora.

Três meses se passaram. O estado de aniquilamento físico de Nelly era tal que ela pressentiu estar próximo o seu fim, sentindo, então, a necessidade de recomendar a sua mãe que não chorasse muito por ela e distribuisse, com os pobres, os seus pertences. É verdade que o esforço do cirurgião espiritual não pode recompor-lhe a vida na matéria, todavia, sem dúvida alguma, Nelly estava preparada para partir...

48 - O ENXERTO

 **V** encida a primeira fase dos trabalhos espirituais, as preces prosseguiram, em outras reuniões, agora, em favor de Dona Maria Augusta, uma senhora de idade avançada, de fina educação, instruída, vítima de paralisia crônica nas duas pernas, já ancilosas. De vez em quando, uma crise cardíaca, provocada por vários distúrbios de origem desconhecida, aumentava a inquietação de seus familiares e o médico era chamado, apressadamente, para auscultar-lhe o coração e eliminar a dor profunda, que surgira no pé e avançara pelo corpo da enferma, obrigando-a a gemer e pedir socorro.

Numa dessas ocasiões, o médico cirurgião, depois de examiná-la detidamente, meditou e, compreendendo a gravidade do caso, avisou a família de sua suspeita...

Na reunião seguinte, vários médicos espirituais apareceram, aos quais pedimos encarecidamente observar a doente. Eu os via ao lado dela. Em dado momento, notando que um deles segurava-lhe as pernas, perguntei:

- Dona Maria Augusta, que é que está sentindo?


Não obtive resposta. Insisti. Depois de dois minutos, respondendo à nova pergunta, afirmou que me ouvira da primeira vez, porém, uma força estranha a impedira de falar na hora! Sentira, realmente, mexerem em suas pernas.

Em outra sessão, os espíritos colocaram, numa prancheta improvisada, um papel em branco e nele fizeram um esboço do esqueleto da examinada em tamanho natural! Estudaram-no, assinalando, com uma pequena cruz de tinta encarnada, as fendas e imperfeições notadas. Prosseguiram na análise de suas observações quando apareceu, destacadamente, o espírito de Arigó, médium notável, que ainda não conheço senão através de fotografias e de um filme passado em vários lugares desta Capital. Convém esclarecer que, em se tratando do espírito de uma pessoa viva, ele e o seu guia espiritual não foram invocados pelos membros da mesa.

Depois de permanecer alguns instantes ao lado de Dona Maria Augusta, o espírito de Arigó chegou à mesma conclusão dos facultativos espirituais: a doente só poderia curar-se mediante enxertos nas cavidades desgastadas, assinaladas no referido esboço, todavia esse trabalho somente poderia efetuar-se com ordem superior! Em seguida, os médicos reduziram o esboço em apreço ao menor tamanho e, antes de desaparecerem, o encaminharam para o alto...

A enferma, por várias vezes, sentiu-se tocada pelos espíritos, anunciando que notava, realmente, em seu corpo estranha sensação e, não obstante aguardar pela ordenação divina, continua vivendo resignada...

49 - NÃO É MILAGRE, É CIÊNCIA

 O deslumbramento da obra que os espíritos, iluminados pela luz divina, realizam neste planeta, baseados em seus profundos e misteriosos conhecimentos, é inacreditável. Só mesmo aqueles que têm o dom de divisar, pela vidência, a realidade de uma intervenção espírita no corpo humano, podem, embora surpreendidos também, atestar não só a eficiência do resultado como a técnica espiritual empregada para alcançar o objetivo.

O fenômeno a ser relatado provocou a admiração do próprio médium que observou o trabalho carinhoso e eficaz da equipe médica até o seu término, repetindo as palavras de instrução ao paciente, o qual estava cheio de esperança, enlevado pelo altruísmo da prova.

O meu particular amigo, Sr. Dr. José Martins de Almeida Castilho, recém-casado, consultor jurídico do Centro Espírita Ubiratan e de várias outras instituições assistenciais, quando perdeu seu pai, ficou inconsolável e acabrunhado, em profundo abatimento, não obstante as minhas constantes e carinhosas palavras de consolação, muitas vezes inspiradas pelos espíritos. Nessa ocasião, querendo confortar melhor o bom e generoso amigo, tirei da lapela do meu paletó a medalha do patrono espiritual do Centro e lha ofereci como lembrança, pedindo a Ubiratan que o protegesse.

O tempo, como sempre, foi o grande remédio, aos poucos apagando a mágoa e renovando-lhe a alegria de viver, a qual foi completada com o nascimento da primogênita.

Em 1961, o Dr. Castilho, de súbito, adoeceu. Começou a sentir uma estranha e violenta dor no braço direito, que se prolongava até as extremidades dos dedos, com grande sensibilidade sobre as unhas; depois, alastrava-se pelo pescoço e pelas costas, impedindo-o de sentar-se, de mover a cabeça e de deitar-se.

Esses movimentos faziam recrudescer a dor apesar dos remédios receitados pelos médicos especialistas. Seu sofrimento sobrepujava os sedativos de forma que o uso destes não proporcionava o desejado descanso, ao contrário, aumentava o mal-estar, causando maior abatimento pela sensação de fraqueza proveniente do emprego dos soporíferos.

O Instituto de Radiologia Clínica diagnosticou: Região examinada - Coluna Cervical. Relatório nº 87.542, de 28.07.1961: Cifose cervical. Redução dos espaços C4-C5 e C5-C6, com osteofitose bilabiada anterior. Aspecto sugestivo de sofrimento discal dos espaços citados.

O médico proibiu, então, o paciente de erguer ou carregar qualquer peso, até mesmo a sua máquina de escrever, e guiar automóvel. Quanto aos esportes de sua predileção, que fossem esquecidos para sempre.

Suportando toda sorte de tratamento médico especializado, inclusive o denominado “tração” (aparelho destinado a provocar a distensão da espinha, colocando-a no lugar), durante quatro intermináveis meses, o Dr. Castilho continuava prisioneiro de seus padecimentos. As perspectivas de cura, a essa altura, já se apresentavam sombrias por isso o médico não viu outra alternativa senão aconselhar a utilização de um colete de gesso ou de outro material sucedâneo, durante um ano, no mínimo; caso não tivesse êxito, seria necessária uma intervenção cirúrgica.

Aconteceu que sua esposa, remexendo uma gaveta do escritório, encontrou, por acaso, a medalha de Ubiratan e lembrou-se, então, de apelar para os amigos espirituais. Daí a iniciativa de formar-se uma corrente.

Realizada a primeira reunião, da qual participaram o paciente, eu e mais duas pessoas de sua família, apresentou-se o espírito de um médico, acompanhado de sua enfermeira. Ele, branco, alto, trajado com indumentária muito antiga (casaca e chapéu de coco), sorria; ela, branca, gorda, parecendo estrangeira, portando um avental branco, estava em atitude atenciosa. Não informaram seus nomes.

A corrente foi formada sem incorporação. O espírito ditava as palavras que eram por mim captadas e transmitidas ao interessado sendo as imagens esclarecidas pela vidência.

- De que se queixa o amigo? - perguntou o espírito do médico.

O paciente respondeu, relatando minuciosamente tudo quanto sentia, assim, como, todo o tratamento médico a que estava sendo submetido.

O espírito, impassível, ouviu o relato e, em seguida, disse:

- Vou curá-lo mas quero deixar claro que não se trata de milagre e sim de ciência ainda desconhecida dos médicos da Terra. Por isso e para que não haja dúvidas, suspenda, a partir de agora, toda a medicação e tratamento. Observe a seguinte dieta: cozidos, especialmente a cebola, carnes magras, verduras e frutas não ácidas. Exclua de sua alimentação pimenta, carne de porco e derivados, bacalhau e álcool. Além disso, obedeça as seguintes instruções: durante seis dias tome água de coco, um por dia; nos seis dias seguintes, suspenda a água de coco e tome seis coalhadas, uma por dia; em seguida, suspenda a coalhada e tome, durante seis dias, caldo de canjica, cozida sen leite; finalmente, suspenda o caldo de canjica e passe a ingerir uma colher de chá de mel de abelha, às refeições, durante seis dias.

As reuniões se processaram durante trinta dias, três vezes por semana. Na segunda reunião, o médico espiritual comunicou ao Dr. Castilho que ele iria dormir uma hora seguidamente, o que realmente aconteceu. Dois outros espíritos, sentados nas poltronas da sala, onde estava sendo realizado o trabalho, assistiam à atividade do clínico, o qual, com luvas de plástico, puxava a espinha do paciente para o lugar certo, prendendo-a com um aparelho de prata e um fio semelhante ao cabelo humano e lubrificava-a com óleo misturado com um pó amarelado; entrementes a enfermeira aplicava, por ordem do facultativo, uma ampola de injeção em seu braço.

Terminada a reunião em apreço, após a despedida do médico e de sua enfermeira, um dos espíritos presentes afirmou:

- Se vocês pudessem avaliar a grandeza do espírito que acaba de sair, saberiam que nem de rastos poderiam chegar aos seus pés!

Sempre que novas reuniões se realizavam, os espíritos do médico e sua enfermeira compareciam. O facultativo, rotineiramente, examinava a espinha e retirava o aparelho de prata a fim de verificar se a mesma já estava em seu lugar. Observando que persistia a anomalia, agora em menos escala, oleava novamente o local e recolocava o aparelho, ajustando-o e mantendo com o Dr. Castilho conversação, enquanto trabalhava.

- Como se sente? - indagava

- Muito melhor, doutor.

- E como vai o seu calcanhar?

O Dr. Castilho recebeu a pergunta com surpresa e indisfarçável contentamento porque a indagação, que formulara o espírito, revelava um fato ainda desconhecido dos presentes e do qual não havia se queixado, pois efetivamente, suportara, com resignação a dor de seu calcanhar há mais de dez anos!

O médico sorriu e, partindo uma ampola como as que são usadas na terra, derramou o líquido em uma gaze e friccionou o seu calcanhar. Disse-lhe o médico:

- Não terá mais dor nos pés. Está próxima a sua cura definitiva. Poderá, dentro em breve, voltar à vida normal. E quero dizer-lhe mais. Irão ocupar um cargo importante, para servir à coletividade e, sorrindo, ainda acrescentou: se a minha cartola não fosse tão antiga eu lha daria mas a sua cartola será moderna!

Com essas palavras, o médico não só anunciava o seu completo restabelecimento, antes de terminadas as reuniões como, também, predizia a sua projeção na vida pública.

Com efeito, a diminuição das dores se acentuou a cada reunião e a duração do sono aumentou até que, ao cabo de trinta dias, já liberto da dor, voltou a dormir seguidamente de seis a oito horas. Na última reunião, o médico espiritual deu alta ao paciente, recomendando-lhe que, durante as refeições, tomasse um cálice de vinho do Porto e retomasse a sua vida normal, sem receios, pois já estava livre do mal.

O Dr. Castilho que ouvira dos médicos da terra a recomendação de que não mais pensasse na prática de esportes, como, por exemplo, nadar e remar, não teve dúvida, ante a cura que alcançara, em pôr à prova o seu estado físico, indo nadar no canal de São Sebastião, após mergulhar, sem medo, no mar. Nadou até sentir cansaço mas não sentiu dor.

E, assim, certificou-se de que estava realmente curado. A outra predição do espírito também, se realizou, depois de decorridos vários meses. Efetivamente, Dr. Castilho alcançou um lugar de projeção na vida pública bandeirante. Dando por concluída sua missão, na última reunião, o espírito do médico, ao despedir-se, surpreendeu-nos com este belíssimo e impressionante ensinamento:

- Há no Céu um tesouro que não é de ouro nem prata, nem está fechado na burra. Cheio de graça e virtude, só pelo amor se alcança!...

50 - COMO SE EXPLICA ISSO?



O médium quando extraordinariamente excitado, pode ser surpreendido pela presença de um espírito que deseje comunicar-se e, nessa ocasião, começa a afluir a sua mente o texto da mensagem.

Foi o que aconteceu um dia, em meados de 1962, quando, em minha residência, descansava em uma poltrona, logo após a refeição.

Na manifestação improvisada, o espírito afirmava não ser filósofo, nem astrólogo, não ser cego, ver o patrimônio do Universo, a fúria dos elementos, a paisagem colorida da vegetação impiedosa, que surge em todos os quadrantes...

Não compreendia Deus senão como criação do homem, que idealizou o princípio e entendeu, em sua imaginação, que deveria haver o Artífice, cuja capacidade impenetrável de saber seria a senhora absoluta de um bem, indiscutível e perpétuo, o qual, segundo a Sua vontade apocalíptica, revolucionava o teatro das operações do Universo.

Começou a justiça dentro e fora do plano terreno, dando testemunho do que via no plano espiritual: a mesma incerteza reinante na vida carnal! Espíritos fanáticos estavam aguardando uma época para libertar-se, esperando a salvação

prometida há centenas de anos sem que o tempo os convencesse de que estavam errados, como ociosos e místicos indolentes.

Outros, trabalhando com afinco e dedicação na tarefa do bem, acreditavam na remissão dos pecados pela caridade, assistindo seus semelhantes, quer no corpo, quer no espírito, desejosos de alcançar a prometida felicidade, atitude que tomaram pela convicção da fé que abraçam.

Embora socorrendo o amigo contristado ou o doente desconhecido, com eles se irmana, sentindo as mesmas dores e sofrendo, por conseguinte, na realização do bem, a indecifrável incógnita da justiça remota ou contemporânea!

Lava-se a roupa, no tanque, com sabão para torná-la limpa e solta-se a água nos desvãos dos encanamentos. Todavia, depois do trajeto de muitas léguas nas entranhas da terra, a água se torna pura e saborosa!

Um raio fulmina um homem que caminha sereno para o trabalho e não atinge o assassino frio que elimina sua vítima!

Como se explica isso?

Não será o mistério que a nossa ignorância mistifica?

E o espírito continuou a divagar...

E eu adormeci...

51 - A ENTREVISTA

Fazendo uma ligeira visita ao próspero município de Poá, subúrbio de São Paulo, servido pela Estrada de Ferro Central do Brasil, em companhia de um amigo, advogado e confrade, tive um encontro fortuito com um cidadão no Paço Municipal. Começamos a falar sobre o progresso da localidade. A cidade apresentava aspecto alegre, favorecida por um bonito dia de sol, embora soprasse um vento frio e impertinente.

A conversa enveredou pelo lado religioso. Confessando-me espiritista, fui aconselhado a visitar uma família conceituada, nas imediações, que realizava sessões espíritas. Batemos à sua porta. Atendeu-nos uma senhora de cabelos grisalhos e de idade avançada que, de pronto, perguntou com quem tinha a honra de falar. Identificados, fomos convidados a entrar.

Começamos, então, a entrevista. Dizendo chamar-se Vitorina e ter 71 anos de idade, amável e diligente, exibiu-nos o trabalho que executava, juntamente com uma menina, constante de confecções para fora, tarefa que desempenhava para ajudar os seus. Em suas horas de folga, também, costurava, gratuitamente, para os pobres, preparando, em particular, enxovais para bebês. Meu amigo e eu admiramo-nos da sua faculdade de raciocinar com rapidez e de assimilar o que

dizíamos com uma facilidade incrível e invejável! Parecia uma moça no fulgor dos seus anos!

Enquanto Dona Vitorina falava, notei a presença do espírito de um homem alto, corpulento, vestido humildemente, e se apresentava com os olhos fechados, dando-nos a impressão de ter sido vítima de cegueira. Amparava-se com uma bengala e tinha o semblante de pessoa equilibrada. Não foi reconhecido por Dona Vitorina.

Solicitando a relatar alguns fatos do conhecimento da família, falou do trespasse de um ciclista, ocorrido em um desastre, o que, realmente, aconteceu com pessoa amiga e mui querida na localidade. Disse mais o espírito que a filha da dona da casa estava sendo perseguida por um inimigo, que lhe atacava os pés e, nessa ocasião, pressionava suas pernas no intuito de causar-lhe embarços. Dona Vitorina confirmou imediatamente, dizendo que sua filha destroncara o pé e, atualmente, sentia uma inexplicável anormalidade nas pernas. Lamentou que ela e seu marido não estivessem presentes mais iria comunicar-lhes essa vidência.

Depois, apareceu outro espírito, cujos traços fisionômicos foram reconhecidos por Dona Vitorina como sendo de seu marido, o qual me mostrou um jornal com mancha de tinta preta (borrão), o que, na simbologia, significava a recordação de uma notícia infeliz... Imediatamente, a nossa entrevistada ligou o fato do borrão com o ocorrido, há mais de 30 anos, noutra cidade do Interior, onde residira. Contou então que um homem de cor, muito chegado à família, envolvera-se em briga num bar vizinho de sua casa, de onde se ouviram os gritos e a algazarra da luta. Seu marido acudiu, porém, sem tempo para prestar-lhe qualquer socorro, pois o amigo jazia ao solo, sem vida. Efetivamente, esse crime foi fartamente noticiado pela Imprensa.

Continuando, o espírito apresentou novo fato, mostrando um saco de terra que viera ter às mãos de Dona Vitorina. Demonstrando sua alegria em face dessa nova revelação, a dona da casa confirmou que, realmente, recebera, há muito tempo, um pacote de terra do Paraguai, que lhe fora trazido por pessoa

de suas relações. Por insistência de sua filha, havia jogado, no dia anterior ao da nossa visita, a referida terra no jardim de sua casa.

A palestra estava bastante agradável, contudo, em vista do adiantado da hora, precisamos dar por encerrada a nossa entrevista.

52 - O SANATÓRIO JESUS

Seria interessante que os leitores conhecessem o esforço dos abnegados companheiros que construíram na explanada da rua Santa Luzia, em Cruzeiro, no Estado de São Paulo, o Sanatório Jesus. Trata-se de entidade filantrópico-assistencial para tratamento de doenças psíquicas, nervosas e toximaniacas, instalada com farmácia, gabinete médico, enfermaria, lavanderia, refeitório e todas as demais dependências exigidas para o fim colimado. Seus cômodos são espaçosos e arejados.

Em vista de o referido Sanatório estar localizado em lugar alto, a água da cidade não consegue alcançar o seu reservatório, o que exigiu a perfuração do solo, em profundidade, com grande dispêndio, no intuito de se conseguir o precioso líquido para o seu abastecimento.

O Sr. Lázaro Costa, seu presidente, e sua equipe infatigável estão trabalhando com dedicação para solucionar, dentro de suas possibilidades, os problemas existentes.

Por ocasião da visita inesperada que lhes fizemos, eu e o meu particular amigo, advogado e confrade, Dr. José Martins de Almeida Castilho, pudemos notar detalhes que demonstram o empenho do trabalhador espírita na consecução

ção de sua obra caritativa, a despeito de encontrar sempre adversários, políticos ou religiosos, que insistem em não compreender, indistintamente, a caridade que apaga a multidão de pecados, conforme pregou o Apóstolo Paulo. É pena que não ajudem, em sua cidade, uma obra tão maravilhosa, relegando-a a plano secundário.

Com capacidade para abrigar cerca de 150 pessoas, o Sanatório apenas mantinha em tratamento vinte e poucas internadas pois não possuía numerário para manutenção maior.

Encontrei, detida em seu quarto, uma jovem de 17 anos, chamada Maria Luísa de Camargo que, segundo a medicina oficial, sofria de esquizofrenia hebefrênica. Desejoso de vê-la pessoalmente fui prevenido de que a moça atacava violentamente, de modo inesperado, quando se irritava. Os assistentes de plantão Srs. Lúcio Teixeira, Licínio Pereira Lima e Dona Anna Motta Lima abriram o quarto e convidaram a Srta. Maria Luísa a ir até o refeitório.

Tratava-se de uma moça simpática, de cor branca, morena, de altura regular e aspecto simples. Apertei-lhe a mão, cumprimentando-a, e perguntei o que sentia.

- Dor de dente - respondeu

Segurei-lhe as duas mãos e pedi a Nosso Senhor amenizar a sua provação e que a minha visita não fosse em vão. Quando comecei a orar, pedindo pela sua sorte, ele, espontaneamente, repetia as minhas palavras em voz alta, causando admiração aos presentes. Disse-lhe, então:

- Maria Luísa, caminha em direção à parede e volta até debaixo de minhas mãos para receber a caridade.

Fui obedecido.

- Roda para a direita e depois para a esquerda - o que ela fez humildemente.

- Maria Luísa, dá-me um abraço que eu preciso ir embora.

Abraçou-me.

- Todas as vezes que a tristeza invadir-lhe o coração - disse-lhe - procura suportar com resignação, chamando sempre o espírito amigo de Ubiratan para consolá-la até que Nosso Senhor, Maria Luísa, lhe restitua a liberdade. Adeus!

53 - O FLAGELADO



A escrava, largada a um canto da palhoça, trazia com as mãos o capim seco para junto de si a fim de, na cama improvisada com seus trapos, acomodar-se de maneira discreta, deixando um lugarzinho ao filho recém-nascido, o qual herdara de seu pai, homem escravizado, os traços fisionômicos e a pujança vigorosa de seus nervos.

A mãe zelosa de seu ser, olhando em volta de si desconfiada, acariciava o filho, observando-lhe os olhos grandes e bonitos, semelhantes aos do pai, quando tiveram permissão para juntar-se, pois a seu senhor convinha mais escravos...

Despertada de seu êxtase materno pelo ardiloso e malévolo feitor, tinha que levantar-se para o trabalho rude e impiedoso, deixando na senzala o filhinho abandonado. com fome, sujo, desagasalhado e choramingando, o menino acabava por adormecer. O pai não tinha o direito de pensar nele porque, quando interrompia, por um instante, a sua malsinada tarefa, o pensamento lhe custava vergastadas para que não diminuísse o resultado previsto da colheita.

Crescia o menino provocando o desespero de seus pais, que o aconselhavam o mais irrestrito respeito e obediência ao seu senhor, como medida de

defesa e precaução. O tempo continuava sua marcha. O moço, agora sem contato com os pais, que desapareceram, sofria intimamente a amargura da imposição de um serviço penoso e, de nenhum modo, podia evitar as constantes surras que levava de chicote sob a alegação de não estar correspondendo ao que dele se esperava!

As rações de sua alimentação eram diminuídas, por castigo. Apelar para o próprio verdugo significava novas chicotadas, enchendo-lhe o corpo de feias cicatrizes. Seus pés se tornaram monstruosos, tal a cadeia de calosidades que os envolveu, como se o sofrimento os quisesse calçar!

Suas mãos eram tão grossas que os espinhos e alfinetes não mais as molestavam!

Envelhecendo prematuramente, cansado, deprimido, deformado e imprestável, ficou ao abandono, vivendo da misérrima sobre da farinha dos escravos. Fugindo da meditação que o torturava, revoltado e descrente, lamentando o sacrifício de seus saudosos pais, cujo destino ignorava, não tendo alguém com quem desabafar, o escravo sofrido, triste e acabrunhado, começou a definhar, suportando, calado o seu martírio.

O anjo bom veio dar um paradeiro à sua desdita! A morte lhe deu descanso! Seu sono foi profundo, durou um século e quando o espírito, refeito, esquecera ofensas e agravos, que alívio, que deliciosa alegria experimentou!

Preto, magro, alto, com a cabeça enrolada por um pano branco, diligente e humilde, revestido de seu perispírito, Pai Tomé, já depurado pela nobreza de sua alma, na aparição do seu espírito, em plena sessão da Casa de Ubiratan, mostra-se disposto e pronto para o trabalho da caridade. Lembra, ainda, a flagelação do seu passado, porém, sem dores nem opressão, apenas como bagagem de sua experiência e evolução, demonstrando o desejo ardente de socorrer, sem demora, todos os irmãos necessitados!

MENSAGENS DE UBIRATAN

“COM A ADEÇÃO DE UNS E O EXPURGO DE OUTROS
MINHA CASA SE MANTERÁ E PROGREDIRÁ.”

(Mensagem transmitida pelo espírito de UBIRATAN)

“É TÃO FORTE O DESESPERO DA PASSAGEM COMO É
AUSPICIOSA A ALEGRIA DA SOBRE VIVÊNCIA.”

(Mensagem transmitida pelo espírito de UBIRATAN)

“O MEU AMOR É PURO
COMO PURA É A RAIZ DO JATOBÁ.”

(Mensagem transmitida pelo espírito de UBIRATAN)

SEGUNDA PARTE
MENSAGENS ESPIRITUAIS

1 - FRATERNIDADE

Há, na rotina da vida e no roteiro do Centro, elementos que, inimigos, se tornaram fiéis em consequência da aflição dos males que a todos atormentavam.

A missão dos mensageiros, de coordenação e fraternidade, está sendo trabalhada no sentido de desarmar os espíritos, infundindo-lhes o temor de Deus nas primícias do bem, acenando-lhes com o desaparecimento de doenças que perturbam demais suas cansadas vibrações de incontinência e incredulidade.

Outro elemento há que, despojado de seus bens, sem imaginação criteriosa da distribuição da herança que lhe toca ou do trabalho rude que lhe cabe no testamento Divino, frio, cético, improdutivo, calculista, começa por examinar o balanço financeiro, interessando-se na multiplicação das cifras como veículo do interesse humano, avesso às graças e, incompreendido na possibilidade do deslumbramento futuro, aniquila o trabalho do seu semelhante com invectivas e malsinações, esperando da confusão e do arrefecimento destruir a obra que estamos anonimamente estimulando.

Não haja, por parte dos trabalhadores, medo, incontinência ou dubiedade no desempenho do prolongamento de sua tarefa ou do novo e nobilitante encargo da nova equipe, que os Espíritos que apoiam a boa vontade dos encarnados, na missão evangelizadora de purificação das almas em martírio, estão atentos aos fatos, trabalhando no sentido de atender a todos na possibilidade de sua assistência, convocando e valendo-se dos mais fortes contra os fracos e os mais débeis, todavia, abrindo a porta dos ensinamentos apostólicos aos delinqüentes, que, verdadeiramente arrependidos, queiram aliar-se aos postulados do bem, marchando na retaguarda, impressionantes, firmes e resolutos, como guardas de honra.

Assim sendo, meus caros e destemerosos irmãos, não olvideis a censura necessária à corrigenda dos vossos atos e esforçai-vos para que haja, entre vós, a fraternidade, bastião de triunfo seguro para remissão dos vossos pecados, caudal imensa de lantejoulas nos olhos perpetuamente abertos das almas imortais, que aguardam, com serenidade no ostracismo secular, o sermão profético da força inquebrantável de Jesus.

Mensagem transmitida pelo espírito de Uru, através do médium Romualdo Joaquim Martins, em 13 de janeiro de 1953, no Centro Espírita Ubiratan.

2 - A FESTA DE RECONCILIAÇÃO



O mundo há de se voltar um dia, meu filho, para Deus! Não há motivo de tristeza senão para aquele que não tem compreensão da jornada. Todos os teus dias são cheios porque o teu cérebro invoca o teu Deus e o seu mensageiro, mais humilde e incógnito, atíça fogo à vibração perpétua...

A tua casa e os teus não compartilham, senão de longe, com o teu entusiasmo, todavia, as tuas palavras e a grandeza de tuas vibrações vão se armazenando no cérebro de cada um deles e ficarão guardadas como relíquias. Os teus ajuizarão, mais tarde, a obra que consolidou a parede vertical, apoiada nas pedras rudes e sólidas do princípio do teu espírito, por causa dos motivos que se consolidaram na vida de outras pessoas, praticantes ainda indecisas da fé espiritual.

O teu espírito está fadado ao triunfo da prova porque tu conseguiste, no proselitismo indiferente dos teus observadores detratores, levantar a prova insofismável que a tua mediunidade, aproveitada pelo Guardião-Mor do teu saber, tem demonstrado.

Aplica-te, pois, ao trabalho da caridade e, como cicerone, inclina o teu ouvido e indica o caminho àqueles que, por princípio e substância, estão te acompa-

nhando. Há fatos lúcidos deste mundo, de grande envergadura, que tu já trouxeste ao conhecimento dos consulentes, todavia, não era possível confessá-lo...

Nas fronteiras do Além, observadores espirituais estão permanecendo em vigilância, devido ao critério que tens adotado e os mais caros e sisudos tem encontrado, na tua casa, a atenção e bem-estar, sem, contudo, compreenderem como, em esferas diferentes, estão sendo atraídos realmente. O amigo, que está transmitindo esta mensagem, está muito satisfeito com o teu trabalho, sentindo, como tu, que os outros, que nele tomarem parte, se afastassem por meras e injustificáveis evasivas, porém, todos eles sabem e não duvidam que tu estás, realmente, cercado pelos espíritos, um dos quais, mais falado entre todos, o de Ubiratan, que emprestou o seu nome à denominação da Tenda.

Há inúmeras pessoas, Romualdo, que desejam inspirar-se nos trabalhos realizados nas práticas de terças e sábados, porém, fora da tua corrente, não conseguem a mesma vibração impetuosa e noticiários que exaltem a reunião!

Parabéns a ti, cercado de teus amigos espirituais de outras eras, reunidos novamente neste mundo, pelo êxito alcançado diante dos espíritos que estão sendo chamados para testemunharem a entrega dos presentes a seus filhos abandonados e a braços com a miséria transitória deste mundo!

Enternecidos com a dedicação e espontaneidade do teu trabalho, junto das almas caridosas e amigas que te cercaram no passado e se aliaram no presente, sentem-se desejosos de cooperação nas visitas de ajuda, na Festa de Reconciliação.

As sombras benditas da iluminação, Romualdo, estarão presentes à Festa, na expressão do significado, a Festa do Agasalho, assim como estiveram presentes à Festa da Costura. Deixo aqui consignado o meu abraço a todos vós, participantes dessa Obra, encorajando-vos para uma tríplice aliança, já preparada no espaço de Deus.

Mensagem transmitida pelo espírito de H. J., através do médium Romualdo Joaquim Martins, em 12 de junho de 1953, no Centro Espírita Ubiratan.

3 - A PROFECIA DE ACARÉ

Estou confiante na vitória da causa abençoada. Razão não existe para que voltemos ao passado. As vítimas de outrora, não os mártires, mas os humildes, os que sofreram e morreram tristes, sem queixumes, estão hoje preparados para, do mesmo jeito anônimo e feliz, assistir espiritualmente seus irmãos, que serão invencíveis diante da fortaleza da verdade.

O mundo, que os esqueceu como vândalos e intrépidos mendigos, há de lembrar-se deles com flâmulas cristãs e preces fervorosas de assistência e de amparo, em face do sofrimento, da angústia e do temor da morte causticante.

Fome, miséria e solidão. Caminhos vãos e estradas desertas importunarão o olhar daqueles que, desprezando o espírito e as provas manifestas, sofrerão a cegueira da esperança e o malogro da impostura do seu saber.

Eu sou Acaré

Mensagem transmitida pelo espírito de Acaré, através do médium Romualdo Joaquim Martins, em 19 de abril de 1957, no Centro Espírita Ubiratan.

4 - IMPRESSIONANTE PEDIDO DE UBIRATAN



Ó Deus! Revigora o teu servo para que ele possa, ao meu lado, na sua missão, continuar a dirigir o trabalho. Eu te peço com fervor uma ajuda para o meu irmão lavar-se no fluido puro da Grã-Cruz. Revigora, meu Senhor, não há idade mas tempo!

Atrevo-me a fazer este pedido por seu próprio intermédio para que ele tenha conhecimento desse meu desejo de continuar o trabalho da caridade.

Não negues, ó Senhor, o que o teu servo pede de rastros, numa angústia inconsolável, se não for deferido. Ele nunca esquece, Senhor, da minha casa, mesmo doente e cheio de afazeres mundanos.

Ao teu servo, que põe o ouvido no chão do planeta, proporciona forças para, com seu médium, dar provas de encantamento e real prestígio espiritual, pelo testemunho que está prestando na data que, para eles, recorda o sacrifício da tua Paixão!

Mensagem transmitida pelo espírito de Ubiratan, através do médium Romualdo Joaquim Martins, em 19 de abril de 1957, no Centro Espírita Ubiratan.

5 - O AMOR



O amor é uma chama viva e ardente que empolga os espíritos. É continuado, insinua-se pela graça, pelo comedimento e susceptibilidade. Firma-se como uma rocha e se infiltra nos corações amadurecidos como um tênue fio de água cristalina. Não é impetuoso, nem atrevido, porém, meigo e convincente. Tolerante na aspereza e virgem no ocaso como foi no nascedouro. É quente, demasiado forte na sua simplicidade e no seu objetivo. Dá prova segura de seu involuntário destemor na ocasião em que o sacrifício requer o martírio. Coragem e acesso ao superior entendimento quando menosprezado pelos observadores indiscretos.

Ele, o amor, é como o lume da sarça, na qual o vidente viu o fulgor e a luz, não se precipitando na análise do fato, no momento, mas se surpreendendo com a grandeza do empreendimento varonil do plano espiritual, para poder aquecer, sem queimar, a pessoa que estava compenetrada, na ficção do seu pensamento, empreendendo uma viagem pelo destino desconhecido, na sublime encenação do seu sonho de amor!

Mensagem transmitida pelo espírito de Oscar, o enviado, através do médium Romualdo Joaquim Martins, em 20 de abril de 1962, no Centro Espírita Ubiratan.

6 - A GLÓRIA DO PERDÃO

O Natal oferece, aos meus diletos irmãos, a oportunidade feliz de recapitular, na lembrança afetiva, o nascimento do grande e humilde Senhor, que muito nos ama e nos venera! Não é só nos recantos da Terra, nos ares e na superfície dos mares que se trocam os presentes e os cumprimentos risonhos do festivo dia de Belém! Haveis congregado os vossos humildes e pequeninos para o dia alegre do banquete, servido por vós outros, na seqüência da vida e folga do trabalho.

Regozijai-vos, filhinhos, pelo honroso mérito da graça que vos foi concedida e daí, de coração e de espírito, o vosso exemplo de fé e de dignidade cristã. Caridade, meus amigos, é tirar do amargor do coração alheio a ruína, a inveja, o ciúme e a maledicência. É enxertar o volume do bem no vácuo e fulgir o cérebro com pensamentos cheios de evangelização, de harpas e harmonias, que possam transformar a tristeza em alegria, o tédio em dinamismo e a ociosidade em trabalho.

Não é só nos recantos da Terra, repito. Na Grande Morada e nas Casas iluminadas pela presença dos anjos, também se preza e se exalta o nome do Senhor, que, nesse dia, permite o reencontro e a visitação daqueles que se busca-

vam na ânsia indefinida de uma oportunidade! No quartel impiedoso dos seus dias de crime, ainda encontrarão, pela misericórdia divina, a glória do perdão!

Viva, irmãos, o Grande Iluminado de Nazaré!

Eu sou Acaré

Mensagem transmitida pelo espírito de Acaré, através do médium Romualdo Joaquim Martins, em 8 de dezembro de 1960, no Centro Espírita Ubiratan.

MEMÓRIAS DE UM MÉDIUM

de Romualdo Joaquim Martins

O Autor, humilde e generosamente, descreve com clareza e simplicidade as mais variadas e instrutivas mensagens dos espíritos que, tão vivos quanto nós, relatam realidades que somente os inscientes do assunto desconhecem.

Relatos repassados de realismo, que a muitos podem parecer fantasiosos pela falta dos conhecimentos próprios de tais assuntos, deixam rastros indeléveis de fatos que ilustram a perpetuidade da vida !

Deixa o Autor entrever uma série numerosa de comunicações que bem retratam a sinceridade de sua afortunada mediunidade, como instrumento precioso de lições aos encarnados, assim como matéria para meditação e estudo por parte de quantos se dedicam às pesquisas do espiritismo.

As almas que desfilam através da mediunidade do Autor, numa esplêndida demonstração da vida do espírito após o desencarne, provam que a morte realmente não existe e que jamais deverá atemorizar os homens do presente século, pois hão de despertar definitivamente para as esplendências da vida imortal.

Demonstrando fatos reais da vida cotidiana, os espíritos manifestantes conseguem atingir a mente do leitor, deixando-lhe o coração repleto de emoções.

Lições diversas ficam a bailar no raciocínio do leitor, que induzem a reflexões profundas no sentido de abrir-lhe novas perspectivas de aperfeiçoamento espiritual.

Mais uma réstea de luz na seara resplandecente que ilumina os caminhos da eternidade, representa este livro que enriquecerá, por certo, a literatura espírita.

São Paulo